

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

Renée Louise Gisele da Silva Maia

**MEMÓRIAS DA HOSPITALIDADE: um estudo sobre dinâmicas,
significados e inferências de encontros em hospedagens comerciais
domiciliares de Santa Teresa (RJ)**

Rio de Janeiro

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

Renée Louise Gisele da Silva Maia

MEMÓRIAS DA HOSPITALIDADE: um estudo sobre dinâmicas, significados e inferências de encontros em hospedagens comerciais domiciliares de Santa Teresa (RJ)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social

Orientadora: Edlaine de Campos Gomes

Linha: Memória e Espaço

Rio de Janeiro

2014

Maia, Renée Louise Gisele da Silva.
M217 Memórias da hospitalidade: um estudo sobre dinâmicas, significados e inferências de encontros em hospedagens comerciais domiciliares de Santa Teresa (RJ) / Renée Louise Gisele da Silva Maia, 2014.
123 f. ; 30 cm

Orientadora: Edlaine de Campos Gomes.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Turismo - Santa Teresa (Rio de Janeiro, RJ). 2. Hospitalidade.
3. Representação (Filosofia). 4. Memória - Aspectos sociais. I. Gomes, Edlaine de Campos. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 981.153

MEMÓRIAS DA HOSPITALIDADE: um estudo sobre dinâmicas, significados e inferências de encontros em hospedagens comerciais domiciliares de Santa Teresa (RJ)

Renée Louise Gisele da Silva Maia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social

Aprovada em:

Banca

Profa. Dra. Edlaine de Campos Gomes

(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO - Orientadora)

Profa. Dr. Javier Alejandro Lifschitz

(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO)

Prof. Dra. Bianca Freire-Medeiros

(Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Deus, por ter me capacitado para chegar até aqui. À minha mãe Ruth e minha irmã Renata, que tanto me apoiam, compreendendo com carinho minhas jornadas diárias de muita leitura e reflexão. Ao amor da minha vida e meu futuro marido Felipe, pelo suporte sempre presente e amor incondicional. À minha orientadora Edlaine, pela paciência e prestatividade vindas mesmo de outro continente. Aos meus parceiros de mestrado Sônia, Marcos, Erick, Lucas, Juliana e Fernanda, pela melhor turma de mestrandos do PPGMS. À Eliane, por nunca ter desistido de mim. À minha amiga querida Aline, pelas inúmeras lembranças em dias de prova e de nervosismo. Ao meu companheiro de discussões filosóficas Dan, por compartilhar comigo sua paixão pela hospitalidade. À Raquel e à Fabiana, por terem me preparado para cumprir novas etapas. Às queridas professoras Camila e Amália, por lerem infinitas vezes minhas palavras e perdoarem minha constante ansiedade. À prof^ª. Dr^ª. Bianca Freire-Medeiros e ao Prof. Dr. Javier Alejandro Liftchitz pela disponibilidade e pelo apoio com suas participações em minhas bancas de qualificação e defesa. Ao corpo docente do PPGMS por terem dado voz a uma turismóloga encantada com a memória. Ainda em agradecimento, dedico este trabalho a todos que já perderam as esperanças e as reencontraram.

“Envolvi nos teus braços
Os abraços da criança
Para que dádivas da infância
Não escapassem por um triz

Conheci em ti disfarces
De retratos e paisagens
Em leituras e lugares
Dos contronos mais sutis

Vim a teu presente encontro
Buscar de tua sabedoria
Livrar-me da demasia
De contar tudo o que diz

Se estou, então, envolta
Nos meus fugazes momentos
Peço-te, não me isento
Guarda-me, por hoje, feliz

E em tua volta, lembra-te, enfim:
Como nostálgica lembrança
Ou a mais cruel cicatriz
Incansáveis visitas lhe fiz.”

“Memória” - Autora.

RESUMO

Marcados pelas complexas interfaces entre consumo e intimidade, hospedagens de tipo “cama e café” transcendem lógicas e domínios. Com o objetivo de compreender os encontros entre hóspedes e hospedeiros decorrentes em estabelecimentos deste tipo localizados no bairro de Santa Teresa, esta investigação buscou descrever e interpretar suas dinâmicas, seus comportamentos e seus significados. Assumi as memórias elaboradas por anfitriões como elementos dinâmicos e processuais, tomando suas parcialidades como indicadores a serem problematizados e contextualizados. Observou que, apesar de marcados pela atividade comercial, estes encontros podem ser norteados pela dádiva, concomitantemente sendo influenciados pelo *ethos* do bairro em questão, e influenciando as relações estabelecidas entre morador e espaços públicos e privados. A constituição de relações sociais tanto entre locais quanto entre hóspedes e hospedeiros parece funcionar como uma estratégia de resposta a condições contemporâneas como a fraturação do espaço vivido, a aceleração do tempo e à desestabilização de identidades.

Palavras-chave: Turismo; Hospitalidade; Casa; Dádiva; Representação do eu.

ABSTRACT

Marked by complex interfaces between consumption and intimacy, *bed and breakfast* lodging transcend logic and domains. In order to understand the encounters between guests and hosts in this type of establishments located in Santa Teresa, this study aimed to describe and interpret their dynamics, behaviors and meanings. Assumed the memories produced by hosts as dynamic and procedural elements, making their biases as indicators to be problematized and contextualized. Noted that, although marked by commercial activity, these meetings can be guided by the gift, concurrently being influenced by the *ethos* of the neighborhood in question, and influencing the relations between residents and public and private spaces. The creation of social relations both between natives and between guests and hosts seems to work as a strategy to respond to contemporary conditions as the fracturing of lived space, the acceleration of time and destabilization of identities.

Keywords: Tourism, Hospitality, Home, Gift, Self representation.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1 – Os elementos e características fundamentais do turismo.....	38
Quadro 1.2 – Os tempos/espços da hospitalidade humana.....	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 – Mapa de localização aproximada das casas pesquisadas.....	30
Figura 1.2 – Interseção entre turismo e hospitalidade e estabelecimento de TRENDS.....	46
Figura 1.3 – Atividades da hospitalidade.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA.....	12
2. JUSTIFICANDO OS RECORTES: TURISMO E HOSPITALIDADE COMO CAMPO DE PESQUISA	16
1.1 Descrevendo e justificando o objeto	17
1.2 As negociações e definições do campo.....	22
1.3 Como fazer? – As escolhas metodológicas	25
1.4 As casas e as entrevistas: “entrando na casa dos outros”	29
3. DELIMITANDO CONCEITOS E INTRODUZINDO DISCUSSÕES	34
2.1 Sobre o conceito de turismo: um fenômeno complexo	34
2.2 Dádiva e hospitalidade: encontros para além do turismo	42
2.3 É pago, mas é em casa: as hospedagens comerciais domiciliares	51
2.4 Turismo, hospitalidade e as dualidades perigosas	59
4. ELABORANDO ANÁLISES: OS ESPAÇOS E AS INTERAÇÕES	78
4.1 "Tem qualquer coisa de roça aqui": Santa Teresa pelos entrevistados	78
4.2 A casa como cenário de encontros (extra)ordinários.....	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

1 INTRODUÇÃO: O CAMINHO DE CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA

O pontapé inicial para a construção desta proposta de pesquisa partiu da temática trabalhada em meu Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido e apresentado no final de minha graduação em Turismo na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Nesta monografia, propus uma discussão acerca das interseções entre os conceitos de desenho universal – advindo das áreas de Arquitetura, Urbanismo e Desenho Industrial – e de hospitalidade, tomando-o sob a perspectiva antropológica da dinâmica da dádiva (Mauss, 2008). Ressaltando a abertura para o outro - enquanto representante da diferença ou alteridade - como principal ponto em comum entre estes conceitos, observei uma possível associação entre o uso do desenho universal no planejamento de espaços e o caráter de hospitalidade oferecido pelo ambiente ou pela localidade em questão.

Desde então, o interesse em aprofundar-me em investigações sobre a hospitalidade cresceu, associando-se, também, a outras questões de grande relevância para a Turismologia. Se a própria individualidade e o tecido social são formados a partir das interações entre indivíduos – resultando em uma relação de indissociabilidade entre indivíduo e sociedade (Elias, 1994) -, é possível concluir que as interações turísticas também representam meios significativos para a compreensão tanto de individualidades quanto do social.

Considerando o turismo como um fenômeno promotor de encontros¹, questionei-me, então, acerca das inferências e dos significados destas interações para as relações estabelecidas entre indivíduos e espaço, ou ainda mais especificamente, entre moradores e suas localidades de domicílio. Neste sentido, direcionei meu foco de análise para a compreensão de interações inseridas em interfaces entre turismo e hospitalidade, observando suas dinâmicas e seus significados.

Motivada por tais questionamentos e interesses, encontrei em minhas leituras um caminho profícuo e inovador de investigação: o conceito de memória social inicialmente desenvolvido por Halbwachs (1990). A partir das proposições deste teórico francês, a memória passa a ser vislumbrada sob a ótica da externalidade, como socialmente construída e não como uma habilidade absolutamente interna e psicológica, capaz de um resgate fidedigno do passado.

¹ Ver GOFFMAN (2011, p.24) entende que uma interação ou encontro “pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata.”

Assim, vislumbrei a oportunidade de associar tal concepção da memória às crescentes abordagens interacionais de identidades ou identificações, posicionando-a como um elemento dinâmico e tomando seus mecanismos de seleção, organização e suas *parcialidades*² como indicadores determinantes para a investigação de interações turísticas. Memória e identidade são, portanto, trabalhadas de maneira paralela e intimamente relacionada; “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.” (POLLAK,1992, p.204).

Aliando interesses e inquietações, estruturei esta proposta de investigação de maneira a investigar interações estabelecidas entre hospedeiros e hóspedes, a partir da memória elaborada por estes anfitriões. Durante a construção desta problemática, observei ainda que o oferecimento de formas alternativas de hospedagem seria responsável pela inserção de variáveis que complexificariam os cenários e objetos em questão. Estes demandariam, portanto, investigações capazes de compreendê-los em seu cerne – os encontros interpessoais -, enriquecendo, assim, as discussões e interpretações acerca das interfaces entre turismo e hospitalidade. Foi neste momento que escolhi pela investigação de práticas de hospitalidade que funcionam simultaneamente em caráter comercial e em cenários domésticos. Optei, portanto, pela escolha das *hospedagens comerciais domiciliares* como objeto de pesquisa, recortando meu campo através da seleção de domicílios-anfitriões de modalidade “cama e café”, localizados no bairro de Santa Teresa.

Se a combinação da noção de hospitalidade e da realização de pagamentos financeiros já é alvo de grandes discussões teóricas acerca das possibilidades de observação da presença da dívida nestas interações, o oferecimento destas formas de hospedagem em cenários domésticos insere, ainda, diversas outras questões sobre as interfaces entre intimidade e consumo. Considerando a casa como representante de uma “região de bastidor por excelência”, como são redefinidas estas regiões dedicadas ao relaxamento da representação de si para o outro? Como estes moradores narram e compreendem as performances desempenhadas neste encontro com o hóspede e como eles definem e percebem estas novas plateias? Seria o pagamento financeiro responsável pela equiparação mecânica destas relações ou haveria aqui a presença do elemento *a mais* de que fala Godbout (1998)? Quais significados seriam atribuídos por estes moradores/

² A partir de Halbwachs (2006), da memória como socialmente construída, entende-se como *parcialidade social* os fatores que indicam as influências envolvidas na seleção e organização de memórias.

anfitriões ao oferecimento destas hospedagens e às interações estabelecidas? E, por fim, como estas interações parecem afetar a relação destes moradores com o bairro de Santa Teresa?

Buscando o esclarecimento de questões como estas, o arcabouço metodológico foi definido como uma combinação de ferramentas como revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Tal abordagem objetiva a tomada da memória destes anfitriões como referência de análise, colocando-os como representantes do sumo de relações dinâmicas; indivíduos que carregam marcas de diversos hóspedes, as quais já fazem parte deles mesmos.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

É importante esclarecer, ainda, que os turistas ou hóspedes envolvidos nestas interações não estão sob enfoque nesta pesquisa. Na realidade, fundamento meu caminho de pesquisa na compreensão de que, ao exteriorizar suas percepções e opiniões sobre o bairro de Santa Teresa e os encontros com seus hóspedes, estes moradores e anfitriões entrevistados acabam por expor também indicadores sobre as parcialidades que influenciam os processos de julgamento, organização e seleção destas memórias a partir do presente. A construção da problemática desta pesquisa parte da premissa de que são as parcialidades destas memórias que indicarão os significados e as inferências destas interações.

Com o intuito de contribuir para uma maior compreensão desses encontros, esta dissertação apresenta quatro capítulos distintos, somados às seções de Introdução e Considerações Finais. O primeiro capítulo apresenta a trajetória da pesquisa empreendida: os recortes escolhidos, as descrições e justificativas para a escolha do objeto, do campo e das escolhas metodológicas adotadas. Descreve também os processos de definição e de negociação do campo, e as casas selecionadas para esta investigação.

No segundo capítulo delimito alguns dos principais conceitos que fundamentam as discussões e análises previstas, orientando o debate sobre turismo e hospitalidade. Foram apresentadas diferentes definições e abordagens dos conceitos em questão. O conceito de hospedagens comerciais domiciliares também recebe atenção, como um cenário que perpassa

diferentes domínios e espaços da hospitalidade. A proposição deste termo tem como objetivo diferenciar as práticas domésticas não-lucrativas de hospitalidade - como é o caso da hospitalidade oferecida a amigos e parentes -, daquelas oferecidas em cenários domiciliares como forma de atividade comercial – como é o caso das hospedagens de tipo “cama e café”, aqui enfocadas.

Por fim, recorri a algumas discussões teóricas sobre o caráter de autenticidade de interações e experiências no turismo e na hospitalidade para questionar suas interpretações e compreensões baseadas em dualidades supostamente opostas e auto-excludentes. Apoiando-me nas proposições de Zelizer (2009, 2011), sustento que estas instâncias relacionam-se de maneira complementar, e proponho, portanto, um referencial teórico e conceitual capaz de suportar minha busca pela compreensão destes processos de articulação de intimidade e consumo, amizade e atividade comercial.

O quarto e último capítulos, por sua vez, dedicam-se à apresentação e análise dos dados coletados. Dois grandes eixos temáticos foram estabelecidos a fim de guiar a estruturação e o desenvolvimento desta etapa. O primeiro deles foi dedicado às percepções dos entrevistados sobre Santa Teresa e às formas de relacionamento entre morador e bairro. Já o segundo, está relacionado às interações entre hospedeiro e hóspede estabelecidas no cenário doméstico, e enfoca seus funcionamentos e significados. Vale ressaltar que estes dois momentos estão marcados pela

A fundamentação e a análise destes encontros e de sua contextualização no cenário característico de Santa Teresa foi fundamentada em categorias como as de casa e rua (DaMatta, 1997), pedaço (Magnani, 1996, 1998, 2002), e região moral (Park, 1987). Além disso, apoiei-me também nas proposições de Zelizer (2009, 2011), e apropriei-me da dinâmica da dádiva (Mauss, 2008) e dos conceitos de região de fachada e de bastidor, e de *performance* (Goffman, 2011) para problematizar e compreender as interações em si.

2 JUSTIFICANDO OS RECORTES: TURISMO E HOSPITALIDADE COMO CAMPO DE PESQUISA.

É possível apontar inúmeros motivos que justificam a construção desta investigação. Em primeiro lugar, destaca-se a relevância de uma possível colaboração entre áreas como as Ciências Sociais, a Psicologia Social e a Turismologia. Conforme defende Barretto (2003), o turismo e a atividade turística apresentam altos graus de complexidade e imprevisibilidade, fazendo com que estudos de caráter puramente mercadológico ou estatístico – ainda predominantes na área - sejam insuficientes para o suporte e auxílio de um desenvolvimento turístico sustentável e responsável.

Além disso, conforme defendido anteriormente, o turismo representa uma significativa dimensão da contemporaneidade marcada por fenômenos como a aceleração dos processos globais e a compressão do tempo espaço, configurando um importante campo de análise na busca pela compreensão das dinâmicas socioculturais contemporâneas. Portanto, defende-se que uma abordagem antropológica do turismo e das relações de interação e negociação nele imbricadas pode:

ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas, as motivações para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos [...]. (BARRETTO, 2003, p. 26)

Com o intuito de analisar os encontros estabelecidos entre hóspedes e hospedeiros em hospedagens de tipo “cama e café” localizadas no bairro de Santa Teresa (RJ), esta investigação toma as memórias elaboradas por estes anfitriões como caminho de investigação. Enfoca as dinâmicas e comportamentos de interações face a face e busca problematizá-las a partir de sua contextualização no bairro em questão.

Vale ressaltar que as escolhas desta localidade da modalidade de hospedagem em questão foram resultado de um processo que perpassou interesses acadêmicos, negociações e justificativas diversas, as quais serão apresentadas neste capítulo. Buscar-se-á, então, descrever o caminho percorrido na delimitação da problemática, do objeto em si e do campo de pesquisa; delimitar este objeto de maneira detalhada, assim como, justificar as escolhas e os recortes

propostos nesta investigação; e, por fim, descrever as abordagens metodológicas eleitas de acordo com os objetivos e com as hipóteses elaboradas para esta dissertação.

2.1 Descrevendo e justificando o objeto

A escolha do bairro de Santa Teresa como cenário para esta investigação pode ser justificada por inúmeros motivos, tais como: a representatividade turística do bairro para a cidade do Rio de Janeiro, sua localização turística privilegiada, a grande relevância da mesma para o patrimônio histórico e cultural da cidade, e a predominância de públicos envolvidos em modalidades alternativas de turismo.

Santa Teresa está anexa ao bairro da Lapa, próxima ao centro histórico e oferece fácil acesso para as zonas norte e sul da cidade. Faz limite com os bairros de Botafogo, Cosme Velho, Laranjeiras e Humaitá, na Zona Sul; Alto da Boa Vista e Rio Comprido na Zona Norte e Centro, Catumbi e Cidade Nova, na Zona Central. Nascida no século XVIII, nos arredores de um convento no Morro do Desterro, destaca-se por sua riqueza arquitetônica e pelos diversos atrativos turísticos e culturais tais como lojas, galerias e ateliers de arte, o Pólo Gastronômico, o Museu Chácara do Céu e o Parque das Ruínas. Desde o ano de 1996 o evento “Santa Teresa de Portas Abertas” promove a interação de artistas locais com os visitantes favorecendo uma troca de experiências. Tal evento consiste na abertura de ateliês e galerias para a visita do público, o qual, nestas ocasiões, tem acesso aos bastidores da produção e criação das obras, podendo, também, conhecer mais sobre o perfil e trajetória do artista.

Apesar de suas muitas peculiaridades, esta é uma localidade que, como um microcosmo, representa bem as desigualdades observáveis em toda a cidade do Rio de Janeiro. Se por um lado abrange comunidades como Tavares Bastos, Morro da Coroa, Fallet e Fogueteiro, também é sede de renomados e exclusivos hotéis boutique e de premiados restaurantes, concentrados, principalmente, nas redondezas do Largo dos Guimarães.

Outro fator muito representativo acerca do bairro de Santa Teresa é a grande presença de estrangeiros como moradores locais, tendo boa parte deles vindo por motivações turísticas e

decidindo permanecer na localidade.³ Assim, marcado pela efervescência de eventos e estabelecimentos artísticos e culturais, o bairro não está somente associado à boêmia e à própria história da cidade, mas parece efetivamente representar um bairro heterogêneo, eclético e *hospitaleiro*⁴.

Seus casarões e mansões inspirados em diferentes influências arquitetônicas ressoam como resquícios de um tempo onde o bairro era habitado por moradores da alta classe da sociedade. Com o tempo, assim como também ocorreu com o bairro da Lapa, Santa Teresa foi perdendo seu prestígio, sendo o turismo um dos fatores que tem contribuído para o aumento de investimentos e para a revitalização desta localidade nos últimos cinco anos.

No entanto, como aponta Peixoto (2008), as transformações provenientes do desenvolvimento turístico no bairro ainda são alvo de grandes divergências. Se por um lado alguns moradores vêem no turismo uma ferramenta para revitalização e geração de divisas para sua região, por outro, alguns grupos ainda questionam o real potencial de favorecimento dos moradores locais oferecido por esta atividade. Outra grande queixa dos moradores de Santa Teresa é a falta do bonde elétrico surgido em 1872 e uma das principais marcas do bairro. Após anos de baixos investimentos e fiscalizações insuficientes, “o bondinho” – como também é conhecido - protagonizou em agosto de 2011 um grave acidente, estando até o ano de 2013 fora de circulação.

Paralelamente, a opção feita pelas hospedagens comerciais domiciliares também pode ser justificada por motivos diversos. Como já apontado anteriormente, a escolha pela temática da hospitalidade deu-se pelo interesse desta autora em dar prosseguimento às leituras e pesquisas já realizadas em seu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Turismo. Tais tipos de hospedagens representam, ainda, um objeto pouco abordado na academia. Em um levantamento bibliográfico prévio, foram identificados alguns trabalhos sobre a localidade de Santa Teresa e as hospedagens de tipo “cama e café” ali instaladas. Ainda que estes estudos apresentem-se sob diversas óticas e abordagens - contemplando até mesmo as relações entre anfitriões e hóspedes

³ Tais informações foram observadas nas conversas tidas com os anfitriões entrevistados.

⁴ Toma-se, aqui, a característica de “hospitaleiro” como relacionada a uma predisposição na abertura para o outro e em seu aceite, ainda que como diferente. Neste sentido, a autora faz uso deste adjetivo para referir-se aos diversos públicos atendidos e recebidos no bairro, assim como ao grande número de estrangeiros que, em mudança para o Brasil, opta por fixar residência nesta localidade.

ali estabelecidas -, a grande maioria está predominantemente relacionada às áreas de gestão e empreendedorismo.

Logo, destaca-se o caráter de inovação da proposição desta pesquisa em analisar as inferências e significados destas interações sob uma perspectiva antropológica. É importante, no entanto, reconhecer o grande mérito destes trabalhos que colocam em evidências o potencial desta modalidade de hospedagem como ferramenta capaz de promover o desenvolvimento sustentável e responsável do turismo, inclusive a partir de iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC).

Visando a alta demanda por unidades habitacionais para os próximos grandes eventos anunciados para o país e para a cidade do Rio de Janeiro, a prefeitura da cidade lançou em maio de 2012 um portal dedicado à hospedagem domiciliar, onde anfitriões podem cadastrar suas residências e hóspedes podem buscar alojamento. Para se cadastrarem no site, os anfitriões devem optar pela associação a uma das redes disponíveis, sendo elas a Cama e Café ou a Bed and Breakfast Brasil.

O portal www.hospedario.com.br foi lançado para atender à Conferência das Nações Unidas (Rio + 20) realizada no próprio ano de 2012, mas deverá estar em operação e expansão para os demais eventos como a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude em 2013, a Copa do Mundo em 2014, e as Olimpíadas em 2016. O potencial de tal modalidade de acolhimento como ferramenta alternativa para o atendimento necessário ao turismo e aos grandes eventos em questão tem, portanto, se consolidado nos últimos anos.

Além disso, os encontros entre anfitriões e hóspedes aqui em foco representam um subgrupo de interações sociais responsáveis, como sustenta Elias (1994), pelo surgimento de tensões, funções relacionais e interdependências, diretamente ligadas à formação da individualidade e do tecido social. Defende-se que estas simbolizam um recorte microscópico capaz de possibilitar a observação e investigação das relações face a face, tomando como referencial teórico as categorias e os conceitos propostos por Goffman (2011) em sua concepção da representação do eu.

Nestes termos, os próprios conceitos de fachada, bastidor e *performance* também reforçam a relevância e a adequação deste objeto para a pesquisa. A casa simboliza uma *região de bastidor* (Goffman, 2011) para indivíduos e grupos como, por exemplo, núcleos familiares. Como descreve o próprio autor, no domicílio o indivíduo tem ao menos a sensação de estar mais

livre da representação, seja por estar só ou por ter este como um bastidor compartilhado com outros membros deste núcleo residente. Não se pretende aqui tomar a perspectiva goffminiana de maneira equivocada, defendendo que a casa não está também marcada por *performances*; a encenação está sem dúvida presente, mas é diferenciada de acordo com as demandas do contexto.

Assim, estando a residência fortemente associada a uma *região de bastidor*, a oferta de hospedagem comercial neste cenário e a abertura do mesmo para o “estrangeiro”⁵ promove uma espécie de redefinição de regiões que pode estar mais ou menos clara dependendo da relação estabelecida entre os envolvidos. Tal transformação, menos objetiva do que aquela representada pela porta ou pelos muros da residência para as demais áreas externas e públicas pode ser, portanto, responsável pela geração de tensões e riscos no que Goffman (2011) chamou de manutenção da impressão. Se social ou culturalmente os limites do privado podem já estar relativamente bem delimitados pelas fronteiras da casa com seu exterior, na abertura deste cenário as regras precisam ser redefinidas e transmitidas, tendo ainda as diferenças culturais entre hóspedes e anfitriões como um agravante para sua complexidade.

Outra temática contemplada com esta investigação diz respeito às discussões sobre as interfaces entre consumo e intimidade, personalidade e impessoalidade, ou *casa e rua*, como propõe DaMatta (1997). Se predominam nas áreas de turismo e hospitalidade proposições baseadas no que Zelizer (2009) chama de dualidades perigosas – oposições dicotômicas entre instâncias como estas citadas – sustentamos aqui, em consonância com tal autora, que estes pares relacionam-se de maneira entrelaçada e complementar, não configurando opostos auto-excludentes.

Acredita-se, assim, que esta proposta de pesquisa possa contribuir para a melhor compreensão de algumas questões, tais como: seria possível atribuir, em alguma instância, o status de hospitalidade à hospedagem comercial? Em que aspectos as *performances* destas relações de hospedagem estabelecidas no cenário da casa poderiam ser diferenciadas ou aproximadas daquelas já chamadas de “encenadas” pela literatura da área em questão?

Outro ponto que justifica a relevância deste recorte de pesquisa é o número ainda reduzido de trabalhos que abordem as relações entre visitantes e visitados no turismo dentro do cenário urbano. Como destaca Barretto (2006), as investigações sobre estas interações têm

⁵ Entende-se aqui como estrangeiro todo indivíduo que não pertence ao grupo residente na casa; estrangeiro à casa.

direcionado suas atenções para comunidades com poucos habitantes e localidades afastadas dos centros urbanos; “os antropólogos têm, via de regra, escolhido estudar casos onde a distinção entre população receptora e visitantes é clara.” (CHAMBERS, 2000, p. 58 *apud* BARRETTO, 2006, p.6).

No entanto, ainda que ao longo de seu desenvolvimento a antropologia nunca tenha abandonado sua preocupação fundante com a compreensão da diversidade cultural, “[...] deixando de associar o *diferente* com o *atrasado*, [esta disciplina] desvinculou-se da ideia de que seu *objeto* era constituído [e restrito aos] pelos povos considerados ‘primitivos’.” (MAGNANI, 1996, p.5). Como destaca Magnani (1996, p. 5),

[...] não é o lado supostamente exótico das práticas e costumes o que chama atenção da Antropologia: trata-se de experiências humanas e o interesse em conhecê-las reside no fato de constituírem arranjos diferentes, particulares e – para o observador de fora, inesperados – de temas e questões mais gerais e comuns a toda a humanidade.

Neste sentido, em concordância com o que aponta Agier (2001), entende-se que

os meio urbanos podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários. A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares. Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional da identidade. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham” alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais [...].(AGIER, 2001, p.9).

Dessa maneira, neste cenário contemporâneo marcado pela mobilidade, onde são difundidas as compreensões da cultura como fluxo e da identidade como processo dinâmico, sustenta-se que o enfoque nas interações face a face no turismo pode contribuir, através de investigações voltadas para "processos" e não para "substâncias", para o desenvolvimento de uma antropologia das identidades. Como indica Agier (2001, p.12),

a atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas *a priori* das culturas, tradições ou figuras ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem. É a partir dos contextos e das questões em jogo nas situações de interação que a memória é solicitada seletivamente.

Defende-se, ainda, que uma melhor compreensão destas interações poderia contribuir para a problematização de concepções sobre o fenômeno turístico que parecem oscilar entre extremos: ora vilanizam turistas e visitantes - vitimizando populações ou comunidades locais -, ora pressupõem uma relação pacífica, naturalmente hospitaleira e semelhante à dinâmica do relacionamento entre anfitriões e hóspedes não-comerciais.

Este diálogo entre Antropologia e Turismologia deve, então, contribuir para uma espécie de “desconstrução” dessas comunidades locais. Assim, ao invés de presumi-las como homogêneas, onde os interesses e reivindicações seriam naturalmente consensuais, através de ferramentas metodológicas e conceitos das Ciências Sociais seria possível compreendê-las como palco de disputas e conflitos – seja por bens ou investimentos, seja por definições das memórias e identidades que prevalecem.

Dessa forma, ressalta-se a relevância desta proposta de investigação tanto para a academia quanto para o planejamento do turismo nesta e em outras localidades. Acredita-se, ainda, que a própria Rede Bed and Breakfast Brasil será também beneficiada já que irá dispor de maiores informações acerca dos reflexos destas interações em seus colaboradores cadastrados.

2.2 A negociação do campo

A partir da definição das hospedagens turísticas domiciliares localizadas no bairro de Santa Teresa como objeto desta investigação, partiu-se, então para a delimitação do campo que viabilizaria a concretização dos objetivos propostos para a mesma. Em primeiro lugar, foram preferidas redes de hospedagem domiciliar em detrimento de unidades avulsas ou independentes que também oferecessem esta modalidade de acolhimento. Isto porque, como a pesquisa em questão tem como foco a observação de processos de identificação dos anfitriões, entende-se que a rede poderia funcionar como uma espécie de associação, contribuindo, assim, para a construção de um sentimento de pertencimento ao grupo. Propôs-se, então, o uso de unidades cadastradas em redes com o intuito de verificar a validade – ou não - desta hipótese prévia.

Duas redes de hospedagem do tipo “cama e café” destacam-se, não só na cidade do Rio de Janeiro, mas no país: a Rede Cama e Café e a Rede *Bed and Breakfast* Brasil. Enquanto a

primeira nasceu no próprio bairro de Santa Teresa, estruturando-se inicialmente como uma rede carioca de hospedagem, a segunda, apesar de também ter iniciado suas atividades na cidade do Rio de Janeiro, foi estruturada já desde o início visando atingir uma abrangência nacional.

Ambas as redes têm suas sedes localizadas na cidade do Rio de Janeiro – no caso da Rede Cama e Café a sede está localizada no próprio bairro de Santa Teresa -, e disputam o status de primeira rede de “cama e café” do Brasil. Se por um lado a Rede Cama e Café iniciou suas atividades efetivamente mais cedo - em 2003 -, a Rede B&B Brasil teve seu início em 2004, sendo, no entanto, a primeira a se estruturar e operar como uma rede nacional. Atualmente, a primeira conta com unidades também em Olinda e Salvador, enquanto a Rede B&B Brasil está presente em dezoito estados do Brasil.

No primeiro momento, buscou-se estabelecer um diálogo com os gestores responsáveis pela Rede Cama e Café em Santa Teresa, tendo progredido algumas negociações preliminares acerca da realização do campo em unidades associadas a esta rede. Foram contatados alguns de seus fundadores -, assim como funcionários também responsáveis pela sua gestão, com o objetivo de realizar entrevistas sobre a rede – seu funcionamento, histórico, peculiaridades, objetivos – e de negociar a realização de entrevistas com os anfitriões associados à mesma. Apesar de os contatos iniciais realizados no segundo semestre de 2012 terem indicado uma possível parceria, já no início de 2013 tais responsáveis pela rede pareciam ter perdido o interesse na participação da pesquisa, interrompendo as comunicações e negociações previamente estabelecidas.

Com o intuito de não comprometer a concretização da investigação em desenvolvimento e após diversas tentativas de negociação com esta primeira rede, partiu-se para uma negociação com a Rede B&B Brasil, também de grande abrangência e experiência na área. O contato inicial com o fundador e gestor geral da rede – Loris Capogrossi – deu-se através da historiadora e produtora cultural Ana Pimentel, pesquisadora que desenvolveu em seu mestrado na área de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (UFRJ) a dissertação “Hospedagem Domiciliar no Rio de Janeiro: o espaço de encontro entre turistas e anfitriões”.⁶

A Rede *Bed and Breakfast* Brasil iniciou suas operações em 2004 a partir da casa de amigos e de contatos indicados por estes. Atualmente conta com cerca de 300 domicílios

⁶ Buscar-se-á dialogar com as reflexões e com os resultados deste trabalho no quarto capítulo desta dissertação, dedicado às análises dos dados.

cadastrados ao todo, espalhados por 18 estados diferentes do país, sendo 120 deles na cidade do Rio de Janeiro. A rede disponibiliza um site para a consulta de residências/alojamentos e para realização das reservas. Através deste é possível buscar a opção desejada de hospedagem pelas cidades ou até mesmo bairros de preferência do turista. O site apresenta também uma descrição de cada residência, apontando pontos de referência próximos, e apresentando amenidades oferecidas e restrições colocadas pelos anfitriões como, por exemplo, as de não receber fumantes ou animais.

É importante destacar que esta rede promove a inserção da população local no turismo, não somente contribuindo para a promoção de encontros entre visitantes e visitados, mas também para o desenvolvimento sustentável do turismo na localidade. Logo, a compreensão de seu funcionamento e de seus reflexos na dinâmica local é relevante não somente para a academia, mas também para o próprio planejamento turístico desta e de outras localidades.

Os primeiros contatos com o gestor desta rede foram estabelecidos através de redes sociais e de *e-mails*. O mesmo mostrou-se prontamente disponível e interessado em contribuir para a pesquisa, concordando em avançar com as negociações. Inicialmente a ideia era trabalhar com entrevistas em profundidade aliadas à revisão bibliográfica como principais metodologias de coleta de dados. No entanto, a existência de um contrato de confidencialidade entre a rede e os anfitriões cadastrados impediria o fornecimento de informações ou mesmo dos contatos destes para a pesquisa.

Buscando chegar, então, em um acordo adequado para todos os envolvidos, propôs-se que as entrevistas fossem realizadas durante períodos de hospedagem nas próprias residências-anfitriãs, desde que seus moradores estivessem previamente de acordo com suas participações na pesquisa. Tal opção foi também bastante interessante para a pesquisa por possibilitar, ainda, a realização da observação participante.

Diante da delimitação proposta pela autora de hospedagens de tipo “cama e café” situadas somente no bairro de Santa Teresa, o próprio gestor da rede, atuando como mediador nesta negociação inicial com os moradores, sugeriu algumas casas para a realização das hospedagens e entrevistas. Dessa forma, o Sr. Loris Capogrossi sugeriu três casas - do total de quinze cadastradas neste bairro -, as quais, segundo ele, representariam exemplos bastante distintos entre si, tanto pela forma de operação das hospedagens, como pelo tempo que estavam na rede. As unidades selecionadas foram então: a Cazazen, a Casa das Bananeiras e a Casa das Marias.

Com o avanço nas negociações, ficou acordado o período de três dias e duas noites de hospedagem em cada casa. Vale ressaltar que as hospedagens foram pagas por diárias, da mesma forma e sob os mesmos procedimentos que um cliente comum, tendo o responsável pela rede concedido um desconto especial de 15% no valor total em virtude da finalidade das estadias.

2.3 Como fazer? – As escolhas metodológicas

Considerando o caráter qualitativo desta pesquisa, optou-se pelo uso aliado das seguintes ferramentas metodológicas: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Destaca-se, ainda, que as amostras assumidas para a realização das etapas de campo foram determinadas de maneira intencional, não assumindo como objetivo realizar inferências estatísticas ou generalização das conclusões observadas.

Pensou-se também em complementar tais ferramentas com a análise documental de fotografias, vídeo e outras formas de registro destas hospedagens realizadas. No entanto, ao longo do processo de entrevistas com os anfitriões verificou-se que os mesmos não dispõem ou mesmo não se preocupam com mecanismos de registro material deste tipo.

É importante salientar que tal arcabouço metodológico esteve norteado pela opção diferencial desta pesquisa em investigar estas dinâmicas e relações sociais através das memórias e visões dos próprios moradores em questão. Como já explicitado anteriormente, optou-se não pela observação direta das interações no bairro e na casa – ao menos não como enfoque metodológico principal -, mas pela tomada das memórias destas interações como elementos necessariamente parciais e, portanto, indicadores de grande relevância tanto para a compreensão das inferências destes encontros entre hóspedes e anfitriões para a relação estabelecida entre morador e bairro, como das relações entre esta forma de oferecimento de hospedagem e o funcionamento do bairro – segundo entendem e percebem estes próprios moradores.

Tal abordagem, de caráter interdisciplinar, requer uma revisão bibliográfica que abarca diversas áreas do conhecimento, como Memória Social, Antropologia, Sociologia, Turismologia, Geografia Humana e Psicologia Social. Algumas das principais concepções acerca das interfaces entre turismo e autenticidade - Graburn (1983, 1989), MacCannell (1999), Turner & Ash (1976), Boorstin (1992), Urry (2001) - e entre hospitalidade e autenticidade – Camargo (2011),

Montandon (2003), Gotman (2007, 2009), Telfer (2004), Selwyn (2004) – foram apresentadas com a intenção de fundamentar questionamentos posteriores apoiados nas proposições de Zelizer (2009, 2011). Estão presentes também as formulações de DaMatta (1997), Magnani (1984, 1996, 2002) e Park (1987), a fim de, através da apropriação de conceitos e categorias, instrumentalizar a estruturação e interpretação dos dados colhidos acerca do bairro de Santa Teresa, a noção de casa e vizinhança. Por fim, recorreu-se, também, às obras de Mauss (1974, 2008) e Goffman (2011) como importantes referências para a compreensão das dinâmicas de hospitalidade estabelecidas nestes estabelecimentos complexos aqui chamados de hospedagens comerciais domiciliares.

Em levantamento bibliográfico prévio, observou-se que dentre os autores que já trabalharam com este objeto de pesquisa, destacam-se: Pimentel (2007), Silva (2012), Prado (2006), Mascarenhas & Flecha (2006), e Peixoto (2008, 2010). Observou-se que os trabalhos já realizados sobre o bairro de Santa Teresa e a Rede Cama e Café ali instalada variam tanto nas óticas quanto nos subtemas trabalhados. Algumas das principais temáticas abordadas são: as transformações socioculturais no bairro de Santa Teresa, o empreendedorismo e a inovação da Rede Cama e Café, as hospedagens domiciliares como ferramenta para desenvolvimento turístico sustentável, e a Rede Cama e Café como um espaço de encontro entre anfitriões e hóspedes.

Destaca-se que a proposta desta pesquisa é não somente realizar a descrição destas interações, mas problematizar as interfaces entre intimidade e consumo ali presentes, assim como sua correlação com as dinâmicas e comportamentos observados em relação ao próprio bairro de Santa Teresa.

Com o intuito de entrar nessa dinâmica, realizou-se a primeira entrevista da investigação com o italiano Loris Capogrossi, fundador e diretor da Rede B&B Brasil. Em virtude da indisponibilidade do gestor em participar de uma entrevista presencial, a mesma foi realizada por e-mail, através do formato estruturado. Esta entrevista teve como objetivo conhecer melhor o histórico de formação e funcionamento da rede, sua amplitude de atuação, objetivos e peculiaridades. Além disso, como o entrevistado também foi responsável pela fundação da mesma, foi possível também obter dados acerca das motivações envolvidas em sua formulação e estruturação, assim como sobre as formas de sociabilidade existentes entre os envolvidos na rede - encontros, reuniões, celebrações, eventos diversos que contribuam para a coesão do grupo enquanto “participantes da Rede”. A entrevista coletou, ainda, dados sobre o histórico da rede,

paralelamente à observação da percepção de seu gestor principal acerca de suas particularidades e funcionamentos.

Em seguida, foram iniciadas as visitas a campo para a concretização das estadias e realização das entrevistas com anfitriões participantes da Rede Bed And Breakfast Brasil em Santa Teresa, previamente acordadas. Como aponta Oliveira (2007, p.86), “a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que está pesquisando.”

Optou-se, nesta etapa, pelo uso do formato semiestruturado nas entrevistas, visando combinar flexibilidade e abertura à fala do entrevistado, com o direcionamento deste processo por parte do entrevistador. Destaca-se, aqui, que as interferências do pesquisador foram minimizadas ao máximo, buscando, no entanto, seguir sempre os objetivos e intenções da pesquisa em desenvolvimento. Acredita-se que a combinação de tais características tornará mais objetivo o processo de investigação, evitando desvios excessivos dos temas e questões aqui investigados. Conforme assinalam Quivy e Campenhoudt (1998, p.193) este método é especialmente adequado “à análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos [...] das leituras que fazem das próprias experiências, etc.” Acredita-se que, assim, será possível observar, através das narrativas destes atores sociais envolvidos, a repercussão do vivido, segundo a concepção de quem viveu.

Como não é possível analisar em profundidade – e em uma dissertação de mestrado - todo o universo constituído pelos 15 domicílios cadastrados na rede somente em Santa Teresa, a amostra selecionada para a realização dessa pesquisa foi determinada pelo método não-probabilístico intencional⁷ (OLIVEIRA, 2007, p.89). A análise das memórias das interações entre anfitriões e hóspedes no espaço em questão não se preocupa em fazer generalizações, mas sim, observar particularidades e pluralidades referentes às inferências destes encontros em processos dinâmicos de identificação com a localidade. Sendo assim, a amostra foi determinada com a direta colaboração do diretor da rede, ficando constituída por três casas-anfitriãs: a Cazazen, a Casa das Bananeiras e a Casa das Marias.

⁷As amostras foram definidas de maneira a representar casos contrastantes, em virtude do tempo de oferecimento destas hospedagens comerciais domiciliares e de suas formas de operacionalização.

A escolha destas três casas justifica-se pelos diferentes graus de antiguidade destas na rede, assim como pelas distintas abordagens dadas por cada uma delas à modalidade de hospedagem do tipo “cama e café”.⁸

Como terceiro método de investigação, elencou-se a técnica de observação participante artificial (OLIVEIRA, 2007, p. 81). Através desta, foi possível complementar e contextualizar os dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas, seja a partir de observações sobre a dinâmica do domicílio e da família em questão, ou, quando possível, sobre as interações entre estes e os demais hóspedes da casa. Para isso, foram realizados três períodos de hospedagem, correspondendo cada um a três dias e duas noites em cada casa previamente selecionada para a pesquisa.

Defende-se o uso desta ferramenta metodológica como uma importante forma de “completar outros métodos de análise dos processos de acção e de transformação social” (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1998, p. 199), contribuindo para a contextualização as falas observadas nas entrevistas. Ainda de acordo com Quivy e Campenhoudt (1998, p.198), esta ferramenta é adequada “à análise do não verbal e daquilo que ele revela [...] ao estudo dos acontecimentos tal como se produzem [...]”.

Por fim, para a análise dos dados coletados foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo. Salienta-se que tal escolha, está diretamente associada ao carácter qualitativo da pesquisa e às ferramentas de coleta previamente elencadas – em especial, à análise de entrevistas semiestruturadas.

Como assinalam Quivy e Campenhoudt (1998, p. 227), “a análise de conteúdo [...] permite [...] satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis.” Além disso, como defendem estes mesmos autores, este método é particularmente adequado à análise “das ideologias, dos sistemas de valores, das representações e das aspirações, bem como de suas transformações”, sendo todos os métodos de análise de conteúdo apropriados para o estudo do não dito, do implícito. (QUIVY & CAMPENHOUT, 2008, p. 230)

Sustenta-se, portanto, que tais métodos de análise de dados estão adequados aos objetivos da pesquisa e às ferramentas de coleta de dados previamente elencadas, sendo também de grande

⁸ Na próxima seção deste capítulo apresentaremos a descrição das casas e as diferentes formas de operacionalização das hospedagens oferecidas.

relevância, pois "obrigam o investigador a manter certa distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias", permitindo analisar as informações "a partir de critérios que incidem mais sobre a organização interna do discurso do que sobre o seu conteúdo explícito." (QUIVY & CAMPENHOUT, 2008, p. 230)

Dessa forma, elegeu-se a análise categorial como ferramenta mais adequada ao trabalho antropológico desenvolvido nesta pesquisa. Assim, os dados foram divididos em dois eixos temáticos. O primeiro, voltado para o "exterior", para o contexto, foi dedicado às relações estabelecidas entre os entrevistados e o bairro de Santa Teresa. Já o segundo eixo, enfocou o "interior", abordando os encontros com os hóspedes e o oferecimento desta forma peculiar de hospitalidade no ambiente domiciliar.

2.4 As casas e as entrevistas: entrando na casa dos outros

Após a negociação e definição das casas que seriam visitadas e dos períodos e valores das estadias, iniciei o trabalho de campo. O processo de definição e negociação com a rede Cama e Café foi mais longo do que o esperado – - A interrupção do contato com a instituição levou ao atraso da pesquisa, que foi iniciada somente nos meses de maio e junho de 2013.

Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas ao todo, sendo uma delas com o gestor e fundador da rede – Loris Capogrossi - e três delas com os anfitriões selecionados. Todas as entrevistas com os anfitriões foram realizadas em português durante as estadias e foram gravadas mediante a autorização por escrito dos entrevistados. Os períodos de hospedagem em cada casa foram: de 03/06/2013 até 05/06/2013 (Cazazen), de 09/06/2013 até 11/06/2013 (Casa das Bananeiras), e de 17/06/2013 até 19/06/2013 (Casa das Marias).

É interessante destacar que a prática de atribuir à casa um nome como forma de identificação é comum em redes de hospedagem domiciliar. Assim, cada nome atribuído pelos próprios anfitriões diz respeito a uma característica marcante de suas casas e serve como uma ferramenta para a criação de seus perfis no site da rede Bed and Breakfast Brasil. As casas serão, portanto, diferenciadas através do uso destes nomes, e seus moradores terão seus nomes mantidos em sigilo, sendo identificados apenas pela primeira letra de seus nomes.

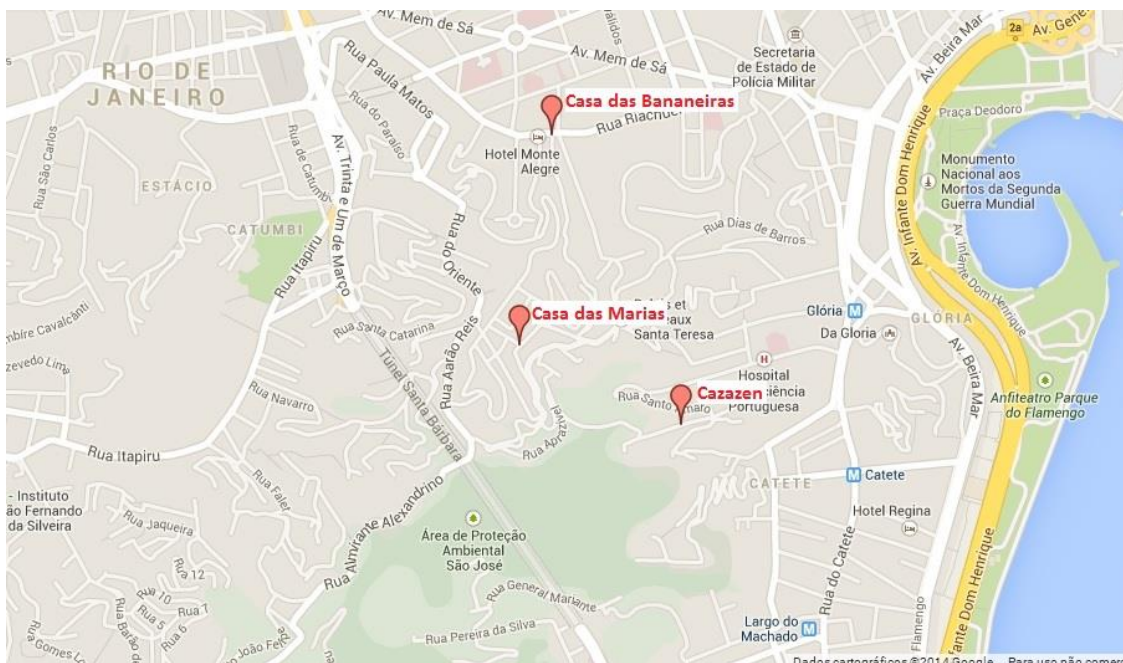


Figura 1.1 - Mapa com a localidade das casas visitadas. Fonte: Autora.

A primeira casa visitada foi a *Cazazen* e nesta casa, tal nome está relacionado à atmosfera “zen” que os moradores buscam tanto para seu cotidiano, quanto como qualidade a ser oferecida aos hóspedes. Vale salientar que esta residência apresenta a localização mais “isolada” dentre as demais, encontrando-se em uma área cercada por matas e comparativamente mais distante dos atrativos turísticos e estabelecimentos comerciais do bairro.

Nesta casa, moram o casal A. e P. e sua filha de seis anos. A. é arquiteta e possui nacionalidade brasileira e inglesa. P. é brasileiro, filósofo, analista de sistemas e conta já ter trabalhado muito tempo na área de turismo. As entrevistas com estes anfitriões transcorreram em um clima bastante informal e foram realizadas ao longo de todo o tempo da hospedagem, precisando ser “encaixadas” nos períodos entre uma atividade doméstica e outra – ou mesmo durante uma atividade, como lavando uma louça ou fazendo o dever de casa com a filha.

O terreno da casa abriga, na verdade, três residências, onde moram três famílias distintas. A casa principal pertence à família anfitriã (proprietária do terreno) e é composta de três andares. No primeiro ficam a sala, a cozinha, uma varanda, um grande jardim e a suíte dedicada à

hospedagem domiciliar. A casa e esta suíte – que tem formato de chalé – estão separadas pelo jardim. No segundo andar, ficam três quartos da casa - sendo uma suíte – e mais um banheiro social. O terceiro andar é inteiramente composto por um terraço, dedicado a reuniões sociais e momentos de lazer da família.

As demais unidades residenciais existentes dentro dos limites do terreno da casa são, na realidade, dois pequenos apartamentos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, os quais foram construídos por esta família e hoje são alugados em caráter permanente –aluguel residencial convencional – para “amigos que se tornaram vizinhos ou vizinhos que se tornaram amigos”, como narram os próprios entrevistados. Assim, os moradores também dizem gostar de poder morar em “um clima mais de vila” onde “há sempre alguma companhia”.

A *unidade de hospedagem*⁹ mais utilizada por eles é constituída por uma espécie de chalé e está localizada dentro do terreno da casa, mas não está estruturalmente anexa ao *núcleo domiciliar*¹⁰. Este espaço não é o único utilizado na oferta de hospedagem, mas foi construído, segundo os entrevistados, para proporcionar maior conforto aos hóspedes, já que anteriormente estes ficavam em quartos dentro da própria casa, compartilhando o uso do banheiro social com os demais moradores.

Na *Cazazen* as hospedagens domiciliares são operacionalizadas de maneira bastante esporádica e não constituem uma complementação significativa para a renda destes moradores. Eles contam receberem por volta de dois ou três hóspedes por ano, seja no sistema de hospedagem por diária ou por temporada. Oferecem hospedagem domiciliar de caráter comercial há pelo menos 10 anos, mas estão na rede B&B Brasil somente desde o ano de 2012, tendo sua entrada sido motivada pela Conferência das Nações Unidas Rio+20.

Localizada bem próximo ao Largo dos Guimarães, a *Casa das Bananeiras* foi a segunda casa pesquisada e recebe este nome em razão de seu pátio adornado por grandes bananeiras. Representante dos casarões históricos que tanto marcam o bairro de Santa Teresa, esta residência dispõe de treze quartos divididos em múltiplos níveis interconectados. Dentre este total, onze quartos são dedicados à hospedagem comercial e, apesar de estarem todos contidos dentro da casa em si, nenhum deles dispõe de acesso direto ao *núcleo domiciliar*. Moram na casa um casal

⁹ A unidade de hospedagem é o espaço fisicamente delimitado e dedicado especificamente ao alojamento dos hóspedes.

¹⁰ O *núcleo domiciliar* é o espaço interno da casa – delimitado fisicamente por paredes - não dedicado ao oferecimento destas formas de hospitalidade paga. Conforme observamos após a incursão no campo, este espaço pode ser ou não aberto para a entrada e uso dos hóspedes.

e seus dois filhos. Ambos são brasileiros, sendo a mulher – B. – designer, e o homem – L. – artista plástico. Esta casa tem um funcionamento completamente diferente do observado na anterior, operando majoritariamente como um negócio e recebendo principalmente hóspedes que ficam por temporadas de, em média, seis meses até um ano. Este ponto será devidamente problematizado e discutido na análise dos dados obtidos em campo. Estes anfitriões fazem parte da Rede B&B Brasil há apenas um ano e meio, mas contam já oferecerem estas hospedagens há aproximadamente cinco anos.

As entrevistas foram realizadas em momentos especificamente separados para tal e combinados previamente com os moradores, de acordo com sua disponibilidade. Os entrevistados responderam a todas as questões e me mostraram toda a parte da casa dedicada à hospedagem. As áreas exclusivamente dedicadas ao uso privado da família não foram expostas ou abertas à visitação em nenhum momento da estadia.

A terceira residência integrante da pesquisa ou selecionada foi a *Casa das Marias*, um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro em um andar subterrâneo de um prédio de quatro andares situado em frente ao renomado Hotel de Santa Teresa. Nesta residência moram um casal – C., brasileira e assistente social, e M., brasileiro e professor – com suas duas filhas (de onze e seis anos de idade). O nome atribuído a esta residência por seus moradores é uma menção aos primeiros nomes da mãe (e anfitriã) e de suas duas filhas pequenas. O apartamento dispõe de três quartos no total, sendo um deles - uma suíte também estruturalmente separada do núcleo domiciliar utilizado pela família – dedicado à hospedagem comercial. Apesar de compartilharem o terreno da casa, a unidade de hospedagem e o núcleo familiar desta residência dispõem de entradas independentes.

Assim como na casa anterior, as entrevistas foram realizadas em momentos especificamente separados para tal, em especial, no período da noite, após a chegada da anfitriã de seu trabalho e realização de tarefas domésticas. A entrevista transcorreu em um clima informal, mas, inicialmente, a anfitriã demonstrou certa preocupação sobre sua aptidão para responder às questões da entrevista, pois julgava ter pouca experiência no oferecimento de hospedagens comerciais domiciliares. Ela conta estar na rede há apenas seis meses e, por isso, teria recebido apenas um casal de hóspedes franceses até então. Após uma breve explicação dos objetivos e características da pesquisa e de minha formação profissional, a entrevistada pareceu estar mais confiante e à vontade para a realização das entrevistas.

É interessantes observar que em todas as casas as *unidades de hospedagem* encontram-se fisicamente separadas dos *núcleos domiciliares*. Além disso, quanto ao perfil dos entrevistados, todos declaram pertencer à classe média, têm filhos – que residem na casa pesquisada - e falam pelo menos um idioma estrangeiro.

3 DELIMITANDO CONCEITOS E INTRODUZINDO DISCUSSÕES.

Apesar de atualmente já serem foco de estudos ligados a diversas áreas – que variam entre a gestão e os olhares socioantropológicos ou filosóficos – a tomada do fenômeno turístico e da hospitalidade como objeto de investigações científicas ainda é bastante recente. Desta forma, suas delimitações enquanto conceitos teóricos são, até o presente momento, alvo de grande discussão e divergência, estando suas definições pouco estabelecidas.

Portanto, este primeiro capítulo estará dedicado, em um primeiro momento, à apresentação de algumas das principais definições destes conceitos, discutindo suas abordagens e apresentando as concepções adotadas nesta dissertação. Propõe, ainda, o conceito de *hospedagens comerciais domiciliares*, a fim de diferenciar práticas domésticas de hospitalidade comerciais e não-comerciais.

Por fim, faz uso de discussões que abordar o caráter de autenticidade de experiências e interações no turismo e na hospitalidade para demonstrar como nestas áreas leituras e interpretações ainda parecem estar fundamentalmente embebidas na oposição de dualidades como impessoalidade/ pessoalidade, dinheiro/ sentimento, casa/ rua. Tomando como apoio as proposições de Zelizer (2009, 2011), sustenta-se que estas esferas, ao contrário de serem auto-excludentes, relacionam-se de maneira complementar e intrincada em relações sociais gerais.

A partir desta colocação, propõe-se uma investigação que enfoque as interações face a face, descrevendo e interpretando suas dinâmicas, seus significados e comportamentos. Encerra-se este capítulo com a apresentação do referencial teórico que deverá fundamentar e nortear as reflexões e análises desenvolvidas nesta dissertação.

3.1 Sobre o conceito de turismo: um fenômeno complexo

O turismo, a hospitalidade e suas interfaces são noções complexas e polissêmicas, que requerem cuidados referentes aos seus usos na análise proposta. Com o objetivo de fundamentá-la, Esta seção enfoca a discussão a respeito de dois pontos-chave na descrição do fenômeno

turístico: 1) a oposição entre trabalho e lazer, ou como preferimos, entre o ordinário e o extraordinário, e 2) seu papel/ potencial como fenômeno promotor de interações e encontros.

A definição formal mais recente proposta pela Organização Mundial do Turismo (OMT), de 2001, delimita o conceito de turismo de maneira superficial, estipulando um período máximo de estadia, mas ampliando as finalidades de deslocamento caracterizadoras da realização do turismo. De acordo com o documento, “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”.

Ainda que a definição oficial proposta pela OMT inclua a finalidade de negócios – abrindo-se também para outras finalidades -, entendemos, em consonância com autores como Barretto (2003b) e Urry (2001) que o caráter não lucrativo da motivação para a visita constitui um dos elementos fundamentais do turismo, juntamente com o tempo de permanência e a busca do turista por prazer, por livre e espontânea vontade. Neste sentido, Barretto (2003b) explica que “pessoas que viajam por motivos alheios ao turismo, utilizam os mesmos serviços que o turista e, muitas vezes, acumulam as obrigações com a prática do turismo.” (BARRETTO, 2003b, p. 13). Este seria, então, o caso das viagens de negócios e daquelas motivadas pela participação em eventos e congressos, ou mesmo para visitas a amigos ou familiares.

Urry (2001) também destaca a motivação pelo lazer como uma característica fundamental do turismo, defendendo como característica fundamental a oposição entre cotidiano (como ordinário) e turismo (como extraordinário), explicando que a busca pelo “diferente” pode ser estabelecida e mantida de diversas formas:

os objetos potenciais do olhar do turista precisam ser diferentes de algum modo. Precisam situar-se fora daquilo que é ordinário. As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam em sua vida cotidiana. (URRY, 2001, p. 28)

Além disso, tanto Urry (2001) como Barretto (2003b) assinalam a presença de dois elementos fundamentais no turismo: o dinâmico - caracterizado pelo deslocamento, gerado pela viagem -, e o estático – representado pela estadia temporária. Barretto (2003b) preocupa-se em esclarecer que a realização de uma viagem não implica, necessariamente, na realização de turismo, já que este “inclui a viagem apenas como parte, havendo muitas viagens que não são de

turismo.” (BARRETTO, 2003b, p.13). Assim, diversas outras motivações para viagens não-turísticas podem ser observadas como, por exemplo, a realização de estudos ou negócios e a prestação de visitas a parentes, as quais podem representar, mais do que a busca por prazer, compromissos sociais.

No intuito de delimitar o complexo conceito de turismo, Urry (2001) apresenta o que chama de características mínimas do turismo. Seriam elas:

a) o turismo é uma atividade de lazer que pressupõe o seu oposto, ou seja, um trabalho regulamentado e organizado;

b) o turismo envolve, necessariamente, o deslocamento através do espaço, isto é, a viagem, e um período de permanência em um lugar ou lugares novos;

c) a viagem e a permanência se destinam a localidades fora dos lugares normais de residência e de trabalho, e os períodos de permanência são de caráter temporário, breves;

d) os lugares objetos do olhar turístico se prendem a motivações que não são diretamente ligadas ao trabalho remunerado e oferecem normalmente alguns contrastes distintivos com o trabalho, remunerado ou não;

e) novas formas de consumo turístico originam-se da necessidade de algumas parcelas da população de lidar com o caráter de massa do olhar do turista, que se opõe ao caráter individual da “viagem”;

f) as escolhas dos lugares a serem visitados são profundamente influenciadas por expectativas relacionadas a devaneios e fantasias, e construídas através de uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos;

g) o olhar do turismo é direcionado pra aspectos da paisagem e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual;

h) os olhares do turismo são construídos por intermédio dos signos; o turismo abrange uma coleção de signos. “No mundo inteiro esses exércitos não declarados de semióticos, isto é, os turistas, se inflamam, à procura dos sinais das demonstrações de francesismo, do comportamento italiano típico, de cenas orientais exemplares, de autopistas americanas típicas, de pubs tradicionais ingleses.” (CULLER, 1981, p. 127 *apud* URRY, 2001, p. 18)

É possível observar, portanto, que Urry (2001) entende como fundamentais os aspectos não lucrativos da visita/ do deslocamento e temporário (breve) da estadia ou permanência. Estabelece, ainda, uma relação direta entre a escolha dos destinos e a criação de expectativas fortemente influenciadas por elementos não-turísticos. Assim, compreende que

tais práticas envolvem o conceito de ‘afastamento’, de uma ruptura limitada com rotinas e práticas bem estabelecidas da vida de todos os dias, permitindo que nossos sentidos se abram para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano (URRY, 2001, p. 17)

É importante explicar ainda que, partindo da oposição supracitada entre ordinário e extraordinário, Urry (2001) destaca o que chama de “olhar do turista” como um caminho possível de investigação social que visa “interrogar o normal através das formas típicas de turismo”, ou seja, através do desvio, do extraordinário.” (URRY, 2001, p. 17)

A partir desta breve revisão de definições do complexo conceito de turismo, entende-se o turismo como um fenômeno de caráter econômico e sociocultural, marcado pela presença de um elemento dinâmico (a viagem ou deslocamento) e de um elemento estático (a estada), que deve ocorrer fora da localidade de residência e por um tempo de permanência breve e determinado, confirmando seu caráter temporário.

Entende-se que para que seja configurada a realização do turismo, a motivação envolvida deverá estar marcada pela busca por prazer e não pela realização de atividades com fins lucrativos ou laborais (em relação ao próprio turista), podendo sua prática estar combinada com a realização de viagens de outros diversos tipos. Assim, a viagem turística envolve necessariamente outro elemento fundamental: a busca do extraordinário, em contraste com as rotinas e os cenários (não somente geográficos) encontrados no cotidiano do indivíduo em questão.

Portanto, em consonância com o posicionamento de Barretto (2003b, p.16),

respeitando a etimologia da palavra, *turismo* deveria designar um tipo específico de viagem, cujas características também deveriam respeitar a historicidade do conceito, adotando a expressão *sistema turístico* para designar a série de serviços antes mencionada. Dessa forma, o turismo passaria a ser entendido como uma prática social e o sistema turístico como uma série ordenada de serviços criados a partir de tal prática; as múltiplas relações que se estabelecem, na prática do turismo, com o sistema turístico e com os lugares visitados constituiriam o fenômeno turístico, e os estudos sobre o fenômeno turístico, a turismologia.

Turismo	Elementos fundamentais	Características
	Elemento dinâmico: viagem ou deslocamento	Destinam-se a locais fora do espaço/ território de residência
	Elemento estático: estadia	Apresenta caráter temporário e limitado
	Motivação	Busca pelo prazer e pelo extraordinário em oposição ao ordinário/cotidiano
	Caráter não-lucrativo da visita	Diferentemente de outras formas de viagem (como as viagens de negócios e estudos), a realização do turismo pressupõe a busca pelo lazer em oposição ao trabalho realizado no cotidiano, na localidade de origem.

Quadro 1.1. Os elementos e características fundamentais do turismo. Fonte: Autora.

Esta investigação posiciona e compreende o turismo como um fenômeno promotor da interação entre diferenças na contemporaneidade.

Em tempo de globalização, o que é certo é que a indústria do turismo é responsável por criar maneiras de transformar, circular e consumir localidades, criando uma cultura material e uma “economia de sensações” que lhe é específica. O Turismo precisa, portanto, ser entendido como um processo social capaz de engendrar formas de sociabilidade que produzem efeitos ainda por conhecer. (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p. 2)

Como apontou Bauman (2005, p. 45), “a marca da modernidade é a ampliação do volume e do alcance da mobilidade, e, por conseguinte, de forma inevitável, o enfraquecimento da influência da localidade e das redes locais de interação.” Assim, a expansão e a intensificação das mobilidades - de pessoas, informações e capital – têm resultado em um movimento chamado por alguns teóricos de *compressão do tempo-espaço*. Nesse sentido, ainda que não configure o único responsável¹¹ por esta “explosão de mobilidade”, o turismo destaca-se enquanto importante dimensão da compressão do tempo-espaço e da aceleração dos processos globais na contemporaneidade. Tais fenômenos representam, simultaneamente, tanto os resultados de

¹¹ Destacam-se também diversas outras formas de mobilidades relacionadas a viagens não-turísticas e aos avanços nos meios de transporte, comunicacionais e informacionais.

transformações políticas, econômicas e socioculturais, como um dos principais fatores que contribuem para suas alterações na atualidade.

Pode-se dizer, portanto, que o turismo contribui significativamente para a promoção de interações sociais¹², em especial, entre indivíduos representantes de diferentes línguas, culturas, crenças, valores e, portanto, expectativas. Dessa forma, tais interações turísticas envolvem questões que permeiam conceitos tais como territorialidade e pertencimento, diversidade e tolerância, identidade, patrimônio e memória.

Conforme defendido por Elias (1994), as interações sociais são responsáveis pelo surgimento de tensões, funções relacionais e interdependências, as quais estão diretamente ligadas à formação de individualidades e do tecido social. Dessa forma, as interações promovidas pela atividade turística podem ser entendidas como parte de processos de (trans)formação individuais e sociais. “É pela interação social que o indivíduo compreende a si mesmo e aos outros. É o processo de interação que constrói o sujeito, a sociedade e a cultura.” (VITULE, 2003, p.31).

Uma vez produto do processo histórico moderno, o Turismo se insere entre os inúmeros fenômenos sociais engendrados pela modernidade e suas tendências econômicas, políticas e culturais a transformar o mundo. [...] é, pois, a cultura viva a perambular por territórios; a interação móvel entre lugares, indivíduos e grupos sociais; ícone da modernidade em movimento. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p. 64)

Vale referir que o objetivo implicado na opção pela análise de interações turísticas decorrentes em modalidades alternativas do turismo não está ligado a qualquer tipo de juízo de valor que intencione posicionar o turismo de massa como qualitativamente inferior ao turismo alternativo. A escolha aqui representada pelas interações entre hospedeiro(s) e hóspedes em estabelecimentos de formato *bed and breakfast* justifica-se por diversos outros motivos, como a interseção entre o cenário doméstico e as práticas comerciais, a relação destas práticas com o *ethos* observado no bairro de Santa Teresa, e as próprias práticas e dinâmicas envolvidas em relações de hospitalidade.

¹² Assim como fez Erving Goffman para fins de análise da vida social cotidiana a partir de uma perspectiva dramaturgica, toma-se aqui nesta investigação a interação face a face como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros.” (GOFFMAN, 2011, p.24).

Quando as interações entre hospedeiro e hóspede são abordadas no contexto da interação, surgem ainda questões peculiares como a entrada do outro no espaço, o transpassar da barreira, a preexistência (ou não) do convite e a vulnerabilização mútua. Abarca-se, portanto, o aspecto espacial destas relações: o território.

Entendida como um gesto de compensação, a hospitalidade implica na transposição de um espaço e em estabelecer um ritual de acolhimento. Ao admitir aquele que chega (o forasteiro) ao interior, estabelece-se uma desigualdade de lugar e de estatuto: um é “dono do lugar” (autóctone) enquanto o que é recebido encontra-se ali temporariamente. Salienta-se que esse espaço “atravessado” não se reduz ao plano geográfico (urbano e doméstico), e contempla, no plano psíquico, o território do outro. (GRASSI, 2004; VERNANT, 2008 apud SIQUEIRA BUENO; ROLFSEN SALLES; BASTOS, 2010, p. 2)

Tais interações representam um exemplo de encontro entre atores representantes de distintas bagagens histórico-culturais. Podem, portanto, promover ao mesmo tempo questionamentos, conhecimentos e tolerância, e também conflitos e atritos de diversos tipos e amplitudes.

A hospitalidade, por sua vez, capta o espírito da relação socialmente construída entre anfitrião e hóspede, esse (des)encontro de subjetividades a produzir interações dialógicas no plano interacional [...] transcendendo à forma com que o turista é tratado para, então, refletir a intersecção entre costumes, usos, etnias e temporalidades distintas – tanto dos visitantes quanto dos visitados. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p. 65)

O turista não deve ser compreendido neste cenário como um mero observador ou consumidor de todos os produtos e serviços oferecidos. Ao visitar uma localidade, ele é também ator nos processos de transformação cultural e identitária da mesma.

O turista é também parte integrante da história dos destinos que visita, reconstruindo-os e transformando-os; o turista é um fator reestruturante das práticas cotidianas; ele agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p. 65).

Bauman (1997, p. 29) avalia que “*o turismo é uma busca consciente e sistemática da diferença e da novidade.*” Pode, assim, ser entendido como um fenômeno que envolve essencialmente uma busca pelas diferenças¹³, Esta é representada pela alteridade, pelo “outro”.

¹³ Entende-se que a própria concepção de diferença é socialmente elaborada, variando de acordo com a cultura, o gênero, o grupo social do indivíduo-turista. Assim, variam também os graus de distinção da dualidade ordinário/

De acordo com Todorov (1993, p. 3), o outro pode ser concebido “como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo o indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos.” Este autor defende, ainda, que a relação com o outro se daria em três dimensões inter-relacionáveis.

A primeira dimensão é o julgamento de valor: o outro é bom ou é mau, gosto dele ou não gosto. Em um segundo momento vem a ação de aproximação e afastamento: adoto os valores do outro, me identifico, ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem (entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade ou indiferença). Por último, há o plano epistemológico, ou seja, conheço ou ignoro a identidade do outro: aqui não há nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (TODOROV, 1993 *apud* PIMENTEL, 2007, p. 21).

Do mesmo modo, a viagem implicada na realização do turismo pode desempenhar mais do que um papel de divertimento, relaxamento e lazer. Pode representar uma experiência de conhecimento – do outro, da natureza e de si mesmo. Conforme observa Vitule (2003, p. 21-22), “viajar tem sempre um duplo significado: o deslocamento no espaço, ou seja, a mudança de espaço físico, e um movimento interior, que tem como objetivo conhecer ‘o outro’”.

Esta autora também destaca que a reflexão sobre a viagem a partir da perspectiva da diferença seria adequada para os estudos que abordam a questão da cultura, já que “viajar significa entrar em contato com a riqueza e a multiplicidade de formas de organização da vida social”. (VITULE, 2003, p. 22) No mesmo sentido, Pimentel (2007, p. 22) sustenta que “a cada cultura corresponde uma forma de estar no mundo. É a partir dessa forma que indivíduos e coletividades pensam “o outro”, como estranho, diferente, estrangeiro.”

Portanto, torna-se relevantes empreender investigações que busquem uma compreensão mais aprofundada acerca das influências do turismo na promoção de encontros e na inferência destes encontros para as diversas formas de relação entre indivíduos e entre indivíduo e espaço. A interação com o outro, em especial com o estrangeiro, com o diferente, promove processos de (auto) validação que interferem na imagem tomada e passada de si mesmo. A viagem, não é um mero deslocamento no espaço físico: é uma tomada de conhecimento do diferente que pode gerar processos de negociação, tradução ou afirmação de determinadas características. “Trata-se de

extraordinário nesta demanda; a diferença pode ser buscada na oposição do cotidiano ou no conforto da encenação ou da bolha turística.

uma aprendizagem relacional em que a transação cultural com o outro permite estabelecer uma melhor definição de si e reforçar o sentimento de pertencimento ao seu próprio grupo.” (CARNEIRO; FREIRE-MEDEIROS, 2004, p. 105)

À medida que viaja, o viajante desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa. (IANNI, 200, p. 31 *apud* CAMARGO, 2003, p. 66).

Esta seção buscou, portanto, a realização de uma breve delimitação do turismo como fenômeno marcado pela oposição entre ordinário e extraordinário e capaz de promover interações ou encontros com “o outro”, com a alteridade. Entende-se que é por meio das interações que tanto indivíduo quanto sociedade são formados e modificados, sendo este um fator fundamental na formação de tensões e demandas que norteiam tanto (re)formulações e acionamentos identitários e memoriais, quanto as múltiplas formas de relacionamento e significação do espaço por grupos e indivíduos.

Com o objetivo de escapar de uma visão romântica ou ingênua do turismo, propõe-se, aqui, uma compreensão crítica das inferências provocadas por estas interações peculiares. Se, por um lado, o encontro com o “outro” decorrente de deslocamentos turísticos pode propiciar questionamentos e reflexões individuais que, por sua vez, podem gerar efeitos como, por exemplo, maiores graus de tolerância, o contato com a diferença pode também gerar uma série de conflitos, ou mesmo, apenas servir para confirmar preconceitos e noções discriminatórias pré-existentes.

3.2 Dádiva e hospitalidade: encontros para além do turismo

Não se trata de piedade pelo hóspede, mas sim, ao contrário, de deferência e de respeito, do respeito que tenho por mim na medida em que carrego e sustenho o estrangeiro em mim. (MONTANDON, 2011, p. 35)

O posicionamento da hospitalidade enquanto objeto de investigação científica é bastante recente, sendo seu enfoque de compreensão e análise bastante variado. Dessa forma, a delimitação conceitual da hospitalidade depende profundamente da abordagem adotada para sua discussão e compreensão. Neste sentido, considerando o enfoque interacional desta investigação, onde os encontros, suas dinâmicas, seus significados e suas inferências assumem um papel de destaque, a temática da hospitalidade será aqui abordada a partir da teoria da dádiva proposta pelo antropólogo francês Marcel Mauss.

Em sua mais célebre obra publicada pela primeira vez em 1923 - “*Ensaio sobre a dádiva*” – Mauss (2008) analisa, em um amplo material etnográfico, os variados e complexos sistemas de trocas de habitantes da orla do Pacífico e do noroeste da América do Norte. O que ele encontra e descreve, então, é um sistema de intercâmbio de prestações e contraprestações, as quais ele chama de “prestações totais”. Estas prestações representariam ofertas de presentes marcadas pela tríade *dar-receber-retribuir*.

No entanto, Mauss (2008) chama atenção para o fato de que além de bens e riquezas, são trocados também,

amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. (MAUSS, 2008, p. 58)

Desta forma, propõe o conceito de fato social total para descrever aqueles nos quais diversos tipos de instituições sociais – jurídicas, morais, econômicas e religiosas - são expressos e abarcados. A troca é, portanto, trabalhada pelo autor como um ponto ou sistema a partir do qual vários aspectos da vida de uma determinada sociedade poderiam ser descritos e analisados.

Além disso, tais prestações operariam simultaneamente como livres, gratuitas, voluntárias, e obrigatórias, interessadas. Por um lado, os atos de *dar*, *receber* e *retribuir* representariam obrigações por marcarem a atribuição e afirmação de prestígio para os envolvidos, simbolizando, ainda, a proposição do estabelecimento do vínculo (*dar*), sua aceitação (*receber*) e sua manutenção (*retribuir*). Assim, o não oferecimento ou a não aceitação de um presente implicariam, portanto, no rompimento com as normas vigentes de sociabilidade: “recusar-se a dar, negligenciar o convite, como recusar receber, equivale a declarar a guerra; é

recusar a aliança e a comunhão.” (MAUSS, 2008, p. 71) Enquanto isso, o aceite configuraria a entrada ou permanência no jogo, a própria aceitação do vínculo.

Por outro lado, tais regras devem permanecer sempre implícitas, promovendo a crença de voluntariedade e liberdade das prestações. Assim, uma dádiva realizada por obrigação ou obediência a normas explícitas ou assimiladas como obrigatórias é percebida como de qualidade inferior. Desta forma, ainda que haja na dádiva uma constante expectativa de retribuição, é de sua característica que esta não seja uma retribuição previamente garantida; é justamente esta incerteza sobre a prestação de uma contradádiva que caracteriza o vínculo estabelecido nesta dinâmica. “A dádiva, como a relação que estabelece, não é unilateral. Afinal, uma relação de sentido único não seria uma relação – o equilíbrio da dádiva está na tensão da dívida recíproca.” (PIMENTEL, 2007, p. 60)

Conforme observa Coelho (2006, p. 21), ao analisar as dádivas como formas de representação do eu: “esta oposição entre a teoria e a realidade apresentando verdades distintas sobre a natureza da troca pode ser entendida como a síntese da análise da dádiva realizada por Mauss.” E é justamente através da inquietação trazida por esta dupla lógica supostamente paradoxal de liberdade e coerção que Mauss (2008) chega às questões centrais que acabam por nortear sua investigação: o que moveria a coisa dada neste movimento de doação, recebimento e retribuição?

Mauss (2008) chega à conclusão de que este movimento se dá porque o que ocorre não se limita à uma simples troca material, mas representa também uma troca espiritual, uma forma de comunicação e sociabilidade, em suma, uma mistura de coisas e pessoas, pessoas e coisas. Neste sentido, o autor explica que estas supostas lógicas paradoxais de liberdade e obrigação são entrelaçadas pelo espírito da coisa dada. Segundo ele, o que ocorre nestas trocas específicas é uma mistura entre as coisas e pessoas, entre pessoas e coisas:

[...] essa mistura estreita de direitos e deveres simétricos e contrários deixa de parecer contraditória se se conceber que existe, antes de mais, mistura de laços espirituais entre as coisas que pertencem, em algum grau, à alma e aos indivíduos e os grupos que se tratam, em algum grau, como coisas. (MAUSS, 2008, p. 71)

Assim, a antropologia de Mauss (2008) pode ser entendida como uma sociologia do símbolo, da comunicação (Lanna, 2000): “Donde se segue que apresentar qualquer coisa a

alguém é apresentar qualquer coisa de si.” (MAUSS, 2008, p. 70) A dádiva possui, portanto, um potencial de aproximação peculiar: ainda que momentaneamente, ela faz do outro, não um igual - como nas lógicas do mercado e do Estado -, mas sim, um semelhante. A dádiva é responsável pela constituição de vínculos,

serve, portanto, para se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente a humanidade, cada vez que se dá algo a um desconhecido, um estranho que vive do outro lado do planeta, que jamais se verá. (GODBOUT, 1998, p. 20-21)

A teoria maussiana da dádiva influenciou e ainda influencia diversas reflexões em áreas como a sociologia, a administração, a economia, as relações internacionais e, é claro, a antropologia. Neste sentido, destacam-se dois grupos de pesquisadores cujos trabalhos deverão ser utilizados para auxiliar e fundamentar as reflexões aqui desenvolvidas. O primeiro deles, estruturado na França e dirigido por Alain Caillé, gira em torno da *Revue du MAUSS (Mouvement Anti-Utilitariste des Sciences Sociales)*. Inclui nomes como Alain Montandon, Anne Gotman, Marie-Claire Grassi, Maurice Godelier, Jacques T. Godbout e Christine Binet-Montandon.

O segundo grupo de pesquisadores de expressiva representatividade para este trabalho atua no Mestrado em Hospitalidade oferecido pela Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo (SP) e conta com nomes como: Luiz Octávio de Lima Camargo, Ada de Freitas Maneti Dencker, Sênia Bastos e Marielys Siqueira Bueno.

Desta forma, a dádiva é aqui assumida como um referencial para a descrição e análise dos encontros entre anfitriões e hóspedes nas hospedagens comerciais domiciliares pesquisadas. Como define Camargo (2011, p.17):

Mais do que um achado teórico, o ensaio de Mauss permite-nos dizer que toda hospitalidade é uma dádiva, um sacrifício de algo em benefício do outro, do estranho, do estrangeiro. [...] A noção da dádiva introduz novas leis para a hospitalidade e que também são categorias de análise do desempenho dos atores na cena hospitaleira: desinteresse, reciprocidade, assimetria e competição.

Compreende-se a hospitalidade, portanto, não como uma temática limitada, contida dentro de um espectro mais amplo representado pelo fenômeno turístico, mas como uma grande, complexa e rica área de pesquisa, passível de observação e colaboração entre diversas áreas do conhecimento e configurando, assim, um objeto de estudo interdisciplinar. Sua interface com o turismo é, de fato, inegável. No entanto, parece ser melhor representada por uma interseção entre dois amplos conjuntos do conhecimento – como apontou KyodoWada (2003, p.67) -, do que por um conjunto que contenha o outro.



Figura 1.2. Interseção entre turismo e hospitalidade e estabelecimento de TRENDS. Fonte: KYOKO WADA (2003, p.67).

A figura acima apresentada descreve o relacionamento entre as áreas de estudo do turismo e da hospitalidade. Assim, em consonância com o que foi indicado por Kyoko Wada (2003), entendemos que existem três possibilidades de estudo referentes a estas temáticas. Em primeiro lugar, existem os estudos relacionados ao fenômeno turístico, podendo estar mais direcionados para os aspectos socioantropológicos do mesmo, ou para a gestão de políticas públicas em turismo e de empresas turísticas. Estes seriam os estudos puramente turísticos (1), os quais não teriam qualquer relação com a temática da hospitalidade.

Existe também o grupo de estudos em hospitalidade (2), os quais podem abranger desde a área das relações internacionais com pesquisas sobre migrantes, xenofobia e políticas de imigração, como até mesmo investigações sobre hospitais, hospícios e alimentação. Estes estudos estão predominantemente relacionados às áreas de antropologia, filosofia, sociologia,

relações internacionais, geografia humana e psicologia social, e não apresentam dependências dos estudos puramente turísticos supracitados.

Por fim, existe o grupo constituído pela interseção entre estas áreas (3), o qual contempla mais especificamente a abordagem eleita nesta dissertação. Neste estão os estudos que perpassam simultaneamente estas duas grandes áreas do conhecimento, buscando compreender tanto as relações de hospitalidade no turismo, quanto o fenômeno turístico sob o paradigma da hospitalidade. Podem, portanto, estar presentes nesta interseção pesquisas que busquem compreender a hospitalidade sob um enfoque socioantropológico aplicando-a, no entanto, ao turismo.

O que se sustenta, então, é que a hospitalidade transcende uma associação restritiva e simplória com a hotelaria, representando uma forma peculiar de interação sociocultural.

[...] a hospitalidade pode ser concebida como um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade. A partilha e a troca dos frutos do trabalho, junto com a mutualidade e a reciprocidade, associadas originalmente à caça e à coleta de alimentos, são a essência da organização coletiva e do senso de comunidade. Embora evoluções posteriores possam se preocupar com o medo em relação aos forasteiros e a necessidade de contê-los, a hospitalidade envolve, originalmente, mutualidade e troca e, por meio dessas, sentimentos de altruísmo e beneficência. (LASHLEY, 2004, p. 5)

Ela é, assim, mais do que um conjunto de métodos culturalmente variáveis de recepção e alimentação; é uma prática social, um ritual que atua como um remédio contra a hostilidade (Camargo, 2011). Enquanto prática-ritual atua no estabelecimento e manutenção de vínculos, contribuindo também para a delimitação de formas de associação e pertencimento social. Camargo (2011) explica que, assim como todo ritual, a hospitalidade também determina inclusões e exclusões em seu funcionamento.

Designa o pertencimento de alguns, mas também a condição de estranho de outros. Os incluídos são os iguais de alguma forma. O estranho é o bárbaro, aquele que não conhece as regras da verdadeira civilização, que é a nossa. Assim pensava o romano diante do godo que ameaçava suas fronteiras, assim pensa hoje o ocidentocentrista diante do migrante que exige ser acolhido, e assim somos nós levados a pensar diante do desconhecido que nos bate à porta, e, até mesmo, é como o transeunte pensa perante o indivíduo que lhe pergunta as horas. (CARMAGO, 2011, p. 15)

Apesar de poder variar tanto nos seus significados, nos mitos de origem e em suas práticas propriamente ditas, a hospitalidade envolve algumas características fundamentais como

a transposição de uma tensão inicial, ou seja, de uma hostilidade peculiar a este encontro. Se para o anfitrião a abertura de seus espaços de intimidade pode expor comportamentos e funcionamentos íntimos da dinâmica familiar ou domiciliar - envolvendo também o compartilhamento de alimentos, espaços e tempo -, para o hóspede a entrada em um terreno desconhecido (ao qual não pertence) também o posiciona em um lugar de insegurança e desconforto.

O gesto da hospitalidade é, de início, o de descartar a hostilidade latente de todo ato de hospitalidade, pois o hóspede, o estrangeiro, aparece frequentemente como um reservatório de hostilidade [...] sua posição de exterioridade marca sua diferença. (MONTANDON, 2011, p. 32)

Ainda que proveniente do mesmo país ou, até mesmo, região, este indivíduo representa o estrangeiro, o estranho, aquele que adentra um espaço ao qual não pertence, muitas vezes, sendo necessário o trato com culturas e línguas por ele não dominadas. Sua entrada no espaço e a preexistência (ou não) do convite evidenciam, ainda, o aspecto espacial desta relação: o território. O que ocorre, portanto, é uma mútua vulnerabilização: o anfitrião compartilha de seu patrimônio, espaço e intimidade, enquanto o hóspede predispõe-se a aceitar as regras daquele que o recebe.

Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o dentro e o fora, a soleira é etapa decisiva semelhante a uma iniciação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, ela comporta, uma face de violência, de ruptura, de transgressão, até mesmo de hostilidade [...]. A soleira marca uma fronteira, uma passagem, e sua transposição implica tacitamente, para o convidado, a aceitação das regras do outro. (MONTANDON, 2011, p. 32)

Grassi (2011) explica que este espaço penetrado e compartilhado não está restrito ao espaço geográfico – em seus componentes urbano e doméstico -, mas abarca também o espaço psíquico. Estes dois territórios – geográfico e psíquico – estariam, por sua vez, interligados, “já que, no mais das vezes, todo território geográfico implica um território de alteridade.” (GRASSI, 2011, p. 45)

Diante desta tensão inicial, a atuação do anfitrião apresenta um caráter de ambiguidade: se por um lado pretende abrir-se para o hóspede ou visitante, por outro tem a necessidade de manter certa distância, conservando o estranho como tal. Montandon (2011) observa que a

hospitalidade não teria como vocação natural uma integração capaz de transformar o outro em igual, mas em semelhante. Pressupõe o respeito pela alteridade, e não a imposição violenta de uma submissão às próprias leis. “Assim, a hospitalidade fica entre dois limites: a rejeição e a absorção. [...] O paradoxo do gesto hospitaleiro é o de dever oferecer preservando, de manter a distância instaurando uma presença.” (MONTANDON, 2011, p. 34). Baptista (2002, p. 162) também observa esta ambiguidade referente à hospitalidade, concluindo que o distanciamento e a aproximação paralelos e peculiares à mesma seriam fatores imprescindíveis no processo de aprendizagem humana.

Outro ponto importante implicado nas relações de hospitalidade e que expõe a vulnerabilidade daquele que chega é a dependência do outro, descrita por Montandon (2011, p. 34) como “frequentemente benéfica, necessária e indispensável”. Para este autor, esta dependência não ficaria restrita a normas exteriores como horários para refeições, comportamentos, línguas, culturas e costumes. Ela seria também interiorizada; “eu sei que não passo de um hóspede, um ser de passagem, que a hospitalidade mantém em situação de estrangeiro.” (MONTANDON, 2011, p. 34)

Entende-se, por isso, que as relações entre anfitrião e hóspede devem ser consideradas como um encontro - complexo e repleto de tensões - entre atores representantes de bagagens histórico-culturais; um encontro entre mundos. Podem, portanto, promover ao mesmo tempo questionamentos, conhecimentos e tolerância, assim como conflitos e atritos de diversos tipos e amplitudes. Destaca-se que as fragilidades e dificuldades de manutenção da situação, ou seja, do bom funcionamento desta relação serão abordadas de maneira mais aprofundada neste capítulo, nas seções que darão conta da discussão sobre turismo, hospitalidade e encenação.

A hospitalidade, por sua vez, capta o espírito da relação socialmente construída entre anfitrião e hóspede, esse (des)encontro de subjetividades a produzir interações dialógicas no plano interacional [...] transcendendo à forma com que o turista é tratado para, então, refletir a intersecção entre costumes, usos, etnias e temporalidades distintas – tanto dos visitantes quanto dos visitados. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p. 65)

Como defendem os autores supracitados, se estabelece assim um relacionamento de significativa complexidade, responsável tanto pela formação quanto pela manutenção de vínculos sociais, resultando também na transformação dos próprios indivíduos envolvidos. A

hospitalidade enquanto dádiva não está, portanto, restrita às sociedades tidas como primitivas, mas faz-se presente ainda na contemporaneidade. Como observa Montandon (2011, p. 32),

as sociedades ocidentais modernas conservam alguns vestígios de tais práticas e não diferimos tanto, em nossos usos, daquilo que se faz nas sociedades arcaicas no jogo dos presentes e dos contrapresentes. Rivalizamos com nossos presentes, nossos banquetes, nossas bodas, nossos convites [...].

Selwyn (2011, p. 26) também sustenta que a função básica da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido; a hospitalidade teria, acima de tudo, um potencial transformador.

Os atos relacionados com a hospitalidade, desse modo, consolidam estruturas de relações, afirmando-as simbolicamente, ou (no caso do estabelecimento de uma nova estrutura de relações) são estruturalmente transformativas. No segundo, caso, os que dão e/ou os que recebem a hospitalidade não são mais os mesmos, depois do evento, como eram antes (aos olhos de ambos, pelo menos). A hospitalidade transforma: estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas íntimas, não-parentes em parentes. Esses princípios ganham expressão em descrições etnográficas de uma grande variedade de sistemas sociais. (SELWYN, 2004, p. 27)

Observa-se que, apesar de configurar uma prática milenar, as relações de hospitalidade podem variar de acordo com o contexto sociocultural e histórico no qual estão inseridas. Como indica Grassi (2011), desde a Antiguidade existe um código de acolhimento do estrangeiro que é revestido de sacralização, seja em ambientes pagãos ou cristãos. *“Acolher o outro é ou receber Deus sem saber, ou obedecer a Deus ou aos deuses – isso se vê em Homero ou na Bíblia.”* (GRASSI, 2011, p. 58) Também a respeito deste caráter de variabilidade, Grinover (2002, p. 27) relata que:

nas últimas décadas, novos acontecimentos, como a industrialização, a urbanização, a explosão demográfica, o desenvolvimento científico e tecnológico, as novas estruturas econômicas e, particularmente, a ampliação do poder aquisitivo de uma parcela considerável da população das sociedades contemporâneas, mudaram a relação entre visitantes e receptores, hóspedes e anfitriões. (GRINOVER, 2002, p. 27)

A partir do breve apanhado teórico aqui realizado, faz-se possível a delimitação da noção de hospitalidade como um encontro onde a dádiva se faz presente; tal dinâmica é o que marca e define o caráter de hospitalidade destas relações. Neste sentido, compreendida como uma forma

de troca que envolve diversas instâncias da vida social de grupos e indivíduos, a hospitalidade é, aqui, assumida como um fato social total nos moldes propostos por Mauss (2008).

Quando desenvolvida nesta complexa interseção entre o doméstico e o comercial, esta prática pode envolver vulnerabilizações, riscos e tensões peculiares para ambos os envolvidos. Faz-se necessária, portanto, a problematização das articulações elaboradas entre estas instâncias supostamente opostas e auto-excludentes, não simplificando sua categorização em virtude da inserção ou não de pagamentos financeiros.¹⁴

3.3 É pago, mas é em casa: as hospedagens comerciais domiciliares

O desenvolvimento de modalidades e tipos diversos de hospedagem paga ao longo da história está profundamente relacionado às demandas geradas pelas diferentes formas de mobilidade no espaço - aí também inserido o deslocamento turístico. Com a finalidade de auxiliar na delimitação do conceito de hospedagem comercial domiciliar, situar-se-á brevemente o processo de desenvolvimento da hospedagem comercial diante de um contexto histórico mais amplo. Tal descrição tem como objetivo fundamentar e contribuir para a compreensão de diferentes significados, valores e *status* atribuídos às hospedagens em ambientes domésticos ao longo do tempo.

O nascimento do conceito de hospedagem paga está diretamente atrelado ao surgimento de mobilidades como as peregrinações religiosas e os deslocamentos em rotas com fins comerciais. Conforme relata Walton (2004, p. 80), “a atividade comercial associada à hospitalidade é tão antiga quanto o comércio, a migração e a peregrinação, havendo evidências de locais especializados que ofereciam repouso e acomodação nos tempos romanos e, novamente, a partir do século XVIII.”

Neste período, despontam duas formas preponderantes e bastante distintas de hospedagem comercial: os albergues e as hospedarias. Os primeiros tipos de estabelecimentos, denominados de albergues ou tabernas, ofereciam serviços de alimentos, bebidas, abrigo e repouso, apresentando conforto inferior ao das casas mais humildes da região, e atendendo,

¹⁴ Este ponto será aprofundado em uma seção posterior dedicada à discussão das interfaces entre dualidades como dinheiro/ sentimento, formalidade/ informalidade no turismo e na hospitalidade.

mediante algum tipo de pagamento, aqueles que não dispunham da possibilidade da hospitalidade doméstica - tida como privilegiada, desejada e socialmente valorizada. (Camargo, 2011). Como assinala Walton (2004), poderiam ser somados a estes serviços básicos a provisão de opções médicas, sexuais e de entretenimento.

Já o conceito de hospedaria (ou *hostellerie* em francês) seria derivado do termo *hostel*, o qual estaria, por sua vez, diretamente ligado ao sentido de lar, abrigo e residência. Conforme indica Grassi (2011b), sua origem, seu status e seus significados seriam, assim, um tanto quanto mais nobres do que aqueles relacionados aos *albergues*.

Longe de estar ligado a algum lugar mais ou menos sórdido [...] onde por dinheiro se recebe um abrigo duvidoso, comida medíocre e prazeres variados -, o termo *hostellerie* [hospedaria] tem etimologicamente suas cartas de nobreza. O ancestral da palavra é uma palavra nobre e nada tem a ver com o termo popular *albergue*. [...] a partir do século XVI, a hospedaria é sinônimo de albergue de campo, em seguida, lentamente sinônimo de hotel no sentido contemporâneo, sentido plenamente adquirido no século XIX. (GRASSI, 2011b, p. 537-539)

É possível notar, portanto, uma grande diferenciação de status e prestígio entre as hospedagens oferecidas em estabelecimentos destinados àqueles que não dispunham da oferta de hospedagem domiciliar e àqueles que recebiam oportunidades de hospedagem privilegiadas, como era o caso das hospedarias e das hospedagens em ambientes residenciais em geral.¹⁵

A Modernidade, por sua vez, reorienta essas relações. A hospitalidade doméstica passa a ser gradativamente substituída pela hospitalidade urbana e comercial, perdendo paralelamente a força de seu prestígio. Um dos fatores que mais contribuiu para esta transformação foi o surgimento do chamado turismo organizado ou operacionalizado, realizado por intermédio de operadoras e agências turísticas e inaugurado pelo inglês Thomas Cook, considerado pioneiro e inventor do *trade* turístico. Camargo (2011) descreve que,

depois de César Ritz e Paul Escoffier, hospedagem e alimentação em hotéis impõem definitivamente seu prestígio aos das casas locais. A evolução dos meios de transporte [...], mais as modernas agências operadoras e de viagem, completa a erosão da

¹⁵ As origens e status diferenciados dos termos albergue e hospedaria (ou *hostel*) podem explicar, ainda, a adoção deste último termo para denominação comercial dos estabelecimentos hoje conhecidos como albergues – alojamentos de baixo custo, geralmente utilizados por estudantes, viajantes mochileiros e turistas alternativos. A adoção do termo originalmente de maior status pode estar, assim, associada não somente a definição de uma nomenclatura global, mas também a uma tentativa de valorização desta modalidade de hospedagem.

hospitalidade doméstica em favor de uma hospitalidade urbana e comercial. (CAMARGO, 2011, p. 19)

De Buzon (1999 *apud* GRASSI, 2011b, p. 539) também observa que, “condicional ou incondicional, a hospitalidade se torna progressivamente uma questão privada, e essa privatização se explica pelo advento da urbanidade, da civilidade e do desenvolvimento concomitante da hotelaria.” Sem dúvida, tais transformações nos cenários da hospitalidade estão associadas com a própria consolidação gradativa da noção de intimidade. Tal questão deverá ser um dos pontos discutidos de maneira mais detalhada juntamente com a análise dos dados desta dissertação, no quarto capítulo dedicado aos resultados.

O tipo de hospedagem abordado nesta dissertação é comercial, mas transcorre em cenário doméstico, relacionando-se, ainda, com a atividade turística. Lynch e MacWhannell (2004) distinguem três grupos principais de hospedagens domiciliares na contemporaneidade, os quais estariam relacionados a graus variáveis de inserção dos indivíduos hospedados nas dinâmicas domiciliares e familiares dos anfitriões. Em primeiro lugar estaria a hospitalidade comercializada em casas particulares, onde residem os donos e os “espaços coletivos” são compartilhados entre os hóspedes e a família anfitriã. Os autores explicam que “esta categoria pode ser subdividida pelo grau de integração da visita com a família e suas atividades; por exemplo, alojamento com café da manhã (*bed and breakfast*) em casa particular; famílias hospedeiras”. (LYNCH, MACWHANNELL, 2004, p. 152)

O segundo grupo abarcaria as formas de hospitalidade comercializadas também em residências onde moram os donos/ anfitriões, no entanto, onde o espaço coletivo é reservado para o hóspede é separado daquele dedicado à família ou núcleo de residentes/anfitriões. Os autores citam como exemplos desta forma de hospitalidade hotéis pequenos, residências urbanas, casas para hóspedes e alguns alojamentos do tipo *bed and breakfast*.

Já o terceiro, estaria representado pelas acomodações do tipo *self-catering*, na qual os donos da propriedade não residem no local de hospedagem. Lynch e MacWhannell (2004, p. 152) explicam que “essa categoria poderia ser subdividida naquelas em que o lar é usualmente uma residência secundária e naquelas em que a unidade de acomodação é simplesmente uma unidade para alugar, sendo o lar um conceito criado.”

A modalidade de hospedagem aqui eleita como objeto de pesquisa é a do tipo *bed and breakfast* e pode estar inserida nos dois primeiros grupos descritos acima. Traduzido para o português, o nome dado a esta modalidade significa “cama e café”, funciona como uma alternativa à hotelaria convencional, onde são oferecidos alojamento e café da manhã aos hóspedes. Pimentel (2007, p. 36-37) acrescenta que,

junto com a ‘cama’, um banheiro é oferecido, podendo ser ou não também compartilhado com os moradores [...] o café da manhã é normalmente a única refeição servida, mas em alguns casos o anfitrião pode oferecer também outras opções, a serem feitas junto com a família ou isoladamente. A estrutura física das casas varia muito de acordo com as tradições de cada local, mas apresentam, normalmente, de um a três quartos destinados (não sempre exclusivamente) à atividade.

Nascido nas ilhas britânicas, este formato expandiu-se para todo o mundo, sendo, atualmente, bastante popular em toda a Europa. Pimentel (2007, p. 36-37) relata que

proprietários de ricas mansões, empobrecidos, começaram a cobrar uma taxa aos seus hóspedes, como um modo de ampliar sua renda. [...] A princípio popular na Irlanda, esta fórmula começou a ser usada também na Escócia, Inglaterra e no País de Gales.

A autora também menciona que muitos destes moradores locais tinham o costume de exhibir placas com as inscrições *bed and breakfast* nas portas de suas residências, informando, assim, a possíveis viajantes ou turistas sobre a disponibilidade de uma cama para pernoite e de café da manhã.

Esta modalidade de hospedagem – conhecida no Brasil tanto pelo nome em inglês, como pela tradução literal para o português – expandiu-se rapidamente não somente em território brasileiro, mas também em países como Estados Unidos, Austrália e Argentina. Podem ser operacionalizados de maneira independente, ou seja, sob a gestão e divulgação do próprio proprietário do domicílio, ou podem também estar associados a associações, rede ou cooperativas de hospedagem. Neste último caso, estas ficam responsáveis pelo cadastramento, capacitação e fiscalização dos anfitriões e de suas residências, assim como pelo planejamento de marketing, pela disponibilização de informações turísticas e pela administração dos processos de reserva.

No Brasil, as duas primeiras redes de hospedagem domiciliar nasceram em 2003 (Rede Cama e Café) e 2004 (Rede *Bed and Breakfast* Brasil) e atuam, até hoje, como as principais redes desta modalidade. Ambas têm seus focos de atuação – e, conseqüentemente, suas sedes – situadas na cidade do Rio de Janeiro, e chegam a atingir em 2013 o número de 300 domicílios cadastrados em todo o país¹⁶. Além disso, outra rede de menor expressão que atua nesta cidade é a Rede Favela Receptiva desenvolvida nas comunidades de Vila Canoas e Vila Pedra Bonita com o apoio da Incubadora Afro Brasileira (patrocinada pela Petrobras). Tal rede configura mais um exemplo profícuo de aplicação e operação de práticas responsáveis e sustentáveis de turismo, através da inserção da comunidade local na atividade.

O diferencial desta modalidade está configurado pela possibilidade de convívio e conhecimento das dinâmicas culturais e cotidianas do núcleo domiciliar formado por moradores locais. Ainda que a capacidade de promoção de encontros diferenciados por parte de modalidades alternativas de turismo seja questionada por alguns autores da Turismologia, entende-se, em consonância com Pimentel (2007, p. 37), que nestes casos,

a dupla função da residência – moradia e hospedagem de turistas – aproxima o proprietário e sua família dos hóspedes, inclusive expondo naturalmente aspectos do dia-a-dia, como tarefas domésticas, preferências pessoais, cultura, lazer e relacionamentos.

Outro aspecto interessante para a compreensão e categorização da hospitalidade é o estabelecimento de seus domínios, conforme proposto por autores como Camargo (2003) e Lashley (2004). O primeiro autor descreve quatro domínios distintos, categorizando-os de acordo com os tempos e espaços onde são desempenhadas as distintas práticas de hospitalidade: doméstica, pública, comercial e virtual. Acerca da hospitalidade virtual, Camargo (2003, p. 17) sustenta que,

embora perpassa e seja quase sempre associada especialmente às três instâncias anteriores, já se vislumbram características específicas dessa hospitalidade, notadamente a ubiquidade, na qual emissor e receptor da mensagem são respectivamente anfitrião e visitante, com todas as conseqüências que esta relação implica.

¹⁶ Informação referente à Rede B&B Brasil, obtida através de entrevista com o fundador e diretor da rede.

Categoria	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa de forma intencional ou casual	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para refeições e festas
Pública	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso	Hospitalidade proporcionada pela cidade e pelo país	A gastronomia local	Espaços públicos de lazer e eventos
Comercial	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis, hospitais, casas de saúde, presídios	A restauração	Eventos e espetáculos; espaços privados de lazer
Virtual	A net-etiqueta do enviar e receber mensagens por meios eletrônicos	Sites e hospedeiros de sites	A gastronomia eletrônica	Jogos e entretenimento

Quadro 1.2. Os tempos/espaços da hospitalidade humana. Fonte: CAMARGO (2003, p. 19).

Já Lashley (2004) apresenta apenas três domínios, dividindo-os em social, privado e comercial. O autor defende que “cada domínio representa um aspecto da oferta da hospitalidade, que é tanto independente quanto sobreposto.” (LASHLEY, 2004, p. 5) Conforme delimita o estudioso britânico,

O domínio social da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. *O domínio privado* considera o âmbito das questões associadas à oferta da “trindade” no lar, assim como leva em consideração o impacto entre o relacionamento entre anfitrião e hóspede. *O domínio comercial* diz respeito à oferta de hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público. (LASHLEY, 2004, p. 5-6)

Entende-se, portanto, que a modalidade de hospedagem selecionada para a realização de pesquisa de campo situa-se em uma espécie de interseção entre domínios em ambas as abordagens. Propõe-se, portanto, o conceito de “hospedagens comerciais domiciliares”, a fim de

dar conta desta interseção e de diferenciar a modalidade de acolhimento selecionada para este estudo das práticas de hospitalidade desempenhadas em ambientes domiciliares oferecidas de maneira não-lucrativa a amigos, parentes e demais tipos de viajantes. Salienta-se, ainda, que tais formas de hospedagem podem não somente acolher turistas¹⁷, mas também indivíduos com outras motivações diversas – como viagens a trabalho ou para estudo.

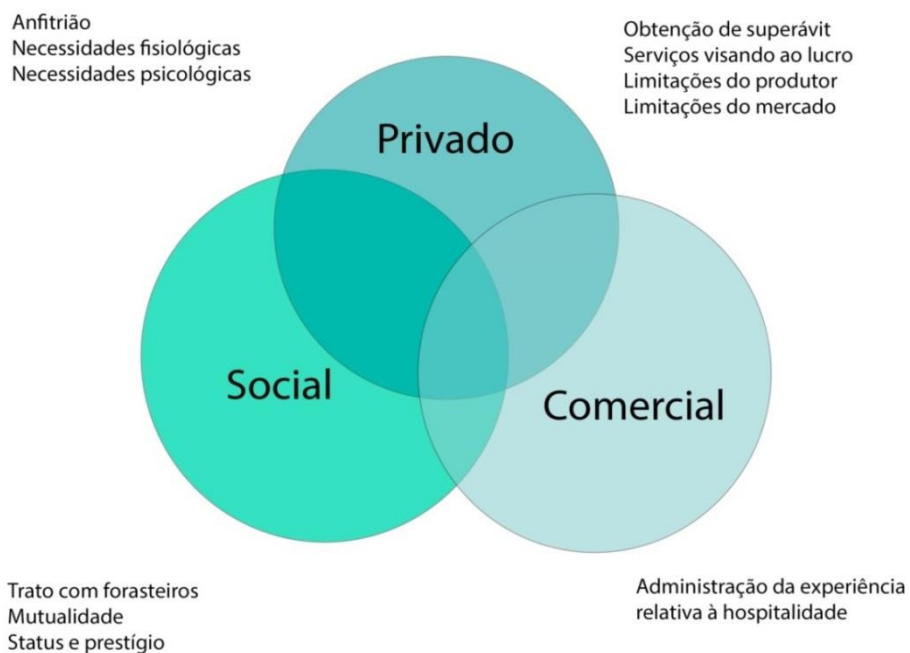


Figura 1.3. Atividades relacionadas com a hospitalidade. Fonte: LASHLEY (2004, p.6).

Considerando a perspectiva de Camargo (2003), é possível afirmar que as hospedagens comerciais domiciliares estão posicionadas em uma interface entre os domínios privado e comercial da hospitalidade. Ainda que nestas hospedagens sejam oferecidos os serviços de alojamento e alimentação - também presentes na hotelaria convencional, nos hospitais e demais estabelecimentos citados -, o cenário e as dinâmicas aproximam-se largamente, neste caso, daquelas observadas no domínio doméstico da hospitalidade.

¹⁷ Ver a definição de turismo discutida e adotada na seção “delimitando o conceito de turismo”.

Já segundo a proposição de Lashley (2004), a hospitalidade desempenhada nas hospedagens comerciais domiciliares perpassa todos os três domínios, já que apresenta caráter comercial, é realizada em cenários domiciliares – envolvendo a oferta da “trindade” (alimentos, bebidas e acomodação) no lar -, mas não deixa de abarcar um contexto social no qual estas relações estão inseridas.

Os encontros decorrentes destas relações são, sem dúvida, variáveis no tempo e no espaço, fazendo com que a compreensão de seu domínio social seja igualmente – ou até mesmo fundamentalmente – relevante. Conforme defende o próprio autor,

[...] o exame deste tópico e o valor posto sobre ser hospiteiro em relação a forasteiros variam através do tempo e entre as sociedades. Assim, as atuais perspectivas e definições de hospitalidade representam apenas uma possibilidade entre muitas outras. (LASHLEY, 2004, p. 7)

Tomando toda interação como fundamental para a constituição tanto de indivíduos quanto da sociedade, e considerando as relações de hospitalidade como representantes de formas peculiares de interação social, é possível sustentar que estes encontros configuram ainda um importante campo de investigação na busca por uma compreensão mais rica e aprofundada acerca das relações sociais e de suas variações e particularidades.

Tal interseção é responsável por tornar ainda mais complexo o cenário em análise, assim como as relações nele imbricadas. Além do transpassar da barreira (ou da soleira) representar, de uma maneira geral, um momento de dupla tensão – para hóspedes e para anfitriões –, a realização de uma atividade comercial que envolve a abertura da intimidade, da propriedade e do território para o outro (para o estrangeiro), suscita ainda questões relativas aos conceitos de região de bastidor e de fachada, propostos por Goffman (2011) em sua abordagem dramaturgicada das interações sociais.

Outra temática responsável por grande divergência entre os estudiosos da hospitalidade é a possibilidade de aplicação do conceito de hospitalidade à prestação de serviços de hospedagem comercial. Por um lado, autores como Gotman (2007, 2009) entendem que a realização do pagamento pela hospedagem encerraria o vínculo (dar, receber e retribuir) característico desta dinâmica, não configurando, assim, uma prática de hospitalidade propriamente dita. Por outro, existem autores como Telfer (2004) que entendem que a realização do pagamento pode ocorrer

de maneira concomitante com a prestação de uma hospitalidade tida como “verdadeira”. Este segundo grupo de autores defende que o que configuraria a hospitalidade nestas circunstâncias seria a preponderância do interesse pelo vínculo sobre o interesse financeiro ou comercial; a predisposição de abertura para o outro suplantaria o interesse econômico da relação. Esta discussão representa um ponto importante para a pesquisa aqui desenvolvida, e será, portanto, aprofundada mais adiante na seção dedicada à discussão da autenticidade na hospitalidade.

Em virtude da necessidade de proposição de um recorte, em especial para a realização da etapa de campo da pesquisa, optou-se pela Rede *Bed and Breakfast* Brasil¹⁸, selecionando, dentre seus domicílios cadastrados, anfitriões residentes no bairro de Santa Teresa (Rio de Janeiro, RJ). As justificativas para tal escolha – de rede e localidade –, assim como o detalhamento sobre o histórico de ambas serão devidamente aprofundados no terceiro capítulo, o qual foi dedicado especificamente à delimitação do objeto, do campo e das abordagens metodológicas de investigação aqui trabalhadas.

3.4 Turismo, hospitalidade e as dualidades perigosas

Conforme exposto anteriormente, as interações aqui enfocadas se encontram em uma espécie de interseção entre o turismo e a hospitalidade, permeando, também, diferenciados domínios, como descrevem Lashley (2004) e Camargo (2003). Sustenta-se, portanto, que características como estas contribuem para o reforço do caráter de alta complexidade observado neste espectro de análise.

Tanto o turismo quanto a hospitalidade, quando considerados como objeto e também como áreas do conhecimento, foram previamente descritos nesta dissertação como elementos passíveis de inúmeras investigações, as quais podem partir de óticas variadas, demandando, ainda, a colaboração e o diálogo de múltiplas disciplinas. No entanto, estas duas áreas compartilham alguns questionamentos e discussões pertinentes a um conceito-chave: a autenticidade. Se por um lado nos estudos da hospitalidade predomina a discussão onde *hospitalidade encenada* e *hospitalidade genuína* são contrapostas, nos estudos em turismo, as

¹⁸ A Rede Bed and Breakfast Brasil será a partir desde momento mencionada sob a sigla B&B Brasil.

interações inseridas neste fenômeno também são frequentemente assumidas dentro de diferentes abordagens teóricas como qualitativamente inferiores ou menos legítimas.

Nesta seção busca-se revisar algumas destas argumentações a fim de refletir sobre as reais possibilidades e limitações destes questionamentos, discutindo, ainda, se estas abordagens seriam ou não um caminho de interpretação capaz de dar conta de descrever e explicar satisfatoriamente – e especialmente - interações perpassadas pelas interfaces entre consumo e intimidade - como as que enfocamos nesta pesquisa.

No entanto, é importante salientar que as revisões aqui apresentadas não têm como motivação a determinação do que é autêntico ou não nas interações entre hóspedes e anfitriões em questão. Pelo contrário, seu papel nesta seção foi o de justamente expor a predominância de visões embebidas nestas “dualidades perigosas”, e sua imprecisão e ineficácia como caminho descritivo e explicativo.

Inúmeras abordagens teóricas buscam delimitar e compreender o turismo como um fenômeno sociocultural transcendendo, assim, as investigações de caráter puramente econômico. Em virtude da interdisciplinaridade presente nos estudos desta área, é possível observar uma ampla variedade de leituras acerca das razões envolvidas nas motivações dos deslocamentos turísticos, das transformações geradas por este fenômeno e, até mesmo, das atribuições de significações ao mesmo. É neste contexto que o conceito de autenticidade recebe contornos diversificados, de acordo com abordagens teóricas específicas do turismo. Autores como Graburn (1983, 1989), MacCannell (1999), Turner & Ash (1976), Boorstin (1992), e John Urry (2001) abordam em suas discussões a autenticidade tanto como alvo de uma busca por parte dos turistas, quanto como característica qualificadora das interações estabelecidas no turismo.

Autores como Greenwood (1972) e Boorstin (1992) compreendem o turismo como um fenômeno que, através da mercantilização – ou como denomina Greenwood (ibid) *commodification* ou *commoditization*¹⁹ – transformaria relações pessoais e autênticas em contatos superficiais, alienantes, impessoais e, conseqüentemente inautênticos.

Inserido em uma leva de estudos socioantropológicos que buscaram medir os impactos econômicos, sociais e culturais do turismo através da teoria da aculturação, Greenwood (1972)

¹⁹ “[...] Transformação de bens, serviços, objetos e manifestações culturais até então considerados fora do sistema de valor e de troca econômica em produtos comprados e vendidos no mercado.” (KOHLENER, 2009, p. 292)

analisa as transformações causadas pelo turismo em localidades receptoras, descrevendo processos através dos quais o turismo de massa teria levado a uma crescente impessoalidade nas relações estabelecidas entre turistas e comunidades locais – e até mesmo dentro das próprias comunidades. O autor entende que este movimento promoveria, ainda, a espetacularização cultural, posicionando o turismo como um responsável pelo “esvaziamento simbólico” de bens culturais. Para ele, através de sua comercialização; “[...] o turismo transforma em produtos elementos como a história, a identidade étnica e outros elementos culturais.” (KOHLENER, 2009, p. 292)

Aproximando-se, da concepção de Greenwood (1972), Boorstin (1992) também demonstra um grande descontentamento com a superficialidade das relações sociais no mundo moderno, as quais, em seu entendimento, seriam “resultado de uma mercantilização presente em diversos campos da vida e nas experiências pessoais”. (KOHLENER, 2009, p. 288)

Lamentando uma suposta substituição do tipo viajante pelo tipo turista como resultante da massificação dos mercados, Boorstin (1992) também sugere que a crescente transformação da viagem em mercadoria teria distanciado o praticante do turismo de formas mais autênticas e diretas de contato com as populações locais e suas culturas. O turista configuraria, assim, um tipo marcado por interações de caráter superficial, envolvido fracamente até mesmo no processo de elaboração da viagem.

O autor apoia-se na sociologia da modernidade de George Simmel para propor o conceito de *pseudoeventos* ou *pseudo acontecimentos*. Segundo ele, os pseudoeventos seriam resultado de uma espécie de “anestesia ou indiferença sensorial”, gerada pelos exacerbados estímulos recebidos pelos indivíduos na modernidade²⁰. Isto porque tal bombardeio de informações e estímulos seria responsável por gerar expectativas extravagantes, as quais, por sua vez, levariam ao surgimento de produtos, eventos e experiências especificamente fabricados, encenados e/ou formatados para atendê-las. “Cria-se, então, um círculo vicioso, com a multiplicação de *pseudoeventos* e o crescente distanciamento dos turistas da realidade.” (KOHLENER, 2009, p. 289)

Boorstin (1992) diferencia largamente, portanto, a busca turística pelo extraordinário de uma suposta busca por autenticidade. “Quer nós procuremos modelos de grandeza, quer

²⁰ Este aspecto da concepção de Boorstin (1992) de pseudo-acontecimentos está claramente ligado à noção de *atitude blasé* proposta por Simmel (1973, p.35) e definida como "a incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas (...) associada à economia monetária, a essência da atitude blasé encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas (...) que não são percebidas como significantes."

busquemos experiências em outros lugares da Terra, nós olhamos para um espelho, ao invés de olhar através de uma janela, e nós vemos apenas nós mesmos.” (BOORSTIN, 1992, p. 117)

Também lastimando uma suposta substituição do “viajante individual” para o “turista de massa”, Turner e Ash (1976) sustentam que o turista está inserido em um mundo estritamente circunscrito, onde atores como agentes de viagens, mensageiros, concierges, gerentes de hotel e guias de turismo acabam por atuar como seus “pais substitutos”. Tal processo, paralelamente às supostas maneiras superficiais com que as culturas nativas são representadas e apresentadas para estes visitantes, resultaria na concepção de “um pequeno mundo monótono, que, em todos os lugares, nos mostra nossa própria imagem... a procura do exótico e do diverso acaba em uniformidade.” (TURNER e ASH, 1975, p. 292 apud URRY, 2001, p. 24)

Tais autores entendem que os destinos turísticos estariam sendo formatados como verdadeiras “ilhas de fantasia”, configurando, assim, ambientes artificiais e formatados para atender às demandas dos turistas que fogem de características como a poluição, os congestionamentos e o sistema de trabalho alienante – presentes em sua localidade de domicílio ou origem. Sustentam, por fim, que o turismo de massa contemporâneo representaria “uma espécie de degeneração de formas anteriores de viagens e lazer, que retém alguns de seus elementos exteriores mais visíveis, porém é desprovido de seriedade e significado.” (KÖHLER, 2009, p. 295)

Um dos principais questionadores desta abordagem é o sociólogo israelense Eric Cohen. Cohen (1972, 1979 e 1988), rejeita uma concepção generalizante de turista ou de experiência turística, entendendo que o “experiential” ou “experimental” desta atividade não estaria apoiado na bolha ambiental de serviços turísticos convencionais. Além disso, destaca também que mesmo o turismo de massa desempenhado sob a influência destas bolhas ambientais também seria responsável pela promoção de alguma forma de contato destes indivíduos que se deslocam com os lugares tomados como “estranhos”.

Embora estes contatos possam ser de natureza extremamente breve e relativamente superficial, o autor entende que a existência destas “bolhas ambientais” tornaria possível para uma grande parcela da população o deslocamento turístico para localidades que ainda não dispõem de uma infraestrutura turística significativa. Como comenta Urry (2001, p. 24), “com efeito, até que estes lugares desenvolvam uma ampla infraestrutura turística, será impossível

escamotear boa parte da ‘estranheza’ de tais destinações e embarcar em um conjunto de pseudo-acontecimentos”.

Outro autor de grande relevância nestas discussões é o inglês Dean MacCannell, apontado como um dos precursores no desenvolvimento de uma teoria geral do turismo. Apesar de partir de uma concepção da modernidade como superficial e inautêntica, - aproximando-se, assim, de Boorstin (1992) -, MacCannell (1999) defende que a motivação básica dos turistas estaria condensada na busca por experiências autênticas, e não na confirmação de suas expectativas prévias.

Entende que “os turistas buscam esses elementos autênticos fora dos domínios do mundo moderno, em outros lugares, épocas e culturas vistas como mais puros e simples, ainda não contaminados pelas mazelas da modernidade.” (KOHLENER, 2009, p. 296) Sua particular compreensão das motivações turísticas faz, ainda, com que MacCannell (1999) veja como elitista e excessivamente nostálgico o posicionamento de Boorstin (1992).

MacCannell (1999) desenvolve, assim, sua abordagem teórica do turismo partindo tanto da sociologia da religião, quanto da perspectiva dramaturgicista proposta por Erving Goffman em “A representação do eu na vida cotidiana”. Sustentando que a busca pela autenticidade no turismo representaria uma versão moderna da preocupação humana universal com o sagrado, o autor equiva o turista a uma espécie de peregrino contemporâneo, interessado na autenticidade da localidade, naquilo que se opõe ao encontrado em sua vida cotidiana. Este seria, assim, um tipo profundamente interessado nas vidas reais das localidades visitadas, almejando não somente a contemplação de espetáculos encenados e supostamente superficiais, mas também a entrada nas chamadas regiões de bastidor – conforme descreveu Goffman (2011).²¹

No entanto, ainda que a busca pela autenticidade constitua para MacCannell (1999) a motivação essencial para os turistas, as experiências turísticas não seriam, necessariamente, sempre autênticas. Isto porque, o turista poderia encontrar na viagem a mesma inautenticidade da qual buscou “escapar”, consolidada sob a forma do que o autor denominou de *autenticidade encenada*. Conforme descreve Urry (2001), MacCannell (1999)

²¹ “[...] o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural.” (GOFFMAN, 2011, p. 106)

nota que essas ‘vidas reais’ podem ser encontradas apenas nos bastidores e que elas não são imediatamente evidentes para nós. Segue-se que o olhar do turista implicará uma invasão óbvia na vida das pessoas, o que, em geral, seria inaceitável. Assim, as pessoas observadas e os promotores do turismo passam gradualmente a construir bastidores, de maneira forçada e artificial. Os espaços turísticos organizam-se, portanto, em torno daquilo que MacCannell denomina de autenticidade encenada.

Assim, de acordo com o conceito de *autenticidade encenada*, proposto por este autor, as atrações turísticas estariam divididas em regiões de fachada e bastidores (ou regiões de fundos), cada qual com suas *performances* e papéis sociais peculiares e, até mesmo, divergentes.

Enquanto a primeira é o lugar da apresentação turística, a segunda é o lugar de descanso e preparação, na qual as atividades que prejudicam a apresentação turística são escondidas. Assim, o turista não encontra em sua viagem elementos culturais autênticos, mas sim representações turísticas, que preservam o cotidiano dos nativos, e permitem a realização de lucros. (KOHLENER, 2009, p. 297)

MacCannell (1999) explicaria, dessa forma, a presença dos pseudo-acontecimentos no turismo, discordando de Boorstin (1992), no entanto, ao entendê-los como resultantes das próprias relações sociais turísticas, e não de uma busca individual pela inautenticidade. O autor entende, portanto, que, na busca pela autenticidade como fuga de uma modernidade inautêntica, o encontrado pelos turistas pode sim ser a própria inautenticidade representada pela autenticidade encenada.

Neste contexto de busca pelas “vidas reais” onde residiria a autenticidade, MacCannell (1999) observa, ainda, o que parece ser uma espécie de subversão do objetivo essencial de lazer que caracterizaria o turismo. Na ânsia pelo adentramento em regiões de bastidor, o trabalho e o cotidiano em geral das populações residentes tornam-se alvo do olhar do turista, configurando o que ele entende como demonstrações do trabalho como um “lazer alienado”. (Urry, 2001)

Apesar de distanciar-se dos demais autores em virtude de suas proposições supracitadas, MacCannell (1999) também preocupa-se com a *commoditization* decorrente do sistema capitalista, entendendo que toda comercialização de experiências turísticas tornaria as mesmas inautênticas.

A comercialização está pressionando o turismo por todos os lados. Mesmo assim, no coração do ato, o contato final entre o turista e uma atração verdadeira, como a Casa Branca ou o Grande Cânion, pode ser puro [...] Uma qualidade definitiva da verdadeira atração é a sua remoção do reino do comercial, no qual ela esta firmemente amparada

fora do tempo histórico no sistema de valores modernos. (MACCANNELL, 1999, p. 156-157)

Outro autor que não associa necessariamente a busca do extraordinário no turismo com uma busca por autenticidade é Urry (2001). Ao destacar a motivação pelo lazer como uma característica fundamental do turismo, o autor defende a oposição binária básica de cotidiano (como ordinário) e do turismo (como extraordinário).

Os objetos potenciais do olhar do turista precisam ser diferentes de algum modo. Precisam situar-se fora daquilo que é ordinário. As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam em sua vida cotidiana. (URRY, 2001, p. 28)

No entanto, apropriando-se do conceito de pós-turismo²² - inicialmente proposto por Feifer (1985) -, Urry (2001) esclarece que estes chamados pós-turistas não só não seriam motivados essencialmente pela busca da autenticidade, mas teriam se tornado até mesmo capazes de apreciar a inautenticidade na experiência turística. “Os pós-turistas encontram prazer na multiplicidade dos jogos turísticos. Sabem que a experiência turística não existe, que ela não passa de uma série de jogos ou textos que podem ser exercitados ou interpretados.” (URRY, 2001, p. 28)

É interessante observar, neste sentido, como turismo e hospitalidade parecem compartilhar até mesmo os principais motivos e argumentações pelos quais suas autenticidades são colocadas em questão. Como vimos nas revisões expostas anteriormente, a comercialização do turismo e a crescente mercantilização desta e de tantas outras esferas da vida contemporânea acarretariam, ainda, fenômenos como a espetacularização de bens culturais e a encenação de práticas, comportamentos e relações. Assim a transformação da viagem em mercadoria teria sido responsável pela corrosão de experiências e relações, comprometendo sua autenticidade.

De maneira muito semelhante, como veremos agora, nos estudos em hospitalidade muito se discute se comercialização destas práticas de acolhimento as tornaria menos legítimas. Como indica Camargo (2011), tal impasse predomina nas investigações e análises da hospitalidade que assumem como referencial teórico a perspectiva maussiana da dádiva. Neste sentido, as

²² “O pós-turista sabe que não é um viajante do tempo quando visita um lugar histórico, nem um selvagem quando está em uma praia tropical [...] não se evade nunca de sua condição de forasteiro.” (FEIFER, 1985, p. 271)

divergências explicitadas por diversos autores podem ser compreendidas como condensadas em uma espécie de oposição entre as chamadas *hospitalidade genuína* e *hospitalidade encenada*.

Desta forma, faz-se necessário realizar uma breve revisão destes posicionamentos teóricos, a fim de fundamentarmos nossa reflexão acerca das complexas interfaces entre a hospitalidade como prática sociocultural e como prática comercial. A inserção do pagamento financeiro anularia, necessariamente, a dádiva através do encerramento do vínculo estabelecido? Seria a subversão da assimetria característica da dádiva uma consequência sempre presente nestes tipos de relação comercial? Poderia a motivação do anfitrião para o acolhimento ser absolutamente desconsiderada nestas análises, não devendo ser problematizada por parte daqueles que tomam a dádiva como referência primordial? Seria possível, no campo da hospitalidade, descrever e compreender separadamente as esferas comerciais, pessoais ou sociais, sentimentais e espirituais? Em suma, poderia haver em diferentes formas e funcionamentos de hospitalidade uma espécie de classificação ou categorização única, capaz de isolar relações comerciais ou econômicas de relações sociais, íntimas e ou sentimentais?

Estes são alguns dos pontos que serão discutidos neste momento. Apresenta-se a revisão de algumas das principais abordagens responsáveis pelo questionamento da autenticidade da hospitalidade quando ofertada em caráter comercial. Camargo (2011) atesta que “a monetização da dádiva ou da retribuição causa desconforto na cena hospitaleira. Quem visita numa cena deve ser visitado na seguinte. Quem dá um presente deve agir como se a retribuição fosse uma gentileza e não um pagamento.” (CAMARGO, 2011, p. 17) No entanto, mesmo autores influenciados por um referencial teórico compartilhado apresentam divergências quanto a uma possível inserção de práticas comerciais na interpretação da noção de hospitalidade.

Este é o caso de autores como Montandon (2003) e Gotman (2007, 2009), por exemplo, que apesar de fundamentarem seus estudos socioantropológicos da hospitalidade em perspectivas maussianas da dinâmica da dádiva, divergem sobre possíveis aproximações entre a noção de hospitalidade e a prática comercial de hospedagem. Por um lado, Montandon (2003) aceita a adoção da noção de hospitalidade para qualificação da hospedagem comercial, entendendo que neste caso “a hospitalidade permanece uma marca, uma perspectiva e um horizonte para uma interação bem-sucedida entre os homens, quer sejam clientes, amigos ou simplesmente estrangeiros com a mão estendida.” (MONTANDON, 2003, p. 142)

Gotman (2007, 2009), por sua vez, compreende que esta suposta “hospitalidade comercial” não passaria de uma tentativa ingênua e comprometida de maquiagem um real apelo mercadológico contido nestas práticas e cenários. Para a autora, a inserção do pagamento subverteria a assimetria característica das relações na tríade dar-receber-retribuir, rompendo com o desinteresse e com a necessidade de retribuição futura, características fundamentais para a caracterização desta dinâmica. Neste sentido, a autora entende que, quando submetida à atividade comercial, a *hospitalidade genuína* tornar-se-ia uma *hospitalidade encenada*, marcada pelo interesse e pela inautenticidade das ações.

Portanto, para estes autores influenciados pela dinâmica da dívida apresentada por Mauss (2008), hospitalidade genuína seria aquela prestada sem interesses financeiros ou comerciais, na qual aquilo que é oferecido – o alojamento, alimentação, entretenimento e demais cuidados – é prestado sem a expectativa ou cobrança futura de retribuição. Em suma, a hospitalidade genuína seria aquela passível de descrição e interpretação a partir da aplicação do funcionamento da dívida.

Neste sentido, a hospitalidade encenada representaria sua corrosão e inadequação a esta dinâmica supracitada, ou seja, uma representação ilusória, uma cópia ilegítima do que já fora genuíno. Assim,

[...] as instâncias de recepção turística seriam o palco de uma encenação quase teatral de um outro ritual, que encenamos em nossa vida cotidiana: o das regras de hospitalidade que presidem nosso contato com os outros – se mais ou menos íntimos, não importa! O recepcionista num aeroporto, num hotel, seria, então, alguém que teria entre suas atribuições encenar para os clientes o ritual codificado pela instância receptora que, por sua vez, tenta reproduzir os gestos da hospitalidade cotidiana que melhor se ajustam aos visitantes. (CAMARGO, 2011, p. 21)

Fica claro o que caracterizaria, para estes autores, estes dois tipos opostos de hospitalidade em virtude das complexas - e aparentemente indesejáveis - interfaces entre consumo e intimidade. O que parece prevalecer nestas operações de categorização da hospitalidade é um ciclo vicioso de desvalorização: assim como observado anteriormente no caso do turismo, a mercantilização da hospitalidade resultaria na encenação como cópia imprecisa e falseada do genuíno, o que, por sua vez, comprometeria a autenticidade e até mesmo o valor qualitativo da hospitalidade ofertada. A hospitalidade supostamente encenada é, assim,

claramente posicionada abaixo da hospitalidade genuína em uma hierarquia de legitimidade e qualidade – assim como feito com a relação entre a experiência do turista e do viajante.

Tais compreensões parecem descrever um movimento onde as lógicas individualizantes de sistemas mais mecanicistas - como o mercado e o Estado – corromperiam aspectos característicos da dádiva presentes nestas formas tidas como mais genuínas de hospitalidade: a reciprocidade, a ausência de interesse, a não expectativa de retribuição e, ainda assim, a presenças das contradádivas como respostas sociais esperadas nesta dinâmica.

No entanto, como afirma Godbout (1998), a dádiva também pode sujeitar estes outros sistemas à sua lei, fazendo surgir algo imprevisto em uma lógica que deveria ser encerrada pelo pagamento:

Paga-se por um espetáculo. Em troca, o artista apresenta seu espetáculo. É a inserção de uma troca humana na equivalência monetária. Mas constata-se que isto não basta. Se algo realmente ‘passou’ na noite do espetáculo, os espectadores aplaudem, manifestam-se para além do pagamento. Dão algo ao artista, algo *a mais*, um suplemento situado fora do sistema de mercado. Em contrapartida, o artista oferece um ‘bis’, dá aos espectadores algo não previsto, independentemente do contrato, isto é, livremente. Cria ou mantém um laço vivo entre ele e os espectadores. (GODBOUT, 1998, p. 18-19)

O autor salienta, ainda, que esse algo *a mais* oferecido, símbolo do inesperado e aspecto responsável por atribuir o caráter de dádiva à relação estabelecida, pode vir a ser futuramente incorporado como obrigação, como hábito. Desta forma, deixa de ser um gesto espontâneo, inserindo-se na lógica de equivalência do mercado.

Ele não é ‘obrigado’ a fazer o ‘bis’ pelo contrato que o liga aos espectadores que pagaram. Não é uma obrigação. Mas, pode tornar-se uma, com o tempo, o hábito, a repetição. O sistema normativo e institucional sempre tende a integrar esse ‘*a mais*’ introduzido pela dádiva, reduzindo-o a uma troca equitativa. Mas, então, tende-se a inventar outra coisa, a escapar continuamente daquilo que se fixa, que se normatiza. Enquanto a relação entre os protagonistas for viva, haverá nela essa tendência de fugir das equivalências mecânicas, calculáveis, através de ‘extras’ que o sistema, por sua vez, tenderá a normatizar, contratualizar, tornar necessários. (GODBOUT, 1998, p.19)

A fala de Godbout (1998) aproxima-se, assim, da observação de Gotman (2009) acerca das possibilidades de existência de *gestos de hospitalidade genuína* na hospitalidade comercial:

“uma garrafa de champanhe aberta ‘excepcionalmente’ ‘uma vez’ para a data de aniversário de um cliente pode constituir um gesto de hospitalidade. O recurso sistemático [a este gesto] será apenas um diferencial comercial.” (GOTMAN, 2009 *apud* CAMARGO, 2011, p. 24)

Telfer (2004), ao discutir tais interfaces entre consumo e intimidade na hospitalidade, propõe o conceito de *hospitabilidade* para tentar esclarecer o que considera ser um impasse conceitual e teórico ainda ineficazmente problematizado. Para a autora, a *hospitabilidade* configuraria uma virtude moral, assemelhando-se à caridade no benefício aos outros em primeiro plano. (TELFER, 2004).

Telfer (2004) defende que a presença do interesse comercial ou financeiro neste tipo de relação não determina sua preponderância como valor máximo e central da relação: “é verdade que a necessidade de equilibrar o orçamento é uma restrição dentro da qual os hospedeiros comerciais trabalham, mas a maximização do lucro não precisa ser o motivo principal daqueles que transacionam a hospitalidade comercial.” (TELFER, 2004, p. 63)

Assim, rejeita dualidades predefinidas ou dicotomizantes, defendendo que as motivações do hospedeiro representam um fator de grande relevância para a categorização e compreensão das dinâmicas e dos significados envolvidos em relação complexas como as de hospitalidade comercial:

dizer que não se pode considerar que um hospedeiro comercial se comporta com hospitalidade só pelo fato de ele ser pago por seu trabalho é o mesmo que dizer que não se pode considerar que um médico se comporta com compaixão porque ele é pago pelo serviço que presta. (TELFER, 2004, p. 63)

Camargo (2011), por sua vez, aproxima-se do posicionamento de Telfer (2004) ao concluir que:

Tudo se passa, assim, como se, no momento em que a hospitalidade comercial assumiu parcela da responsabilidade com o cuidado a estranhos, a presença do dinheiro instituisse o sistema do negócio e expulsasse pela porta a dádiva da hospitalidade que acaba por voltar pela janela, continuando, portanto, a existir. Tal como em todas as áreas profissionais nas quais acontecem contatos interpessoais, a hotelaria jamais será tão profissional a ponto de exercer apenas o contrato e bloquear o sistema da dádiva, que continua vivo. (CAMARGO, 2011, p. 24)

O autor reconhece, assim, a alta complexidade desta forma hospitalidade tida supostamente como inferior ou menos autêntica, destacando que ela não está restrita somente à hospitalidade comercial: “na verdade, a hospitalidade é sempre um ritual, sendo, pois, natural a dificuldade frequente de distinguir a genuína da encenada.” (CARMARGO, 2011, p. 23) Ele justifica seu ponto de vista demonstrando que mesmo no oferecimento doméstico de acolhimento pode haver o que ele denominada de hospitalidade híbrida, onde parte dos serviços de alimentação e entretenimento, por exemplo, é delegado a prestadores de serviços, ou seja, é prestado de maneira comercial.

Mais uma vez, deve-se lembrar que um jantar que alguém oferece em casa para amigos seria uma hospitalidade genuína, ainda que possa ser marcada por eventuais gestos de hospitalidade encenada e mesmo fake, enquanto o hotel seria palco dessa hospitalidade encenada, às vezes fake, mas com eventuais gestos de hospitalidade genuína. (CAMARGO, 2011, p. 24)

Logo, se por um lado a discussão da autenticidade na hospitalidade evidencia uma oposição estabelecida entre *mercado* e *reciprocidade* – representados, respectivamente pelas formas *encenada* e *genuína* de hospitalidade -; por outro, mesmo autores que rejeitam a aplicação da noção de hospitalidade à denominação de práticas comerciais de hospedagem e acolhimento - como Gotman (2007, 2009) e Godbout (1998) e Godelier (2001) - reconhecem que estas lógicas podem ser entrelaçadas se articuladas em momentos e instâncias específicos, através da inserção de elementos inesperados como símbolos do que transcende a equivalência mercadológica.

As proposições dos autores supracitados quanto ao questionamento do caráter de autenticidade de relações estabelecidas no turismo ou na hospitalidade evidenciam dois aspectos intrinsecamente relacionados. Em primeiro lugar, as dualidades intimidade/ consumo, sentimento/dinheiro, autenticidade/ mercado – claramente identificáveis em ambos os casos apresentados – parecem estar inseridas em duas linhas de interpretação, as quais Zelizer (2009) denomina de: teoria das esferas separadas e teoria dos mundos hostis.

Como descreve a própria autora, “a teoria das esferas separadas diz que há dois domínios distintos que operam segundo diferentes princípios: racionalidade, eficiência e planejamento, de um lado, e solidariedade, sentimento e impulso, do outro.” (ZELIZER, 2009, p. 238) Já a teoria dos mundos hostis sustentaria que

quando tais esferas entram em contato, contaminam uma à outra. Sua mistura [...] corrompe ambas; a invasão do mundo sentimental pela racionalidade instrumental resseca aquele mundo, enquanto a introdução do sentimento nas transações racionais produz ineficiência, favoritismo, proteção aos amigos e outras formas de corrupção. Nesta perspectiva, existe uma aguda divisão entre as relações sociais íntimas e as transações econômicas, tornando qualquer contato entre as duas esferas moralmente contaminado. (ZELIZER, 2009, p. 238)

Assim, não é difícil perceber a presença destas crenças e teorias nas proposições apresentadas anteriormente. Ora o turismo é visto como uma atividade gradativamente corrompida pela mercantilização e massificação da viagem, ora a hospitalidade é tomada como uma prática de caráter solidário e recíproco, sendo, portanto, incoerente sua associação genuína a práticas comerciais.

No entanto, mesmo se apontadas com ressalvas e desconfiança, as possibilidades de entrelaçamento e encontro destas duas esferas - indicadas especialmente no caso da hospitalidade – evidenciam que “tanto em empresas quanto em espaços domésticos, assim como em quaisquer outros, as pessoas constantemente administram múltiplos conjuntos de relações sociais.” (ZELIZER, 2009, p. 240) Em suma, o reconhecimento de um possível hibridismo entre estas instâncias chama atenção para o que Zelizer (2009, 2011) constatou em várias de suas pesquisas e obras: o estabelecimento destas dualidades como norteadoras de questionamentos e teorização é não somente inexato e ineficaz, mas também perigoso.

Conforme explica Zelizer (2009, p. 237), “essas dicotomias tornam mais fácil desvalorizar a atenção cuidadosa, a produção doméstica e o trabalho das mulheres em geral”, imprimindo distinções morais na paisagem social. Neste sentido, são imprecisas como métodos descritivos e ineficazes na explicação das relações sociais e de suas múltiplas dinâmicas e formas de articulação.

Estudos atuais sobre espaços sociais concretos, que vão de mercados de leilões aos trabalhos domésticos, não revelam nem esferas separadas, nem mundos segregados hostis. O *gap* analítico entre intimidade e impessoalidade pode ser superado através reconhecendo-se a existência de laços diferenciados que atravessam situações sociais particulares. (ZELIZER, 2009, p. 240)

O que Zelizer (2009) propõe, portanto, dialoga diretamente com os objetos e opções de investigação desta pesquisa. Ao defender que “nenhuma relação de mercado, de qualquer tipo,

existe sem a infraestrutura de instituições e sem a presença de compreensões compartilhadas”, a autora indica que o caminho para uma compreensão mais precisa, adequada e profícua das relações sociais é a descrição e problematização das próprias interações, a fim de promover a compreensão dos mecanismos e formatos de articulação destas diversas formas de relacionamento estabelecidas concomitantemente. Segundo ela, “deveríamos encarar essas grandes questões diretamente, com uma compreensão clara sobre como funcionam, ao invés de mistificá-las através de dualidades perigosas.” (ZELIZER, 2009, p. 253)

Mas, se propõe-se aqui compreender estas esferas não como opostas, mas como articuladas dentro de relações sempre múltiplas e complexas, deve-se também indicar como isto pode ser feito. No caso desta investigação, alguns suportes teóricos e categoriais – além dos já citados anteriormente - são sugeridos para auxiliar na descrição, interpretação e compreensão das dinâmicas, dos comportamentos e dos significados envolvidos nas interações entre hóspedes e anfitriões aqui enfocadas.

O primeiro deles está diretamente relacionado às dualidades mencionadas, podendo, inclusive, ser alvo de interpretações errôneas: é o caso das categorias de casa e rua propostas por DaMatta (1997). Se à primeira vista o autor parece opor estas duas categorias, associando-as, respectivamente, a rua ao domínio público, à impessoalidade, às leis duras do Estado e à lógica do mercado, e a casa ao domínio doméstico, às lógicas da família e da vizinhança, ao pessoal e ao informal (casa); sua argumentação é justamente que, ao contrário de serem simplesmente oposições, “estas categorias relacionam-se a todo momento por intermédio de contrastes, complementariedades, oposições.” (DA MATTA, 1997, p. 8)

Tais categorias podem ser ainda aproximadas das noções de relações comunitárias e relações societárias descritas por Magnani (1996). No entanto, assim como DaMatta (1997), este autor também as descreve como tipos ideais de interação social, ou ainda, noções concomitantemente imbricadas nas dinâmicas e organizações de relações nos mais diversos tipos de grupos e sociedades.

Na realidade, trata-se de dois padrões, dois tipos ideais de interação social: sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas; enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social, etc. Relações “societárias” e “comunitárias” não constituem características exclusivas de uma forma determinada de organização social: coexistem, imbricam-se. (MAGNANI, 1996, p. 24)

Desta forma, nenhuma destas categorias está imbricada ou associada de maneira fixa, objetiva ou estática a um espaço específico.

A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo, seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público como ocorre quando referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo, obviamente, depende de outro termo que está sendo implícita ou explicitamente contrastado. Deste modo, meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a “minha casa”. Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal. (DA MATTA, 1997, p. 8-9)

Ao invés disso, representam visões de mundo ou espaços morais que podem ser apropriados e associados a espaços variados:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. [...] Ou seja, o que temos aqui é um espaço moral, posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas – isso sim – por intermédio de contrastes, complementariedades, oposições. (DA MATTA, 1997, p. 8)

Portanto, as abordagens propostas por estes autores podem servir como suporte teórico para esta pesquisa justamente por proporem a compreensão da(s) sociedade(s) brasileira(s) sob um enfoque relacional. Em suma, é a operacionalização feita por DaMatta (1997) destas categorias de casa e rua que nos possibilita sua apropriação a fim de compreender, concomitantemente, as relações estabelecidas no bairro e nas casas em questão, e as formas de articulação destas duas instâncias de valores. Como defende o próprio autor, “vislumbrando a relação como um valor e como uma positividade, pode-se enxergar muito melhor a natureza da própria oposição.” (DAMATTA, 1997, p. 16)

Duas outras categorias apropriadas a fim de auxiliar a compreensão desta Santa Teresa descrita e vivida por estes moradores são as de *pedaço* e de *região moral*. A noção de *pedaço* é descrita por Magnani (1996, 2002) como um território que funcionaria como ponto de referência

para grupos ou indivíduos, evocando - no caso da vida do bairro - a permanência de laços de família, de vizinhança e de origem. Assim, o *pedaço* representaria

aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2002, p. 138)

Ele apresentaria, portanto, como característica peculiar e central a sua forma de apropriação.

O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. (MAGNANI, 1996, p. 19)

As proposições de Park (1987), por sua vez, também podem servir como referencial teórico para esta investigação por auxiliarem paralelamente na compreensão de lógicas de organização espacial e moral na cidade. Conforme descreve o autor:

[...] a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. (PARK, 1987, p. 32)

Dentre os conceitos apresentados por este autor, destacamos, a noção de *região moral* como uma delimitação marcada, por um lado, por segregação e estigmatização, e por outro, por identificação e apropriação. Para Park (1987) as regiões morais correspondem a

[...] regiões onde prevalece um código moral divergente, por uma região onde as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem sua raiz diretamente na natureza original do indivíduo. (PARK, 1987, p. 66)

Ainda considerando a descrição e problematização das interações como um dos principais enfoques desta pesquisa, apoiaremos, ainda, nossas reflexões nas proposições sociodramatúrgica apresentadas por Erving Goffman em “A representação do eu na vida cotidiana”. Na obra em questão, o autor explica que

Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão deste objetivo, será de interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. (GOFFMAN, 2011, p. 13)

A fim de manipular a impressão passada, influenciando, assim, a situação contextual no qual está inserido, o indivíduo realiza o que Goffman (2011) chama de *desempenho* ou *performance*. O autor define, então, que um desempenho pode ser entendido como “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes.” (GOFFMAN, 2011, p. 24)

A realização de *performances* dividiria os envolvidos em uma determinada interação social entre os papéis de ator(es) e plateia, sendo os atores representados por aqueles que buscam influenciar – ou seja, aqueles que, naquele contexto ou momento, desenvolvem a encenação -, e a plateia por aqueles que assistem à tal representação, estando, assim, passíveis de tal manipulação da impressão.

Além disso, os conceitos de regiões de bastidor e de fachada propostos por este autor também representam noções relevantes e passíveis de apropriação para descrição e interpretação das formas como intimidade e consumo são articuladas e relacionadas dentro destes cenários peculiares. Para Goffman (2011), a região de fachada representaria “o lugar onde a representação é executada”, onde seriam exigidos do indivíduo não somente *polidez*²³ no trato com a plateia, mas também *decoro*²⁴ quando ainda esteja em seu alcance. Já a região de bastidor ou de fundos “pode ser definida como o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural.” (GOFFMAN, 2011, p.

²³ “Refere-se à maneira pela qual o ator trata a plateia, enquanto está empenhado em falar com ela ou num intercâmbio de gestos que são substitutos para a fala.” (GOFFMAN, 2011, p.102).

²⁴ “[...] modo como o ator se comporta enquanto está ao alcance visual ou auditivo da plateia, mas não necessariamente empenhado em conversar com ela.” (GOFFMAN, 2011, p.102).

106) Esta é, então, a região onde “o ator pode descontraí-se, abandonar a sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem.” (ibid., p. 107)

Embora estas regiões sejam frequentemente estabelecidas por delimitações físicas e associações espaciais – a casa, cenário das interações aqui enfocadas, costuma representar uma região de bastidor por excelência -, suas definições e comunicações podem também ocorrer de maneira velada, através de expressão e manifestações não objetivas ou não verbais. Além disso, serão sempre condicionadas em relação a um determinado referencial. Assim, o que para uns ou em um momento pode representar uma região de bastidor, para outro grupo ou em um momento diferente pode ser assumido como região de fachada – o mesmo vale para o movimento inverso.

Quanto à relevância e à aplicabilidade desta perspectiva dramaturgica para a investigação de relações estabelecidas entre anfitriões e hóspedes foi observada pelo próprio autor, o qual desenvolveu boa parte de seu trabalho de campo em um hotel localizado nas ilhas *Shetland*, na Escócia. Dessa forma, ao longo de toda a obra citada, Goffman (2011) faz uso de exemplos extraídos de suas observações de campo, explicando de maneira bastante didática sua teoria sobre a negociação da situação através da representação do eu.

É importante salientar que, ainda que o enfoque metodológico da pesquisa não esteja voltado para a observação das interações em si, favorecendo sua interpretação direta, a realização de observação participante nas casas tem como objetivo a complementarização dos dados obtidos nas entrevistas com os moradores e anfitriões. Assim, ainda que a memória destas interações tenha sido eleita como caminho e ferramenta de investigação e a abordagem sociodramaturgica de Goffman (2011) esteja predominantemente associada à análise do “não dito”, as noções de bastidor e fachada podem ser úteis para apontar as formas de “gestão” da intimidade diante do estabelecimento deste tipo peculiar de interação.

Por fim, compreendendo que a dádiva pode se fazer presente também em relações tidas como puramente mercadológicas, e rejeitando concepções norteadas por dualidades perigosas fundamentadas em teorias como a das esferas separadas e a dos mundos hostis (Zelizer, 2009), pretendemos assumir, ainda, esta dinâmica apresentada por Mauss (2008) como o último referencial teórico central para a estruturação e interpretação dos dados coletados. Neste sentido, busca-se analisar se a hospitalidade ali oferecida e praticada pode ser compreendida como um fato social total, e se há, nestas dinâmicas, a inserção dos elementos *a mais*, capazes de transcender a lógica de equiparação nestas relações.

Através destas revisões e discussões buscamos expor a presença ainda predominante destas dualidades perigosas (Zelizer, 2009) nos estudos do turismo e da hospitalidade, demonstrando sua ineficácia e inexatidão tanto como ferramentas descritivas como interpretativas. Tomando como apoio, portanto, as argumentações de Zelizer (2009, 2011), propusemos como caminho de investigação o detalhamento e a problematização das formas de relacionamento destas instâncias nestas interações enfocadas. Para isso, além dos apontamentos de Viviana Zelizer, apropriamo-nos, também, das categorias de casa e rua (DaMatta, 1997), das noções de pedaço (Magnani, 1996, 2002) e de região moral (Park, 1987), dos conceitos de região de bastidor e de fachada e de *performance* (Goffman, 2011) e da dinâmica do dom proposta por Mauss (2008).

4 ELABORANDO ANÁLISES: OS ESPAÇOS E AS INTERAÇÕES

Propondo um recorte sobre três domicílios anfitriões - Cazazen, Casa das Bananeiras e Casa das Marias -, esta investigação buscou compreender as complexas interações entre hóspedes e anfitriões em hospedagens de tipo “cama e café”. Analisou, portanto, seus significados, suas relações com o contexto representado pelo bairro de Santa Teresa e suas inferências neste local. Teve toda sua problematização perpassada pela discussão de interfaces entre instâncias como intimidade e consumo, casa e rua, destacando sempre a necessidade de compreensão das diferentes formas de articulação existentes entre elas.

Desta forma, os roteiros de entrevista foram elaborados de maneira a buscar informações sobre quatro grupos temáticos divididos entre: questões gerais – contendo, por exemplo, questões sobre os significados de lar e hospitalidade para estes entrevistados -, relações com a rede B&B Brasil, relações com o bairro de Santa Teresa e, por fim, relações com os hóspedes. Já na análise preliminar dos dados, dois temas centrais interligados foram observados com maior representatividade nas falas dos entrevistados: a relação destes moradores com o bairro de Santa Teresa – assim como suas percepções e significações do mesmo -, e a relação estabelecidas com os hóspedes através do oferecimento desta forma peculiar de hospitalidade.

Considerando estes como os dois grandes temas centrais de interesse da pesquisa, a organização, exposição e o desenvolvimento da análise dos dados foram realizados pensando nestes momentos que, apesar de seccionados para fins de estruturação das reflexões e resultados da pesquisa, configuram aspectos absolutamente interligados e intrinsecamente relacionados. Serão apresentados neste capítulo, portanto, os dados encontrados em campo e as reflexões realizadas sobre cada tema representativo para a pesquisa.

4.1 “Tem qualquer coisa de roça aqui”: a “casa” na rua;

Como mencionado anteriormente, um dos temas relevantes da pesquisa, para além das respostas encontradas sobre as leituras, significações e percepções sobre o bairro de Santa Teresa

por parte destes moradores entrevistados, foi a surpreendente coerência e a homogeneidade entre elas. As dinâmicas e configurações de cada uma das casas se diferenciam em diversos pontos, como a própria operacionalização da hospedagem. Contudo, quando questionados sobre as principais características, vantagens e motivos pelos quais se identificariam com o bairro – caso se identificassem -, os entrevistados forneciam respostas que se aproximavam de maneira constante e reveladora.

Mas, como esses entrevistados percebem o seu bairro? Quais as vantagens e desvantagens apontadas e quais podem ser os motivos para que estas respostas tenham sido tão aproximadas de uma casa para outra? Haveria uma relação entre as formas de sociabilidade existentes nos espaços públicos do bairro e as dinâmicas destas interações estabelecidas entre anfitrião e hóspede no espaço privado ou doméstico? Em suma, como esta visão e percepção que os moradores expõem sobre seu bairro de domicílio poderia contribuir para a compreensão das interações aqui enfocadas? O que elas indicariam sobre as inferências destes encontros nos processos de identificação destes moradores com Santa Teresa?

Buscando responder questões como estas, apresento e problematizo nesta seção os dados encontrados acerca da relação entre estes moradores e o bairro de Santa Teresa. Para isto, farei uso dos referenciais teóricos elencados no capítulo anterior, enfatizando neste momento as categorias de *casa* e *rua* (DaMatta, 1997) e as noções de *pedaço* (Magnani, 1996, 1998, 2002) e de *região moral* (Park, 1987). As demais questões serão esclarecidas na seção seguinte, a partir dos referenciais teóricos já apresentados de Goffman (2011), Zelizer (2009, 2011) e Mauss (2008).

Nestes termos, as características apontadas e priorizadas pelos moradores em suas respostas giram em torno da descrição de uma atmosfera de “cidade pequena”, com uma temporalidade diferenciada e formas de sociabilidade que se distanciam daquelas praticadas fora dos limites de Santa Teresa. O primeiro dos aspectos enaltecidos é a tranquilidade da vida no bairro, qualidade apontada de maneira literal e clara por todos os entrevistados.

B. (Casa das Bananeiras) relata: “É muito bom você acordar com esse silêncio. Não sei se você notou, né?! Passarinhos e tal...”. C. (Casa das Marias) também descreve esse clima em sua fala: “Tem o silêncio, ainda, um pouco aqui assim, é aquela coisa ainda tranquila, né? Então tem

isso, tem a coisa da vizinhança interessante, tem silêncio, tranquilidade, eu acho bem tranquilo aqui.”.

Outro aspecto citado concomitantemente como uma característica representativa do bairro e uma das vantagens de morar ali é a maneira pela qual estes moradores se relacionam com seus vizinhos e com os demais moradores do bairro. As relações são descritas como mais informais e pessoais, e parecem norteadas frequentemente por noções como as de reciprocidade e solidariedade. Também de maneira homogênea e uníssona, as respostas obtidas em todas as três casas indicam uma percepção positiva sobre este *ethos* diferenciado, permeado por crenças ou lógicas como: “aqui todo mundo se conhece”, “aqui eu sei quem mora em cima de mim, do meu lado”, “aqui ainda se pode contar com os vizinhos”.

A descrição destes comportamentos e relações pode ser observada no depoimento de C. (Casa das Marias):

É, a vantagem é aquilo que eu falei, você tem contato com os vizinhos, né?! As pessoas ainda batem ‘ah, tem um não sei o que?’. Eu já cansei de pedir, ah, coisa tipo um ovo pra uma vizinha, a outra me pedia a batedeira... Você tem esse contato. Você anda na rua, então, como são as mesmas pessoas, você acaba tendo essa coisa mais, de realmente contato com o vizinho, você conversa, você vai ali tomar um açaí, aí encontra a pessoa. Tem o cinema, aí você encontra com a pessoa. Tem a pracinha, os lugares que eu frequento. Aí você vai tomar uma sopa, encontra com a pessoa, entendeu? Aí você acaba sendo, assim, muito local. E isso é bom, é a parte que eu acho, assim, boa.

Chama a atenção também neste depoimento a configuração dos espaços frequentados por C. (Casa das Marias) para realização de atividades de lazer – a praça, o teatrinho, o cinema, a loja de açaí - como exemplos de espaços de encontro com outros moradores do bairro, espaços de sociabilidade. Propõe-se, aqui, que esta configuração pode ser considerada como um dos fatores que contribuem para a construção e o fortalecimento das relações interpessoais entre moradores. Como descreve a própria entrevistada, através deste funcionamento o morador acaba “sendo muito local”, ou seja, tecendo e mantendo uma rede de relações com os demais moradores locais.

Ainda com base no depoimento de C., é possível interpretar tais espaços de sociabilidade como *pedaços* (Magnani, 1996, 1998, 2002), observando a presença de “uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.”

(Idem, 2002, p. 17) Além disso, seus usos transcendem a busca por diversão fora da jornada de trabalho, mas adentram também em oportunidades “de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade.” (MAGNANI, 2002, p. 18)

Conforme descreve este autor, o que conforma a noção de *pedaço* é a existência de dois elementos básicos: um de ordem espacial – o território – e outro de ordem social – a rede de relações que se estende sobre ele. (Magnani, 2002) O que define tais espaços são, portanto, não somente sua delimitação espacial ou a frequência destes moradores, mas especificamente os intrincados processos de significação e apropriação nele imbricados pelas relações ali estabelecidas. Tal configuração do uso destes espaços de sociabilidade parece colaborar para a formação e para o compartilhamento de opiniões, leituras e percepções sobre o bairro, explicando, assim, as declarações aproximadas acerca das vantagens e desvantagens de morar em Santa Teresa.

Outros dois fatores parecem influenciar a apropriação e o uso destes espaços públicos como *pedaços* por parte destes moradores locais. O primeiro seria a presença de filhos pequenos (de idades até 11 anos) em todas as famílias entrevistadas, levando em conta as específicas demandas e dinâmicas de lazer e organização da rotina diária, geradas pela inserção da criança no cotidiano familiar. Como é possível observar no depoimento de C. (Casa das Marias), a inserção dos filhos parece promover o contato com outros moradores do bairro:

Eu me identifico muito, eu acho que ainda é um bairro em que você tem contato com vizinho, você ainda fala com alguém, é um bairro que você conhece muita gente. Quer dizer, no meu caso, eu tive filho aqui, né?! E criança é uma coisa que aproxima muito, porque quando você não tem você meio que entra e sai, né?! Mas quando você tem, você tem que parar, tem que ir na pracinha... Então, depois que ela nasceu eu comecei a conhecer as pessoas de Santa Teresa na verdade, porque você vai na casa de um, aí tem a festinha, tem a pracinha o tempo todo.

No entanto, não só os espaços dedicados ao lazer infantil configurariam *pedaços* para tais moradores. O cinema local, os bares, o Parque das Ruínas, as rodas de samba e outros diversos espaços culturais também são citados como locais frequentados nos momentos de lazer e onde se pode encontrar com outros moradores e “colocar a conversa em dia”. Neste sentido, o que parece

ser ainda bastante relevante para a configuração destes espaços como cenários para a construção e manutenção de redes de relações é a combinação da farta oferta de eventos e locais destinados ao lazer e práticas culturais, com a identificação destes moradores com tais estas opções oferecidas em seu bairro, ou seja, é a combinação do oferecimento local com o consumo pelos próprios moradores.

É possível traçar, portanto, uma relação de mútua influência nestas configurações: assim como o consumo destes espaços contribuiria para a construção e manutenção de redes de relações locais, tais redes ali perpetuariam ou promoveriam, por sua vez, não somente este consumo, mas também o *ethos* de cidade pequena descrito pelos entrevistados. “O ‘pedaço’ é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição”. (MAGNANI, 1996, p. 13)

A comparação de Santa Teresa com uma cidade pequena fica clara nos depoimentos de L. (Casa das Bananeiras): “Aqui é quase uma roça. Tem qualquer coisa de roça aqui.” e de P. (Cazazen), que dá também destaque ao caráter de informalidade destas relações:

Olha, Santa Teresa é um bairro um pouco diferente dos outros do Rio, porque é um bairro, é... mais... cosmopolita, é um bairro que tem muito artista, é o bairro de uma classe média que tá se redescobrando. Então, é, de fato, um bairro menos, como é que eu vou dizer... menos formal! Santa Teresa é um bairro muito informal. Não tem aquela coisa que você tem lá embaixo das pessoas serem distantes, que é uma coisa natural do carioca. Você encontra o cara num bar, ele é efusivo, mas nunca te diz o telefone, nunca te diz onde ele mora. Aqui em Santa Teresa não. As pessoas convivem em casa, levam em casa, chamam pra casa. Então tem essa meio que cara de cidade de interior, acho que essa é a diferença maior.

O relato de P. (Cazazen) traz à tona, assim, duas questões interessantes para esta análise. Em primeiro lugar, a dupla lógica que, por um lado parece destacar Santa Teresa de um cenário carioca geral, e, por outro, atribui ao bairro características peculiares às cidades pequenas, suas formas de sociabilidade e temporalidade. Como é possível observar no trecho citado acima, o entrevistado parece não identificar as práticas e comportamentos sociais de Santa Teresa com aquelas encontradas nos demais bairros do Rio – aspecto este também presente nos demais relatos. Aparece aqui uma espécie de oposição – ainda que figurativa - entre cidade pequena e

metrópole, entre Santa Teresa e “o restante” da cidade. Assim, o bairro em questão simbolizaria aspectos como uma temporalidade diferenciada, mais tranquila e propiciadora de relações menos fugazes e, conseqüentemente, da manutenção dos vínculos sociais entre seus moradores. Os demais bairros, por sua vez, representariam a “imagem esperada” da metrópole²⁵, o impessoal, a temporalidade acelerada que atropela, inviabiliza e corrompe as possibilidades de relações mais duradouras.

Se pode ser metaforicamente comparada com uma *roça*, Santa Teresa configuraria, então, uma *roça* cosmopolita. A grande presença de estrangeiros como moradores locais contribui para um processo de elaboração de identificações que evidencia a presença de inúmeras influências para sua produção cultural. O *estrangeiro* torna-se *local*, participa diretamente do cotidiano do bairro, não somente sob a forma do turista; insere-se como uma figura que passa a fazer parte das identidades elaboradas para o bairro. Santa Teresa assume, assim, uma identidade claramente articulada e constituída a partir da interação com a diferença. O caráter de cidade pequena descrito pelos entrevistados não deve ser entendido, portanto, como consequência de condições de isolamento geográfico ou cultural, mas justamente como resultado de um processo interacional.

Neste sentido, sustentamos que é possível interpretar este *ethos* mais como uma escolha, intenção ou estratégia, do que como uma consequência natural de uma configuração populacional culturalmente homogênea ou tradicional. O que aproxima e une estes moradores em torno de identificações compartilhadas é justamente a presença de interesses e esforços relacionados à busca pela constituição e manutenção desta atmosfera de vizinhança, familiaridade e informalidade, e não, por exemplo, crenças como a de uma origem compartilhada. Tais características funcionam, portanto, simultaneamente como um atrativo para a vinda destes indivíduos e como uma atmosfera que pretendem constituir e propagar.

Além disso, apesar de esta comparação ser apresentada pelos entrevistados predominantemente sob um caráter positivo, as possibilidades – e até mesmo facilidades – de

²⁵ Ver SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, G. O. (org.). *O fenômeno urbano*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

trânsito para aquilo que se opõe a este *ethos* do bairro também são apontadas como uma de suas qualidades. “Quer dizer, e é também onde eu mais consigo me distanciar da cidade – eu sou bem urbano -, mas onde eu mais consigo me distanciar, a roça mais longe que eu consigo ir é Santa Teresa.” – diz L. (Casa das Bananeiras). B. (Casa das Bananeiras) também destaca como, apesar de apresentar estas características que a diferenciam de outros bairros da cidade, Santa Teresa está próxima do Centro, do Flamengo, da Glória.

Fica clara, portanto, a existência de uma dupla valorização: ainda que a tranquilidade e as relações estabelecidas com outros moradores sejam apreciadas como algo peculiar do bairro, o isolamento absoluto daquilo que se opõe a este *ethos* não é almejado ou mesmo visto como positivo. Assim, sua localização parece ser percebida como estratégica por proporcionar a estes moradores as possibilidades de fácil acionamento e alternância entre estas diferentes instâncias da *metrópole* – simbolizada pelo “resto” da cidade, pelo que está fora dos limites do bairro – e da *roça*, da cidade pequena - como aquilo que está dentro dos limites de Santa Teresa e que simboliza o pessoal, o familiar, o informal.

Além destas comparações notáveis na fala dos entrevistados, outro fator poderia justificar e corroborar tal interpretação: as desvantagens do bairro segundo a percepção destes moradores. Também de maneira uníssona, as dificuldades com transporte e a insatisfação com a pequena e insuficiente oferta de infraestrutura comercial que sirva especificamente às necessidades cotidianas dos moradores – estabelecimentos como padarias, mercearias, supermercados, bancos e lotéricas – foram citadas como as principais desvantagens do bairro. Sobre este ponto, C. (Casa das Marias) relata:

Assim, o acesso às vezes não é tão fácil, né?! Não, não é muito fácil. É, e teve uma fase que os taxistas “Ah, Santa Teresa não!”. E eu ainda enfrento isso. Eu pego táxi todo dia, porque eu busco minha filha na escola e trago pra cá na hora do almoço e eu ainda encontro motorista de táxi que fala “Ah, Santa Teresa: não!”. E você chama *Santáxi*, chama *Glória* [táxi] e você não encontra. Não tem essa facilidade assim, então você tem que programar muito o horário...

A deficiência de serviços de transporte parece, portanto, limitar as possibilidades de acionamento e trânsito entre estas duas instâncias representadas aqui pelas metáforas da

metrópole e da *cidade pequena*, sendo percebida, portanto, como uma questão negativa do bairro. Além disso, as deficiências no suprimento de itens básicos por estabelecimentos como padarias, papelarias, supermercados e mercearias parecem ser compensadas não somente por uma rotina condicionada pela programação do horário, como descreve C. (Casa das Marias), mas, também, pela rede de relações estabelecidas entre moradores e vizinhos e seu caráter de reciprocidade em uma espécie de mútua identificação através de “um problema compartilhado”: “As pessoas ainda batem ‘ah, tem um não sei o que?’. Eu já cansei de pedir, ah, coisa tipo um ovo pra uma vizinha, a outra me pedia a batedeira...” – conta C. (Casa das Marias).

Os contrapontos previamente apresentados entre Santa Teresa (como roça) e o restante (como metrópole) podem ser aproximados, respectivamente, tanto das categorias de casa e rua (DAMATTA, 1997), como também das relações comunitárias e relações societárias descritas por Magnani (1996). No entanto, em nenhum destes casos as dualidades casa/ rua ou comunitária/ societária configurariam relações opostas ou de mútua exclusão. Pelo contrário, assim como DaMatta (1997) que chama atenção justamente para as peculiaridades relacionais destas categorias no caso brasileiro – acrescentando, ainda, a categoria do “outro mundo” – Magnani (1996) também as descreve como tipos ideais de interação social, ou ainda, noções concomitantemente imbricadas nas dinâmicas e organizações de relações nos mais diversos tipos de grupos e sociedades.

Na realidade, trata-se de dois padrões, dois tipos ideais de interação social: sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas; enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social, etc. Relações “societárias” e “comunitárias” não constituem características exclusivas de uma forma determinada de organização social: coexistem, imbricam-se. (MAGNANI, 1996, p. 24)

DaMatta (1997), por sua vez, explica que o que ocorre é uma variação sociocultural na predominância de cada uma destas lógicas ou visões de mundo em cada sociedade e, mais ainda, na maneira como elas são relacionadas e articuladas em diferentes cenários e contextos.

Na verdade, um número finito de categorias permite uma série de variações, combinações e segmentações, todas contendo ainda graus variáveis de intensidade e

exigindo lealdade de ordens diversas. As sociedades são coisas vivas... (DA MATTA, 1997, p. 9)

No entanto, como salienta DaMatta (1997), “não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar.” (DA MATTA, *ibid.*, p. 12) E é justamente esta a questão chave para este momento de interpretação: a recriação destas características de familiaridade, informalidade, reciprocidade e pessoalidade nas relações estabelecidas neste espaço público representado pelo bairro de Santa Teresa, ou seja, a predominância desta lógica pessoal sobre a individual neste espaço.

O que parece ocorrer aqui – como descreve o próprio DaMatta (1997) - é uma espécie de englobamento²⁶, onde os domínios espaciais da rua seriam invadidos pela casa. E neste processo os *pedaços* representariam peças fundamentais. Configurando espaços de transição entre as visões de mundo da casa e da rua. Funcionando como espaços de articulação, seriam capazes de expandir a casa – enquanto categoria sociológica – para a rua. Assim, os espaços públicos do bairro seriam permeados pelas lógicas da vizinhança, do doméstico e do familiar, e orientados por valores como a informalidade, a reciprocidade e a familiaridade nas relações sociais.

É importante reconhecer, portanto, que ao afirmarmos que ocorre aqui uma extensão da casa – enquanto visão de mundo - para o espaço público, não pretendemos dizer que este fora dominado por uma só lógica, ou mesmo que não existem distinções entre as lógicas operadas dentro das residências em questão e aquelas observadas no espaço público do bairro. A construção desta linha de interpretação dos dados encontrados leva em conta que, sem dúvida, em diversos momentos e instâncias a lógica da rua deve e precisa ser acionada nos funcionamentos das relações estabelecidas no bairro.

O próprio discurso responsável por evidenciar tais características de *casa* ou *roça* nas relações sociais do bairro também pode ser problematizado. Por um lado, Santa Teresa é vendida

²⁶ “O englobamento é uma operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas. No caso brasileiro, a dinâmica é muito familiar. Diante de certos problemas e relações, preferimos englobar a rua na casa, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse ‘uma grande família’, vivendo ‘debaixo de um amplo e generoso teto’, obedecendo naturalmente às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso que é, naquele momento, o ‘nosso líder’ e o ‘nosso guia e pai’.” (DAMATTA, 1997, p. 9)

turisticamente como um bairro marcado pela informalidade, pela arte, pela boemia das rodas de samba, dos bares e eventos culturais, pela riqueza histórica, e pela grande presença de artistas e estrangeiros como moradores locais. Por outro, é um bairro ainda estigmatizado por boa parte da população carioca como uma localidade insegura, violenta, pobre e associada à malandragem, e, pejorativamente, aos artistas como aqueles que não têm trabalho fixo e representam práticas e culturas alternativas. Não é difícil observar ressalvas no discurso de moradores de outros bairros que posicionem Santa Teresa como “um lugar de artista, de drogado, de vagabundo, do marginal”, “um lugar da noite, da farra, da insegurança”.

Esta insegurança está, ainda, não somente restrita à proximidade das comunidades como as do Fallet e do Fogueteiro, mas representa uma espécie de insegurança simbólica, uma insegurança que se expande para um medo do desconhecido, do diferente, do alternativo, do que vai contra o que é assumido como a “normalidade”. Santa Teresa poderia, assim, passar de uma aproximação com a categoria de *pedaço* – para os moradores entrevistados -, para uma aproximação com a noção de *região moral*²⁷ de Park (1987) – em virtude desta estigmatização ainda presente nos discursos de moradores de outros bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Neste sentido, como interpretar a relação entre estes discursos tão antagônicos? O discurso dos moradores entrevistados evidencia uma forma de autoafirmação diante da contravisão (negativa e acusatória) ainda presente em leituras externas do bairro. O acionamento da figura da *roça* e de características implicadas por ela – como a tranquilidade, a informalidade nas relações e a constituição e manutenção de relações com outros moradores do bairro - parecem ser enfatizadas nestas falas como estratégias de resposta aos estigmas e à consequente marginalização atribuídos à localidade em questão. Tal linha de interpretação explicaria, concomitantemente, a ênfase nas características mencionadas e porque, mesmo quando abordadas as desvantagens do bairro, a questão da segurança – seja ela relacionada à violência urbana ou mesmo a questões mais subjetivas ou simbólicas - não foi apontada por nenhum dos entrevistados.

²⁷ Este autor entende por *região moral*, “[...] regiões onde prevalece um código moral divergente, por uma região onde as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem sua raiz diretamente na natureza original do indivíduo.” (PARK, 1987, p.66)

Paralelamente, a manutenção e valorização deste *ethos* de cidade pequena parece funcionar como uma tentativa de conter a aceleração exacerbada do tempo, em um movimento semelhante ao descrito por Huysen (2000) ao abordar a *cultura de memória*²⁸. Assim como as estratégias contemporâneas de sobrevivência de rememoração pública e privada estariam sendo motivadas “pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido” (ibid., p. 34), a constituição e o uso destes *pedaços* também funcionaria como uma forma de validação ou reafirmação de identidades individuais e coletivas.

Na verdade, há mais do que um conhecimento mútuo: há um contato social. Cada morador do bairro ou da vila aufere certo proveito dessa vizinhança, desde que se pague o devido preço. Ele recebe pequenas gratificações dos outros: sorrisos, saudações, cumprimentos, trocas de palavras que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado. (PROST; VINCENT,1992, p. 116)

A construção destas redes de relações teria, portanto, um papel fundamental na geração de um maior sentimento de estabilidade, pertencimento e identificação para e dentre estes indivíduos. Aqui, memória e identidade relacionam-se diretamente: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.” (POLLAK,1992, p. 204) Isto porque, ao interagirem, estes indivíduos não somente compartilham memórias de suas relações particulares, mas constroem novas memórias compartilhadas e constituídas em torno da coletividade “aqueles que fazem parte do pedaço”. Assim, conforme descreve Bauman (2012, p. 46-47):

a identidade social garante esse significado [da identidade individual] e, além disso, permite que se fale de um ‘nós’ em que o ‘eu’, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades. [...] A identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre ‘eles’ – os estranhos, os adversários, os outros hostis, construídos simultaneamente ao ‘nós’, no processo de auto-afirmação.

²⁸ Processo evidenciado a partir dos últimos da década de 1970, e marcado pela obsessão pela lembrança e pelo registro, combinados à mercadorização e à globalização de memórias.

Este mesmo autor também sustenta - já em outra obra (2008b) - que, em meio a uma busca desenfreada por identificação, os indivíduos estariam passando a sentir-se e comportar-se como mercadorias, absorvendo valores e lógicas do mercado em diferentes instâncias de seus relacionamentos interpessoais. No entanto, o que observo em minha investigação é a presença de outra estratégia de resposta a estes sentimentos; uma estratégia que busca apoio na identificação coletiva não a partir do consumo, mas da sociabilidade e da reciprocidade de suas redes de relações sociais. Como observaremos na segunda seção deste capítulo, esta estratégia parece estar, inclusive, relacionada à oferta de hospedagens comerciais domiciliares pelos moradores entrevistados e às dinâmicas dos encontros estabelecidos com seus hóspedes.

Além disso, um dos fatores relevantes acerca deste englobamento da rua pela casa é a representatividade da casa como um espaço de sociabilidade para os moradores de Santa Teresa. As características destas relações e seus mecanismos de constituição e manutenção corroboram, assim, todo o interesse e a busca por relações mais “pessoalizadas”. Ao diferenciar seu bairro dos demais da cidade, P. (Cazzen) relata:

Santa Teresa é um bairro muito informal. Não tem aquela coisa que você tem lá embaixo das pessoas serem distantes, que é uma coisa natural do carioca. Você encontra o cara num bar, ele é efusivo, mas nunca te diz o telefone, nunca te diz onde ele mora. Aqui em Santa Teresa não. As pessoas convivem em casa, levam em casa, chamam pra casa. Então tem essa meio que cara de cidade de interior, acho que essa é a diferença maior.

É possível perceber com clareza as oposições entre pessoal e impessoal – ou casa e rua como propomos aqui – na fala deste morador. Fica também evidente o caráter negativo atribuído às formas de relacionamento “lá embaixo”, onde as pessoas permaneceriam “distantes” mesmo diante de relações “efusivas”. Neste sentido, é interessante observar a diferenciação feita entre a cordialidade e o estabelecimento de relações íntimas, ou seja, onde a intimidade – o número do telefone, o endereço, a casa (como espaço íntimo por excelência) – é efetivamente compartilhada. Conclui-se, portanto, que o compartilhamento da intimidade representa, para estes indivíduos, um aspecto valorizado e significativos para o estabelecimento do que entendem como relações pessoais – ou mais pessoais – em oposição à impessoalidade da rua, da metrópole.

Como já deve estar claro neste momento, pares como *roça* e *metrópole*, *casa* e *rua*, *comunidade* e *sociedade*, *pessoa* e *indivíduo*, perpassam toda a temática e o desenvolvimento desta investigação. No entanto, sustentamos que, ao invés de representarem oposições auto-excludentes, tais pares simbolizam tipos ideais de interação que se relacionam, combinam e complementam diante de variados contextos socioculturais. Neste sentido, vimos que a constituição de *pedaços* atua diretamente na articulação destas instâncias, fazendo com que a visão de mundo da casa seja expandida para o espaço público e, assim, Santa Teresa seja percebida como uma *roça* no meio do urbano.

Mas, se as categorias sociológicas da *casa* e da *rua* nos ajudam a situar o funcionamento e as dinâmicas destas relações no bairro, contribuindo até mesmo para a problematização dos discursos que as evidenciam, poderia ela também auxiliar na compreensão das interações entre anfitriões e hóspedes dentro do domínio privado, da casa? Poderia esta categoria servir, ainda, para o esclarecimento de questões relacionadas às motivações para o oferecimento deste tipo de hospedagem e a suas formas de desenvolvimento e/ou operacionalização? Na segunda seção deste capítulo de análise buscaremos discutir estes e outros questionamentos, “entrando na casa dos outros” e discutindo, então, as interações aqui enfocadas.

Em seguida serão apresentados e problematizados, portanto, os dados referentes às dinâmicas destes encontros, suas motivações, significações e inferências no uso do espaço – definições e redefinições de *regiões de bastidor* e *fachada*. Se na primeira seção os dados foram apresentados e discutidos em torno dos pares casa/ rua, metrópole/ roça, na segunda seção o par intimidade/consumo deverá assumir o papel central na estruturação dos dados e no desenvolvimento das reflexões acerca das interações e da hospitalidade comercial no cenário doméstico. É importante esclarecer, no entanto, que estes dois momentos de discussão voltarão a ser relacionados na elaboração das hipóteses e conclusões finais do trabalho.

4.2 A casa como cenário de encontros (extra) ordinários

Relacionadas às dualidades supracitadas, as interfaces entre consumo e intimidade chamam atenção nesta pesquisa desde a fase de delimitação de seu objeto. Nesta referida etapa, propusemos o conceito de hospedagem comercial domiciliar como uma noção capaz de dar conta desta complexa forma de acolhimento que desafia as lógicas e os domínios da hospitalidade.

Em seguida, apresentamos algumas discussões acerca do caráter de autenticidade de interações e experiências no turismo e na hospitalidade, concluindo que categorizações fundamentadas no que Zelizer (2009) descreve como dualidades perigosas falhariam em descrever e explicar satisfatoriamente estes temas. Isto porque, deixando de focar a compreensão e problematização das interações ou experiências em si, apoiam-se em referenciais questionáveis como as teorias dos mundos hostis e das esferas separadas. Sugiro, portanto, que é através do enfoque nas dinâmicas, nos significados e nos comportamentos relativos a estes objetos que se faz possível sua compreensão e problematização de maneira produtiva e distanciada de juízos de valor e de visões maniqueístas, tanto acerca do turismo quanto da hospitalidade.

Para isto, iniciamos este capítulo de análise apresentando os dados relacionados às formas de relacionamento entre moradores do bairro de Santa Teresa, suas práticas e locais de encontro e sociabilidade, ou seja, ao *ethos* descrito pelos entrevistados que, para eles, tanto marca a identidade desta localidade. Em suma, começamos nossas análises e contextualizações a partir do *exterior*, ou seja, daquilo que se passa fora das casas, em seu entorno delimitado pelo bairro em questão.

Chegamos agora à segunda etapa de reflexão e apreciação dos dados coletados: é o momento de “entrar na casa dos outros”. Esta seção será, portanto, dedicada à análise das peculiaridades, das dinâmicas e dos significados destes encontros entre anfitriões e hóspedes nestas hospedagens comerciais domiciliares²⁹. A partir do referencial teórico central previamente delimitado, buscamos responder aqui algumas questões interligadas e também norteadas pela seção anterior. Como são articuladas as instâncias de intimidade e de consumo nestas interações? Considerando a casa como uma representante de uma “região de bastidor por excelência”, como são redefinidas estas regiões dedicadas ao relaxamento da representação para o outro? Como

²⁹ É interessante destacar que, ainda que esta seção esteja focada nos encontros que ocorrem dentro das casas em questão, serão também mencionadas formas de interação entre hóspede e anfitrião que ocorrem fora deste cenário, como é o caso das atividades de lazer desempenhadas em conjunto.

estes moradores narram e compreendem as *performances* desempenhadas neste encontro com o hóspede e como eles definem e percebem estas novas plateias? Quais as possibilidades de aplicação da dinâmica da dádiva (Mauss, 2008) a estas trocas estabelecidas? Seria o pagamento financeiro responsável pela equiparação mecânica destas relações ou haveria aqui a presença do elemento *a mais* de que fala Godbout (1998)? Quais significados seriam atribuídos por estes moradores/ anfitriões ao oferecimento destas hospedagens e às interações estabelecidas? E, por fim, como estas interações parecem afetar a relação destes moradores com o bairro de Santa Teresa?

É interessante iniciar as apresentações e discussões dos dados destacando que, se na seção anterior as respostas encontradas sobre as percepções e relações com o bairro aproximaram-se de maneira surpreendente, quando o foco é voltado para o interior das casas e para as interações ali estabelecidas, os depoimentos e as observações realizadas variam de maneira mais significativa. Como já descrevemos no início desta dissertação³⁰, as formas de operacionalização das hospedagens distinguem-se de casa para casa, afetando diretamente a maneira como o cotidiano doméstico e o desempenho da atividade comercial são articulados.

Embora em todas as casas as *unidades de hospedagem* estejam fisicamente separadas do *núcleo domiciliar* da residência, as *performances* representadas por estes anfitriões e as formas através das quais eles lidam com a definição - ou redefinição das regiões de bastidor e fachada (Goffman, 2011) - são diferenciadas. Na Casa das Bananeiras, por exemplo, em virtude do oferecimento permanente de hospedagem por temporada, as *performances* representadas assumem um caráter mais comercial e profissional; o papel e a postura predominantes são as do *prestador de serviços*. Já delimitação da região de bastidor parece ora incluir todo o núcleo domiciliar, ora “afrouxar” estes limites, restringindo o acesso de hóspedes apenas aos cômodos considerados mais íntimos, como os quartos dos filhos e do casal e os banheiros (do núcleo).

Já na Cazazen, a delimitação destas regiões e as *performances* representadas atribuem aos encontros ali decorrentes um caráter mais próximo ao da *amizade*. Todos os espaços da casa foram abertos para visitação e para livre acesso e uso, ao menos durante o dia. Assim, a definição da região dedicada ao relaxamento da representação destes anfitriões parece ocorrer aqui mais em virtude do período do dia, ou seja, de um momento na rotina diária da casa, do que de um

³⁰ Ver a seção 2.4.

espaço físico e estaticamente delimitado para tal. Fica subentendido, portanto, que no período da noite, quando os moradores já se preparam para dormir, os hóspedes devem evitar acessar o segundo andar da casa dedicado aos quartos do casal e de sua filha, ainda que esta regra seja estabelecida apenas de maneira velada.

Outros fatores que corroboram tal interpretação são a aparente mínima alteração da rotina familiar e doméstica em virtude da entrada do hóspede e o tratamento praticamente indiferenciado dispensado para hóspedes pagantes – como era o meu caso – e hóspedes não pagantes, como era o caso de uma mulher argentina que havia chegado até esta casa através de amigos em comum e que ali estava hospedada “*como uma amiga também*” – apesar de não ter tido qualquer contato com os donos da casa antes da estadia.

Por fim, na Casa das Marias a *performance* de C. – principal responsável pela gestão das hospedagens na casa – pode ser descrita a partir da fala da própria moradora: “Ah, eu sou uma *mãezona*, né?!”. Destaca-se, portanto, neste desempenho a característica de preocupação com o cuidado do outro, de empatia pelo hóspede e dos esforços no sentido de lhe proporcionar um acolhimento quase maternal. Ao relatar o período em que recebeu um casal de franceses que esteve hospedado no carnaval, C. narra também suas dificuldades com o estabelecimento de limites e padrões comportamentais neste relacionamento:

Então... eu que sou mãezona. Eu gosto de saber se tá bem. Mas, assim... eu tento colocar um limite. Com eles eu acho que alguns parâmetros, por exemplo, tão dormindo, aí meu marido ‘não, vai passar o bloco [de carnaval], chama eles’. Aí, eu nunca que eu vou bater numa porta, nem pra ver um bloco, né? Tem que ter limite, e o limite é a pessoa acordar sozinha. Acho que a pessoa tá de férias, você vai bater? Então, assim, os limites, né? Que eu ficava muito preocupada em não invadir os limites, né, da pessoa... Porque isso eu acho que é só com a experiência que eu vou de repente, assim, traçar um limite concreto, porque cada pessoa é diferente uma da outra, então...eles mesmos procuravam muito, então eu acho que partiu muito deles me procurar, por eu falar a língua deles, então ficou mais fácil.

Entretanto, assim como nos demais casos, a delimitação da região de bastidores nesta residência também ocorre de acordo com as circunstâncias. Se por um lado C. demonstra insegurança ao discorrer sobre a necessidade e possibilidade de fornecer aos hóspedes a chave que daria acesso irrestrito ao *núcleo domiciliar*, por outro, também considera seus medos

relativamente infundamentados, chegando a relatar em outros momentos episódios onde teria, inclusive, oferecido aos hóspedes a liberação do acesso a estas áreas – em especial à cozinha, para o preparo de refeições³¹.

C.: Então assim... às vezes eu fico pensando assim...deixar a chave, dar a chave, né?! Você tem que também que transcender, né?! Que a pessoa tá com a chave. Se bem que aqui a pessoa não vai ficar com a chave da minha casa, fica com a chave do portão. Quer dizer, a chave lá [da casa] eu não dou, não tem necessidade. Mas, assim, eu fiquei pensando... falei assim ‘Hmm, será? A chave...tem que ter a chave...’. É, no início eu fiquei um pouco preocupada sim, mas eu pensei ‘Ah, não tem muito o que dar errado, né?!’ Assim, é um turista, né?! Eu fiquei pensando, acho que eu tô numa situação até mais cômoda, né?! Porque imagina, né?! A pessoa vir pra uma casa, não sabe como é que funciona, não sabe: ‘será que é legal? Será que tá limpo?’ Eu já tive em lugares muito ruins, né?! [...]

Como é possível perceber, então, as articulações entre intimidade e consumo diferenciam-se de casa para casa quando comparadas as formas de delimitação das regiões onde o acesso do hóspede é restrito, e as *performances* representadas por seus respectivos moradores – tendo os hóspedes como plateia. Contudo, se podemos distingui-las neste sentido, atribuindo à Casa das Bananeiras, por exemplo, um caráter mais “profissionalizado” de suas *performances* e de seus funcionamentos – preocupação esta observável no próprio depoimento dos entrevistados –, também podemos aproximá-las em outros aspectos.

Em primeiro lugar, todos os entrevistados parecem reconhecer a existência de riscos na prestação desta atividade comercial dentro da própria casa, entendendo, no entanto, que o turista ou hóspede, enquanto “não pertencente” ou “não conhecedor” daquele espaço, estaria vulnerabilizando-se em graus significativamente maiores. Outra questão é que, apesar das discrepâncias de discurso e *performance* apresentadas, todos os entrevistados relatam buscar algum tipo de informação prévia sobre os hóspedes que receberão. B. relata: “Ah, a gente teve muita sorte até agora.” L. completa: “A gente faz uma pequena entrevista pro cara entrar, sabe? A gente dá uma escaneada no cara, assim. Mas, até agora isso daí não foi uma coisa importante não. Nunca tivemos nenhum problema.”

³¹ C. (Casa das Marias): “Depois eu até falei com eles ‘se vocês quiserem fazer um macarrão, alguma coisa, pode fazer, não tem problema...’.”

No entanto, como também podemos observar na anterior fala de C., nestes outros casos os moradores também parecem concluir, a partir das experiências dos encontros já vividos, que apesar deste risco estar sempre presente, não seria motivo de preocupações muito representativas. A. e P. (Cazazen) narram um episódio que lhes teria “marcado a memória”, onde seus receios quanto a um hóspede que receberiam teriam se provado infundados - segundo suas próprias compreensões -, contribuindo, assim, para o posicionamento assumido por eles quanto a este tema:

P.: Mas, assim... é um risco... porque tudo na vida envolve risco. Mas, é um risco muito tangencial. Qual o risco que envolve? A gente já teve, por exemplo, quando o *B&B Brasil* nos mandou o Emanuel, que veio de um país da África do qual a gente nunca tinha ouvido falar. Quando a gente recebeu a reserva e tal, eu e ela ficamos pensando ‘Pô, será que é país mulçumano? O que que é esse troço que o cara vem? Quem será esse cara?’. Não por causa do preconceito, mas porque a gente sabe que é um lugar onde ainda tem muito conflito étnico, muito conflito...

A.: Será que eu ia ter que andar de burca?

P.: Será que a Anne ia ter que andar de burca? Ou botar burca? Aí ficamos assim... Aí eu pesquisei na internet o cara! Entrei na internet e procurei... o cara é um diretor de uma universidade lá! O cara fez doutorado na Inglaterra, cultíssimo, figura delicadíssima.

Parece, então, haver uma preocupação não somente com possíveis riscos da entrada destes indivíduos no cenário doméstico, mas também com forma de previsão da situação e preparação da própria representação. Como descreve Goffman (2011, p.11):

a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele se pode esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.

Em todas as casas foi observada uma segunda característica: ainda que de maneiras distintas, as relações de amizade ou intimidade e de consumo ou formalidade se misturam. Neste sentido, há afinidade entre as interpretações e conclusões desta análise e as encontradas por Zelizer (2008) ao estudar as relações de cuidados pessoais pagos.

As lógicas de proximidade e distanciamento, de amizade e relação comercial, de informalidade e formalidade se mesclam, assim, sendo acionadas em diferentes momentos e circunstâncias. Desta forma, compreensões como as de que as esferas afetivas e comerciais de relacionamento podem ser descritas e compreendidas de maneira dissociada, ou de que a inserção do pagamento financeiro corromperia necessariamente as possibilidades de estabelecimento paralelo de relações pessoais, informais e próximas provam-se, mais uma vez, inadequadas para a interpretação e análise dos dados empíricos encontrados nesta pesquisa.

Se todas as casas compartilham, assim, deste embaralhamento de instâncias, suas formas de acionamento e articulação diferenciam-se novamente. Enquanto na Cazazen o pagamento das hospedagens parece assumir um caráter bastante secundário, fazendo com que amizade e consumo pareçam misturados de maneira a praticamente impossibilitar a identificação isolada de cada instância, na Casa das Bananeiras a distinção destas esferas faz-se evidente em virtude dos conflitos gerados e percebidos em seus processos de articulação. Podemos observar tais conflitos na própria fala dos anfitriões que, em alguns momentos, destacam o caráter de amizade e intimidade desta relação: L. afirma: “Eles meio que viram moradores, né?”. B. também relata:

Ah, tem hóspede que vira amigo. Vai pra show junto, vai pra Lapa. Tem o nosso filho que tem uma banda. Aí a menina sobe pra ver o ensaio. Acho que esse é um diferencial grande pra outros lugares. A gente mais ou menos se envolve, conversa e tal. Quer saber se tá bem.

Em outros, exibem desconforto e insatisfação com o grau de envolvimento que entendem ter com seus hóspedes. B. conclui: “Eu acho que a gente interage às vezes até demais” e L. acrescenta: “No início a gente até se envolvia mais. Hoje a política é se envolver o mínimo possível com eles, porque senão fica fazendo esse laço afetivo que não é o caso.”.

Neste sentido, as interfaces entre o doméstico e o comercial são assumidas aqui como um conflito indesejado. Como na teoria dos mundos hostis (Zelizer, 2009), a interação entre estas instâncias é percebida como prejudicial para ambas, demandando, até mesmo, alguma estratégia capaz de dissociá-las. B. destaca em sua fala esta compreensão de uma espécie de comprometimento bilateral:

O que eu acho também... porque a gente mora aqui, a gente mora no primeiro andar. Então isso fica um pouco misturado. Talvez se a gente saísse daqui e transformasse tudo isso numa parte mais profissional, neste sentido de hospedagem, talvez seria mais fácil pra gente. Porque a gente ainda tem esse envolvimento...Aí você ver uma grande rotatividade de pessoas entrando na casa, é meio...isso que a gente tem uma certa resistência.

A insatisfação com esta impossibilidade de dissociação entre intimidade e trabalho é tão significativa que estes moradores indicam já fazerem planos para uma mudança de residência – e de bairro – a fim de transformar esta casa em um estabelecimento comercial, separando assim – em suas compreensões – estas instâncias supostamente conflitantes. Conforme relata B.:

A gente agora já tá pensando nisso [em se mudar]. Até porque pra tentar manter a coisa mais trabalho, mais profissional, a gente se deslocar um pouco do ambiente, pra coisa ficar mais certa... Transformar numa pousada a casa inteira. Aí a gente pensa em Laranjeiras, Flamengo. O Leonardo gosta muito do Flamengo, que é bem próximo daqui.

A situação desta casa é peculiar, portanto, não somente pela sua diferente operacionalização das hospedagens, mas pela situação limite narrada pelos entrevistados acerca dos conflitos percebidos entre intimidade e atividade comercial. A problematização deste conflito entre esferas deve levar em conta, ainda, outra questão fundamental: a motivação apresentada pelos moradores para o oferecimento de hospedagem comercial em casa. Em seus depoimentos, B. e L. (Casa das Bananeiras) deixam claro que o oferecimento destas hospedagens teria sido motivado por possibilitar, concomitantemente, a manutenção e reforma da casa, e a conquista de mais tempo livre para que dediquem a suas profissões de formação. L. relata: “O que interessava pra gente era que a casa fosse uma sustentação pra gente começar a conquistar um pouco mais de qualidade de vida. Quer dizer, eu com as Artes Plásticas e a B. com o Design. A gente veio pra conquistar tempo.” B., por sua vez, também explica:

É, partiu dessa ideia de manter a casa. Como a casa, é... a gente comprou ela muito assim em ruínas, a gente tinha que gerar uma receita pra manter ela. Começou com isso, Espaço Bananeiras, que tinha uma pizza, tinha forno a lenha, tinha música, e foi a forma

que a gente começou. E depois isso aí começou a ser muito trabalho, e a gente não tinha nem tempo dele fazer a arte. Aí pensamos: vamos fazer uma coisa mais tranquila. E mais rentável também, porque era muito interessante o espaço assim, na parte cultural, mas, realmente, não dava pra manter.

Ao observarmos esta motivação inicial e o papel que estas hospedagens têm para seus respectivos donos podemos compreender melhor as razões para que estas interfaces entre atividade comercial e intimidade sejam percebidas por eles como, mais do que conflituosas, indesejáveis. Ainda que sejam operacionalizadas em caráter permanente e predominantemente com estadias por temporada, esta atividade assume, na realidade, um caráter de segundo plano quando comparada com as atividades profissionais de formação de cada um – ainda que seja perceptível nas falas dos entrevistados uma discrepância de preferências e opiniões.

Apesar de ambos indicarem ressalvas, B. demonstra maior interesse em investir nesta atividade de hospedagem, ampliando sua atuação para estadias de curta duração – por diárias e não por temporada. Já L. prioriza a conquista de mais tempo para o desenvolvimento de seu trabalho como artista plástico, até mesmo rejeitando o envolvimento com as atividades e hóspedes que, segundo entende, “dariam mais trabalho”. Destaca, ainda, que – pelo menos para ele – este seria apenas um meio possível para a satisfação e o atendimento de suas necessidades, podendo ser substituído por outro de acordo com a demanda, a lucratividade e o consumo de tempo apresentados:

E o que a gente - eu pelo menos - tô sempre pensando é, assim... eu preciso de tempo. Então, eu nem posso, nem mesmo nesse segmento de hospedagem, que isso me consuma tempo. Assim, por isso a casa é dividida mais ou menos ao meio. Ela tem uma parte que é meio república, de estudantes que ficam de 6 meses até 1 ano, e dão muito menos trabalho do que uma rotatividade de gente que entra pra passar 2 ou 3 dias e disso a Beatriz cuida mais. Então, na minha cabeça tem isso, assim... fazer essa atividade na medida em que isso me consuma pouco tempo. Isso que é engraçado. O que interessa é a engrenagem, qual é a engrenagem que vai possibilitar me dar tempo? Assim, não que eu me interesse por hospedagem. Por acaso é a hospedagem. Por uma questão externa, de bairro e de cidade e dos eventos. É isso. Pode amanhã ser outra coisa.

Contudo, ainda que tenha como motivação central este suporte de sua carreira profissional nas Artes Plásticas e que às vezes chegue a perceber esta atividade como uma

ameaça aos estes objetivos, L. também demonstra apreciar a oportunidade de conhecer outras pessoas, suas vidas e culturas. Neste sentido, relata:

Quem diria, né?! Que a gente ia conviver com todo esse povo, né?! Muito legal... Eu sempre converso um pouquinho com eles, aí é muito legal saber da vida deles, como é que é na Áustria, entendeu? É incrível, né? Tudo limpo...

Mesmo neste caso, onde a motivação está fortemente voltada para o aspecto financeiro da relação, principalmente para L., com as hospedagens funcionando como uma forma de suporte para outras atividades, é possível observar a presença de elementos que contrariem as crenças de uma incompatibilidade entre atividade comercial e a dinâmica da dádiva descrita por Mauss (2008). Na realidade, tomando como referência as observações de campo e os depoimentos colhidos nas entrevistas com os anfitriões/ moradores, vamos ainda mais além, sustentando que é possível observar a presença da dádiva nas interações e trocas decorrentes em todas as casas pesquisadas.

Conforme indica Godbout (1998, p. 18), “a dádiva também pretende sujeitar os outros sistemas à sua lei, que consiste em liberar a troca e fazer surgir algo imprevisto, fora das regras.” Assim, como descrevemos no capítulo anterior, este elemento *a mais* seria responsável por manter viva a relação de troca e reciprocidade, rompendo com equivalências mecânicas e calculáveis do mercado. Nestes termos, é possível afirmar não somente que nenhuma destas relações entre hóspedes e anfitriões em questão ocorre – em virtude de seu caráter comercial – de maneira puramente racional, calculista, mecânica e interessada, mas também que em todas elas existe a presença de elementos que transcendem a equiparação mercadológica.

Se considerarmos de maneira literal e formal, a modalidade de hospedagem de tipo *bed and breakfast* – ou cama e café – deveria gerar, para os anfitriões, somente a obrigação do oferecimento de uma cama ou espaço para alojamento – incluído aí um banheiro que pode ou não ser compartilhado – e uma refeição diária de café da manhã. Entretanto, todos os moradores visitados descrevem - explicita e implicitamente – a oferta ou fornecimento de elementos que transcendem esta equiparação decorrente do pagamento. São almoços, jantares, *tours* pelo bairro, dicas de lazer e viagem, auxílio em atividades básicas como sacar dinheiro no banco, pegar o metrô ou o ônibus correto e enviar correspondências; em suma, um misto de consultoria local e

cuidado. B. (Casa das Bananeiras) afirma: “Já teve hóspede que precisou ir no médico aí bate lá em cima e a gente leva e tal.” C. (Casa das Marias) também relata:

Assim, quando eles chegavam eles falavam, e como era carnaval e eu estava em casa, aí então eles chegavam da rua “oi!”, aí entravam, eu dava um guaraná, entendeu? Era uma coisa assim. Ficou muito próximo, né?! E como eles não tinham muita experiência com Brasil, então a gente...eu tive que ficar ajudando muito, entendeu? Faz isso, não pega ali, ali você pode pegar um táxi...não, ali você pode ir de metrô. Entendeu? Então, acho que foi assim. Uma orientação, tive que orientar muito, eles não tinham muita noção, né?! Então eu tive que ligar pra escola de samba, sabe aquela coisa assim de turista?

P. (Cazazen) – que conta já ter trabalhado muitos anos com turismo e é guia credenciado - também afirma realizar *tours* com seus hóspedes, além de levá-los antes em seu terraço para – fazendo uso da vista panorâmica – contar um pouco da história do bairro e da cidade do Rio de Janeiro. Para ele, esta seria uma prática realizada “por prazer e para ajudar o cara que não conhece a se situar.”

Outro aspecto relevante é que todos os entrevistados relatam realizar atividades de lazer com seus hóspedes, fator este que corrobora tanto a presença de um elemento *a mais* como marca da dádiva, quanto o entrelaçamento e convivência destas duas instâncias erroneamente categorizadas como *hostis* ou *auto-excludentes*. Além disso, as práticas de lazer realizadas em conjunto relacionam-se, ainda, com outro fator interessante inserido nestas reflexões após as inserções no campo: a questão da autenticidade.

Entretanto, se no terceiro capítulo deste trabalho fizemos uso de discussões que procuravam determinar o caráter de autenticidade de interações e experiências no turismo e na hospitalidade como um caminho para demonstrar que suas interpretações e descrições estão embebidas no que Zelizer (2008) chamou de dualidades perigosas, aqui a autenticidade aparece como questão ou mesmo categoria nativa, como podemos observar claramente no depoimento de P. (Cazazen):

Olha, na minha cabeça lar é refúgio. E sob este ponto de vista, adoro ter gente em casa. Se eu puder eu encho a casa de gente. Eu gosto de receber. Eu gosto muito mais de receber pessoas na minha casa do que de ir na casa dos outros. Mas, acho que todo tempo tem a ver com isso. Com essa ideia de que é um refúgio, é um lugar onde eu sou

mais autêntico, a máscara que eu preciso usar é a mais leve. Porque eu trabalho de terno, trabalho numa instituição que é extremamente careta, extremamente fechada... Pô, é um negócio que é um outro mundo, é um formalismo extremo. Então aqui a gente pode não ser formal e a impressão que a gente tem é que um turista que vem para um cama e café ele quer exatamente isso: que você seja menos formal, essa coisa de uma rotina de casa, de vida doméstica, né?! Nunca vi ninguém reclamar disso. Criança, bicho, e tal...

Vale enfatizar aqui alguns pontos abordados por P. nesta declaração. Primeiramente, destacamos a associação feita entre as noções de autenticidade e refúgio como caracterizantes da casa como uma região comportamental onde as representações de fachada podem ser relaxadas. Logo, as noções citadas pelo entrevistado podem visivelmente classificar sua percepção da casa como uma região de bastidor, onde “o ator pode descontraí-lo, abandonar a sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem.” (GOFFMAN, 2011, p. 107).

Mas, tal aproximação demanda, ainda, maiores problematizações. Os conceitos goffmanianos de fachada e bastidor como regiões comportamentais referem-se sempre a uma plateia respectiva. Neste sentido, a plateia à qual o entrevistado inicialmente se refere está representada pelos seus chefes, colegas de trabalho e, em suma, por aqueles indivíduos que para ele simbolizam o que chamamos na seção anterior de *ethos* da metrópole – destacada aqui a exacerbada formalidade como aspecto marcante e rejeitado. Neste ponto, podemos perceber as conexões entre a fala supracitada e as descrições do bairro de Santa Teresa – e principalmente dos aspectos apontados como vantagens ou qualidades deste local – apresentadas na seção anterior.

No entanto, com a abertura da casa - seja para amigos ou para hóspedes -, novas plateias são estabelecidas, e com elas, novas e diferenciadas representações e delimitações regionais. Neste sentido, podemos observar no próprio trecho em questão que a combinação entre a percepção da casa como um refúgio (em relação à representação de um papel exacerbadamente formal, em suma, um bastidor) só está associada ao prazer e à vontade de abrir a casa porque há também um entendimento de que o que estas novas plateias virão a buscar ou esperar como representação é exatamente aquilo que este morador quer “representar”; são, assim, plateias “eleitas” pelo convite imbricado na próprias relações de hospitalidade.

O mesmo perfil e interesse dos hóspedes aparecem também no depoimento de B. e L. (Casa das Bananeiras):

B.: Eu acho até que o gringo que vem pra cá, até pra essa casa, tem essa identidade. O gringo que vem pra Santa Teresa, ele quer mesmo ter essa coisa meio da roça. Ele não quer ter muito contato. Ele quer isso, entendeu? Ele não quer um super hostel que tenha tudo perto... Ele quer experimentar talvez até a precariedade, não sei.

L.: Eles param, conversam, falam português. Eu acho isso incrível. Isso é um dado muito curioso, assim, porque aqui eu vejo: tem muito raramente um ou outro que não fala português.

B.: É, e isso mudou, né? No começo a gente se esforçava pra se expressar. Hoje em dia não tem isso. Eles querem falar.

L.: Eles no mínimo falam um espanhol, arranham um espanhol. E isso é uma diferença enorme. Então, assim, é uma vontade dos caras de se integrarem.

Neste sentido, se por um lado a interferência do doméstico no comercial pode ser percebida como prejudicial e indesejada pelos entrevistados – como vimos no caso de B. e L. (Casa das Bananeiras) -, aqui elas aparecem como alvo das próprias demandas dos hóspedes recebidos. Há, portanto, um grande interesse nesta “autenticidade”³² supostamente resultante da ausência ou de uma menor representação. Configura-se, então, uma busca pela maior aproximação possível de respostas para questões como “o que é ser *local* em Santa Teresa” e das sensações ou experiências de “*estar em casa fora de casa*”. Tais lógicas estão intrinsecamente associadas ao interesse em integrar-se, consumir e experimentar o *local*, como pode ser observado na fala de P. (Cazazen):

O meu primo que faz Cama e Café lá embaixo, em Ipanema, a grande questão é essa: o turista que vem pra Santa Teresa fica dentro de casa e fica no bairro. Procura conhecer o bairro. O turista que vai pra Ipanema, ele quer uma cama. Ele acorda de manhã e *vaza*, praia, não sei o que... ele vai pra cidade. E a gente vive essa possibilidade, do cara acordar de manhã, tomar uma café muito lentamente, ir se integrando à cidade.

³² É importante esclarecer e reafirmar que a noção de autenticidade utilizada nesta seção diz respeito a uma categoria nativa, relativa “ao que é ser um morador de Santa Teresa” segundo as percepções destes moradores entrevistados. É proposital, portanto, a não correlação desta noção com as discussões teóricas apresentadas no capítulo anterior, as quais buscam determinar o caráter de autenticidade de interações e experiências no turismo e na hospitalidade.

Na Casa das Bananeiras, como os períodos de estadia costumam ser por temporada e, portanto, mais longos, B. chega a descrever sua observação sobre o processo de transformação e integração destes indivíduos à cultura, à identidade e ao *ethos* local: “Essa menina chegou assim meio gordinha, branca, e ela foi se transformando, foi ficando morena, sabe? Ficou com uma sensualidade que ela não tinha.”

Como um desdobramento do episódio ocorrido com o africano Emanuel³³, P. e A. (Cazazen) trazem à tona dois aspectos interessantes relacionados aos interesses destes hóspedes. O primeiro seria a questão do cuidado já citado anteriormente. O outro aspecto diz respeito à lógica do “sentir-se em casa”, aparente tanto quanto demanda do hóspede, como também como intenção ou motivação do hospedeiro. É interessante observar, assim, a satisfação de P. ao declarar ao sentir-se bem sucedido em proporcionar a atmosfera do “sentir-se em casa” para este indivíduo.

P.: Ele ficou aqui em casa uma semana e com três dias ele sentou e falou aqui pra gente... No primeiro dia que ele chegou, ele chegou e falou pra Anne: ‘Por favor, me alimente. Cuide de mim.’ Porque ele veio de uma viagem de avião com uma fome medonha, aí a Anne deu uma sopinha pro cara. Um negão, assim da cor do teu casaco. Grande.

A.: Ele já chegou falando... chegou e falou: ‘*I need a square meal*’³⁴.

P.: Aí ele, com três ou quatro dias, - era um grupo e cada um tava hospedado em um lugar, cada um de um país - aí com alguns dias, ele chegou aqui pra gente e contou que ele tava lá, no congresso e tal, tava fazendo uma apresentação, ele é um especialista em pesca, e o grupo que tava com ele, lá do país dele, conversando e tal disse: ‘Ah, vamos pra tal lugar...’ e ele disse: ‘Não, não...eu vou pra casa dormir porque eu tô cansado.’ Aí os caras disseram: ‘Pra casa?’. E ele nos disse: ‘Eu falei pra casa, saiu naturalmente, porque eu estou me sentindo como se estivesse em casa.’ Não sei se ele quis dizer isso com relação ao local, ao ambiente, porque ele mora num local com mais mato, menos cidade, ou se ele tava falando da hospitalidade da gente. De qualquer maneira a gente ficou muito feliz de ver que o cara se sente em casa na nossa casa. É isso que a gente quer com isso. Cama e café pra gente é uma coisa de fazer os outros se sentirem em casa.

Assim, tais dinâmicas e motivações evidenciam outra característica da dádiva presente nestas relações: sua capacidade ou propriedade de converter *o outro* em *semelhante*. Logo, em consonância com o que observa Lanna (2000, p. 176) entendemos que também nestes casos:

³³ Ver p. 95 desta dissertação.

³⁴ “Preciso de uma refeição completa.” Tradução da autora.

Ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador. Ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dádiva aproxima-os, torna-os semelhantes. A etnografia da troca dá ainda um novo sentido às etiquetas sociais. Por mais que estas variem, elas sempre reiteram que, para dar algo adequadamente, devo colocar-me um pouco no lugar do outro (por exemplo, de meu hóspede), entender, em maior ou menor grau, como este, recebendo algo de mim, recebe a mim mesmo (como seu anfitrião).

É possível aqui fazermos uma aproximação entre os dados expostos e trabalhados nesta segunda seção e aqueles que apresentamos na seção anterior. Se a dádiva representa um movimento ou uma relação de mistura e aproximação entre os envolvidos, ela pode servir não somente para explicar uma progressiva – ainda que parcial – transformação do hóspede em *local*. Enquanto marca do *ethos* deste bairro descrito pelos entrevistados, ela também pode ser compreendida como um importante elemento para a assimilação de estrangeiros como moradores locais. Funciona, enfim, como uma ferramenta capaz de substituir hostilidade por hospitalidade, promovendo a inserção do outro nos *pedaços* descritos na primeira seção.

Conforme descreve Magnani (1984, p. 139) “pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade, estão sempre latentes, pois todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo.” O oferecimento da dádiva como símbolo da proposta para o estabelecimento do vínculo é, então, um elemento chave responsável pela intermediação desta entrada do outro no espaço e de sua transição das condições simbólicas de *estrangeiro* para *local*.

Este fator explicaria, ainda, porque, mesmo antes do oferecimento destas formas de hospedagem, o estrangeiro já representava para estes entrevistados uma figura que faz parte de seu cotidiano, não sendo percebida em si mesma como extraordinária. Quando questionada sobre esta figura, C. (Casa das Marias) responde: “A gente tem aqui o nosso vizinho... ele não é turista, ele mora aqui, né?! Ele veio, é alemão, o Norbert. Veio dar aula, e ele já não é mais turista aqui, dois anos...”. Desta forma, a figura do turista parece assumir aqui o significado da noção de estrangeiro definida por Simmel (2005, p. 265, 271) como aquele que é:

fixo dentro de um determinado raio espacial, onde sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo

fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se. [...] O estrangeiro, o estranho ao grupo, é considerado e visto, enfim, como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico do grupo, cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social.

Tanto a conversão do *outro* em semelhante, quanto a questão da autenticidade levantadas por P. perpassam também os demais depoimentos, ainda que de maneira menos explícita. Mas, se anteriormente elas estavam relacionada especificamente ao comportamento na casa e sua significação, agora ela aparece principalmente relacionada às práticas – ou mesmo recomendações - de atividades de lazer com os hóspedes.

Neste sentido, a realização de atividades de lazer em conjunto parece envolver algumas inferências significativas para a relação entre morador e bairro. Em primeiro lugar, a demanda destes hóspedes por conhecer e vivenciar o “autêntico” como noção-símbolo do que estaria mais próximo da realidade vivida por seus hospedeiros em Santa Teresa acaba por suscitar nestes moradores/ anfitriões necessidades de questionamento, revisão e elaboração de questões como: O que é, para mim, ser um morador de Santa Teresa? Quais são os espaços de lazer e sociabilidade que me representam? E o que é Santa Teresa para mim? P. declara:

A gente que tenta passar pra eles uma visão que seja mais a visão de um habitante do bairro, e não uma visão turística, de vir aqui, olhar as vistas e tal. Eu acho que é mais o contrário: a gente é que influencia a percepção das pessoas sobre o que é, de fato, o bairro. Então a gente leva pro [Bar do] Gomes, leva o cara ali pra ele ver uma rodinha de gente conversando... é essa coisa que o cara, se vier como turista, ele vai ficar atrás de uma câmera e não vai ver.

Desta forma, a busca pelo atendimento destas demandas apresentadas pelos hóspedes, parece influenciar tanto a elaboração da representação de si para esta plateia quanto também os processos de identificação destes moradores com Santa Teresa. A interação com o hóspede funciona, portanto, como um importante fator de reedição ou mesmo reafirmação constante destes aspectos.

Além disso, apesar de a figura do estrangeiro não representar uma “novidade” para estes moradores – como demonstramos anteriormente -, ela é também “reencarnada” pelo turista que passa a representar aquele que, de fato, é visto como “de fora”, como “diferente”. Logo, a noção

de *estrangeiro* assume aqui uma significação ambígua: ora simboliza aquele que veio e ficou, o vizinho, o que está próximo e que é percebido como parte da localidade; ora simboliza o turista como aquele que, ainda que também seja brasileiro, cristaliza a figura daquele que – ao menos ainda - não pertence ao espaço.

L. (Casa das Bananeiras), por exemplo, atribui à figura do estrangeiro que vem “para ficar”, “para investir”, um papel significativo na recuperação e revitalização do bairro, apontando-o como um personagem que teria inclusive maior identificação com Santa Teresa do que moradores de outras áreas da cidade:

Quem recuperou Santa Teresa foram os estrangeiros, não foi o carioca da Zona Sul que até hoje tem preconceito, acha que Santa Teresa é um lugar que vai estragar o carro dele, que vai ser assaltado, porque tá na memória dele isso. E não tem gente aqui que interesse pra eles. Quer dizer, um cara do Leblon, de Ipanema... A Zona Sul consome Santa Teresa sim, né? Mas, eu digo não pra morar. Eu digo, quem recuperou Santa Teresa... O cara vem pra um barzinho. Tô falando pra comprar uma casa e investir 600 mil, 1 milhão, 2 milhões, só estrangeiro, cara! Não pense que tem brasileiro investindo aqui. É muito raro.

A figura do turista, por sua vez, parece assumir leituras e significações positivas nas falas dos entrevistados. O turista é descrito como aquele que traz consigo a capacidade de reavivar tanto o bairro, quanto o olhar que o morador local tem de Santa Teresa, movimentando a economia local e oferecendo-lhe *novos* ângulos e significados para *os mesmos* espaços. Em suma, através de suas interações, promove revisões e releituras dos processos de identificação e significação destes moradores com espaços e localidades de Santa Teresa – assim como com o próprio bairro. Partindo de outro contexto referencial, o turista apresenta motivações diferenciadas e direciona seu olhar “para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual.” (URRY, 2001, p. 18) Podemos observar tais processos na fala de C. (Casa das Marias):

Acho que cada pessoa que for vir, acho que afeta sim, porque coisas que eu nem ligava mais e aí o turista ‘ah, que coisa!’, aí você ‘ah, realmente!’. O olhar é renovado. Eu vejo muito que essa minha amiga da Áustria, quando ela vem, aí eu me transformo também um pouco em turista, né?! ‘Não, vamos ali...vamos sentar...’. Aí eu meio que relaxo um

pouco, né, e começo a apreciar coisas que eu não...que eu até poderia fazer, mas a vida cotidiana, a rotina, né?! Você acaba fazendo outras coisas e acaba não tendo muito tempo. Mas é interessante, porque ela fala assim ‘Não, vamos ali. Tem uma caipirinha. Tem uma sopinha. Nossa como tá bonito aqui!’, aí eu começo olhar assim e, sabe, porque você já tá muito tempo num local você já não olha mais a beleza, né?! É tudo tão comum, você olha todo dia. Aí acaba que ela acaba, às vezes, sendo minha guia. Ela vem pra passar dois meses, aí eu começo de novo a visitar Santa Teresa.

Ainda nesta direção, parece também haver uma espécie de processo de validação – tanto individual quanto coletiva -, através de um sentimento de orgulho gerado pelo interesse do outro. C. (Casa das Marias) relata esta validação, observando:

Uma pessoa que vem lá da Europa ficar na minha casa, sabe assim?! Aquele sentimento assim: ‘Pô, bacana! Então eu tenho alguma coisa legal para oferecer pra alguém, entendeu? Acho que isso é um sentimento bom, né? [...] é bom você ver que tem um bairro que chama atenção, pela história, pelas coisas antigas, as pessoas gostam. Não sei, acho assim, pô, bacana. O bairro tem essa coisa assim, algumas casas muito bonitas, o Castelinho, tal...

Como desvantagens da atividade turística na localidade, os entrevistados destacam o barulho de festas, bares e restaurantes, e a dificuldade em estacionar o próprio carro nas ruas dos bairros nos finais de semana, em virtude do grande número de turistas e visitantes que sobem as ladeiras de carro. Contudo, ainda que a entrada e frequência de turistas em Santa Teresa também seja alvo de ressalvas e reclamações por parte de todos estes moradores, a grande queixa apontada diz respeito à gestão pública do turismo e – como apresentamos na seção anterior – à transformação do perfil e da identidade do bairro. O que era, para eles um bairro residencial, fortemente ancorado em relações pessoais, informais e regidas pela lógica da vizinhança – contidas no *ethos* de cidade pequena descrito na seção anterior -, vem gradativamente sendo sobreposto por uma identidade turística formatada, vendida e, principalmente, voltada para privilegiar o atendimento do turista. Podemos observar tais colocações no depoimento de C.:

Por outro lado, eu fico pensando: o bairro é tão turístico e que ninguém dá, quer dizer, quem pode, eu digo assim, as autoridades, acho que não olham dessa forma, não tem esse olhar. Você vê a tragédia do bondinho, o bondinho não voltou. O descaso e, assim, parece que tudo que fecha aqui se transforma em algo pro turista. Pro morador nada. Então, aqui embaixo tinha um armarinho, vendia agulha, presentinho... se transformou agora num restaurante, num bar. Tinha lotérica aqui também. A lotérica fechou. Aí vai

ver ali, já tá abrindo um bar. Tinha padaria, a padaria fechou. Foi um baque. [...] E o barulho. Nós temos um amigo que mora aqui, aqui nessa rua principal e ele falou que não consegue dormir, por causa do bar que abriu. Tinha uma mercearia também ali. Fechou, agora abriu um bar que não tem isolamento acústico, nada aqui, né? Então, quer dizer, fica o barulho. Então, quem vem acha lindo, piano... mas, pro morador é complicado, porque a pessoa dorme cedo, acorda cedo, e como é que faz com o barulho? Então, assim, tem esse lado que me preocupa muito assim, sabe? Como moradora eu tô um pouco preocupada de estarem fazendo as coisas só para os turistas e pro morador, né? Parece que querem expulsar a gente.

A partir destas observações podemos concluir que a atividade turística ocasiona inferências contraditórias na relação estabelecida entre morador e bairro e em seus processos de identificação com o mesmo. Por um lado, promove a releitura e revisão de significações de espaços e a validação de seus valores através do olhar do *estrangeiro* e de seus interesses. Por outro, compromete a identificação do morador com o bairro, em virtude de sua controversa gestão pública e do favorecimento da substituição de investimentos e infraestruturas voltados para o morador local por aqueles que visam atender às demandas de turistas e visitantes.

Por fim, o oferecimento destas formas de hospitalidade pode ser relacionado ao *ethos* de cidade pequena atribuído ao bairro de Santa Teresa, marcado pela informalidade, pelas relações pessoais e pelas lógicas de vizinhança e familiaridade. Isto porque, entendemos que ambos simbolizam estratégias alternativas de resposta para o crescente processo de individualização que gradativamente impõe noções como as de racionalidade, utilidade e interesse como explicações hegemônicas para toda e qualquer forma de relação. A dádiva presente tanto nas relações estabelecidas entre moradores locais, quanto entre hospedeiro e hóspede serve, então,

para se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente à humanidade, cada vez mais que se dá algo a um desconhecido, um estranho [...]é fundamentalmente para sentir essa comunicação, para romper o isolamento, para sentir a própria identidade. (GODBOUT, 1998, p. 20)

Se autores como Bauman (2008b) sustentam que as lógicas do mercado e do consumo estariam hegemonicamente transformando as pessoas em mercadorias, impondo seus funcionamentos como resposta para os “vazios identitários” de indivíduos perdidos na liquidez da modernidade contemporânea, as observações e interpretações deste trabalho empírico

comprovam que existem diversificadas formas de resposta para este movimento de individualização que manifesta-se, ambigualmente, em suas instâncias quantitativa e qualitativa (Simmel, 2005).

Assim, se de fato podemos reconhecer a presença de inseguranças nestes movimentos que gradativamente internalizaram os processos de identificação (Bauman, 2008b), as respostas geradas e encontradas são, no entanto, mais variadas do que propõe este autor ao afirmar que – como um funcionamento generalizante - os indivíduos estariam passando a se sentir e se comportar como mercadorias na ânsia por identificação.

O que observamos nesta investigação é que, apesar de se tratar de um objeto empírico onde a intimidade e o cenário doméstico são, de fato, comercializados, esta lógica citada acima não prevalece. Ao invés disso, paralelamente, a sociedade é vivida como comunidade através da dádiva presente em suas relações de bairro e, a hospitalidade parece simbolizar, enquanto virtude moral e espiritual, a esfera do “outro mundo” na articulação complementar entre códigos sociais da casa e da rua. Conforme descreve DaMatta (1997, p. 11)

as leituras pelo prisma do outro mundo são falas inteiramente relativizadoras e muito mais inclusivas, onde as misérias do mundo são criticamente apontadas. Seu tirocínio é que há um outro lugar e uma outra lógica, que nos condena a todos a uma igualdade perante forças maiores do que nós.

Sustentamos, portanto, que estas formas de hospitalidade podem ser compreendidas como fatos sociais totais por envolverem trocas que, longe de representarem relações estritamente mercadológicas, relacionam-se, também, com outras instâncias da vida social, como a afetiva e até mesmo a espiritual. Como demonstrou Zelizer (2008), as interfaces entre intimidade e consumo não estão, necessariamente, isentas de conflitos e ambiguidades, mas interagem nestas relações como dualidades complementares e indissociavelmente entrelaçadas.

Ainda que a gestão pública e o direcionamento da oferta turística possam estar comprometendo esta identidade de cidade pequena percebida e valorizada por estes moradores, os encontros de hospitalidade aqui abordados parecem, por sua vez, fortalecer os processos de identificação destes entrevistados com Santa Teresa, promovendo oportunidades de validação,

releitura e ressignificação. As identificações com o bairro mantêm-se, assim, não pela conservação estática das identidades espaciais, coletivas e individuais, mas através de processos dinâmicos que permitem sua flexibilização e reelaboração constantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivada pelo interesse central de discutir e compreender interfaces entre turismo e hospitalidade, esta dissertação abordou cenários, objetos e interações complexos, perpassando diversas questões e aspectos. Em primeiro lugar, propôs o conceito de *hospedagem comercial domiciliar* como uma noção capaz de diferenciar hospedagens de caráter lucrativo e não lucrativo, desenvolvidas no cenário doméstico e, ainda, configurar uma forma de hospitalidade que simultaneamente transcende e entrelaça domínios.

Questionou também a fundamentação de discussões sobre a autenticidade de experiências e interações no turismo e na hospitalidade no que Zelizer (2009) descreve como dualidades perigosas. Em consonância com tal autora, sustentou que teorias como as das esferas separadas e dos mundos hostis representam caminhos ineficazes e imprecisos para a descrição e interpretação de relações sociais, compreensão esta corroborada pelos dados encontrados nesta investigação.

A análise tomou a memória destes encontros elaborada pelos anfitriões entrevistados como caminho central de investigação, objetivando problematizar suas motivações, percepções e compreensões acerca do bairro de Santa Teresa e da hospitalidade prestada. Ao externalizar e compartilhar suas memórias acerca destas interações, os entrevistados evidenciaram questões de grande relevância para a pesquisa, como, por exemplo, suas formas de articulação entre consumo e intimidade, o entrelaçamento de instâncias presente em todas as interações e a presença da dádiva como um elemento que transcende a relação comercial. O caso ocorrido com o hóspede africano Emanuel (Cazazen), o envolvimento com o carnaval (Casa das Marias) e o processo de transformação da hóspede americana que teria “ganhado uma sensualidade que não tinha” (Casa das Bananeiras) foram alguns dos acontecimentos que, narrados como marcas nas memórias destes indivíduos, foram problematizados e sistematizados para a análise dos significados, das inferências e das dinâmicas destes encontros.

Tal opção metodológica fundamentou-se, portanto, na combinação de entrevistas semiestruturadas e observação participante, simultaneamente realizadas ao longo dos períodos de estadia – três dias e duas noites - em cada casa pesquisada. Assim, a partir de uma abordagem

que privilegiou a descrição e a interpretação das interações entre hóspedes e hospedeiros em hospedagens comerciais domiciliares - sob a perspectiva destes últimos -, investigou as formas de articulação entre consumo e intimidade, impessoalidade e pessoalidade.

Apesar de diferenciarem-se pelas formas de operacionalização das hospedagens e pelas distintas articulações entre consumo e intimidade, a Cazazen, a Casa das Bananeiras e a Casa das Marias ligam-se através da existência de um elemento *a mais* que insere nesta relação de hospitalidade a marca e a dinâmica da dádiva. Em todos os três casos, a hospitalidade pareceu representar um fato social total, entrelaçando e permeando diversas esferas da vida social.

Observou-se que a dádiva pode simbolizar um elemento chave na elaboração e manutenção de respostas alternativas para fenômenos evidenciados na contemporaneidade, como a aceleração do tempo, o crescente processo de individualização e a fraturação do espaço vivido.

O bairro de Santa Teresa apresentou diversas peculiaridades que evidenciaram uma relação de mútua influência entre o *ethos* de cidade pequena, descrito pelos entrevistados, e as motivações e dinâmicas envolvidas nas interações entre hóspedes e anfitriões. Deste modo, foi possível compreender como, ainda que possa ser interpretado como uma estratégia de resposta dupla, em virtude da contra-visão negativa e acusatória que caracteriza o bairro de Santa Teresa como um região moral (Park, 1987) e das condições contemporâneas já descritas -, este *ethos* tem sua valorização combinada e condicionada pelas possibilidades de livre trânsito e acionamento do que descrevemos aqui como *roça e metrópole*.

Além disso, esta aproximação com funcionamentos e comportamentos de cidades pequenas está fundamentada na constituição de espaços de sociabilidade significados e apropriados como *pedaços* (Magnani, 1984, 1996, 2002). Estes *pedaços*, por sua vez, funcionam como ferramentas para a constituição e manutenção de redes de relações responsáveis pela constituição de coletividades – os que pertencem ao *pedaço* – e, conseqüentemente, pela promoção de sentimentos e crenças de maior estabilidade, pertencimento e identificação. Ao interagirem nestes espaços, os moradores locais não somente compartilham e revisam memórias pessoais ou particulares, mas também constituem novas memórias elaboradas pelo grupo. A memória aparece, portanto, como um destes elementos envolvidos na constituição, reformulação e manutenção de identidades ou identificações.

Além do mais, estes espaços de transição entre o privado e o público, simbolizam ferramentas fundamentais para a transformação promovida pela dádiva do outro ou estrangeiro em semelhante ou local. Tal inserção parece estar relacionada, por um lado, ao caráter de *roça cosmopolita* de Santa Teresa que não só atrai, acolhe estrangeiros e artistas, e, por outro, ao perfil do turista que consome este tipo de hospedagem no bairro de Santa Teresa. Como demonstram os próprios entrevistados, a figura do estrangeiro faz parte do cotidiano local, e o interesse por uma suposta autenticidade – o que é ser local? – marca as demandas de seus hóspedes.

Logo, a autenticidade aparece nesta investigação como categoria ou noção evidenciada pelos próprios nativos em relação às significações da casa e às reformulações de representações de si. Por um lado, simboliza um cenário onde é possível o relaxamento de representações percebidas como excessivamente formais e distantes do que este morador gostaria de ser. Por outro, emerge como uma questão a partir das próprias interações: a prática de atividades de lazer em conjunto com os hóspedes e suas demandas pelo conhecimento e consumo do que é “ser local” em Santa Teresa suscitam questionamentos, revisões e reelaborações nos anfitriões/moradores locais. Tanto representações de si quanto processos de identificação são, assim, revisados, reformulados e/ ou reforçados em virtude destes encontros.

Sustenta-se que esta pesquisa e seus resultados podem contribuir para a construção do conhecimento em diversas áreas, favorecendo a formulação de visões mais críticas e menos maniqueístas e caricatas do fenômeno turístico, corroborando as proposições de Zelizer (2009, 2011) acerca da indissociabilidade entre esferas ou instâncias, enriquecendo as discussões acerca da presença da dádiva em relações marcadas pelo caráter comercial e, por fim, evidenciando a memória como um caminho possível – e profícuo - para investigações interacionais.

Estudos futuros que proponham óticas diferenciadas também podem ser beneficiados pelos resultados aqui obtidos. Podem, através de um processo inverso, focar a perspectiva do hóspede, dedicando-se à compreensão de suas motivações e das inferências destas relações para seus processos de identificação e para sua representação de si, ou mesmo analisar a relevância socioeconômica desta atividade de hospedagem comercial domiciliar para Santa Teresa. Outro desdobramento interessante para novas pesquisas seria a comparação entre os comportamentos, formatos e dinâmicas destas práticas neste e em outros bairros também desempenhariam um papel de grande relevância para a produção de conhecimento sobre estes temas.

Longe de objetivar o esgotamento das discussões que levanta, esta pesquisa tem como um de seus principais legados a corroboração de interações como caminho relevante e profícuo para a problematização e compreensão microscópica de elementos, fenômenos e comportamentos. Pode suscitar, ainda, diversas outras investigações que aprofundem discussões sobre alguns dos pontos aqui abordados como, por exemplo, o processo de significação de Santa Teresa como uma região moral (Park, 1987), a constituição e reformulação de memórias da casa em razão da inserção de hospedagens comerciais em seu cotidiano, o papel do estrangeiro para a constituição de identidades para o bairro, e a observação detalhada das relações entre estes *pedaços* e as respectivas redes de relações que originam e sustentam.

A sociodramaturgia goffminiana e a dinâmica da dádiva de Mauss (2008) podem ser, ainda, alvo de múltiplas aplicações e aproximações para a compreensão mais aprofundada das dinâmicas envolvidas em *pedaços* como estes, assim como para a descrição e explicação das diversas formas de estratégias de resposta elaboradas por grupos e indivíduos em meio às peculiares condições da contemporaneidade. Os conflitos observados entre a gestão pública do turismo no bairro e as demandas e os interesses de moradores locais suscita, também, pesquisas ligadas às áreas de políticas públicas a fim de que novos caminhos de conciliação possam ser propostos, fomentando, assim, o desenvolvimento econômico local de maneira mais sustentável.

Em meio ao contexto contemporâneo tão fortemente marcado pela mobilidade, pela aceleração do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido, compreender o fenômeno turístico em suas interações face a face significa compreender também grupos e indivíduos concomitantemente como reflexos e atores neste cenário sociocultural. Além disso, se a hospitalidade comercial representa um tema de grande relevância para a discussão das interfaces entre consumo e intimidade – como buscamos demonstrar aqui -, a dádiva enquanto dinâmica ou modelo pode simbolizar, ainda, um importante caminho alternativo para o questionamento e problematização da hegemonia e dominância paradigmática da teoria da ação racional (Godbout, 1998).

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. In: MANA, v. 7, n. 2. Rio de Janeiro: outubro de 2001, páginas 7-33.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e desenvolvimento do Turismo. In: *Horizontes Antropológicos*, ano 9, n. 20. Porto Alegre: 2003, páginas 15-29.

_____. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papius, 2003b.

_____. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: *Turismo em Análise*, v.15, n.2. São Paulo: novembro de 2001, páginas 133-149.

_____. *Os estudos antropológicos em turismo no Brasil: uma história recente*. In: GRABURN, Nelson *et al.* *Turismo e antropologia: novas abordagens*. Campinas: Papius, 2009.

BAPTISTA, Isabel. *Lugares da hospitalidade*. DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

BARTH, Fredrik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BATISTA, Claudio Magalhães. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. In: *Caderno Virtual de Turismo*, v.5, n.3. Online, 2005, páginas 27-33.

BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Identidade no mundo globalizante*. In: A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008b.

BEDIM, Bruno Pereira; DE PAULA, Heber Eustáquio. “Relatos visitados”: História Oral e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas. In: *Caderno Virtual de Turismo*, v.7, n.1, 2007, páginas 63-77.

BINET-MONTANDON, Christiane. *Acolhida: uma construção do vínculo social*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo; Editora Senac, 2011.

BOORSTIN, Daniel J. *The image: a guide to pseudo-events in America*. New York: Vintage Books, 1992.

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Apresentação à edição brasileira: o estudo da hospitalidade*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CARNEIRO, Sandra; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Antropologia, religião e turismo: múltiplas interfaces. In: *Religião & sociedade*, vol.24, n.2. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER), janeiro de 2004, páginas 100-125.

COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções: Dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2006.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARKE, Jane; GURNEY, Craig. *Como alojar? Gênero, hospitalidade e performance*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade*. Baurueri: Manole, 2004

DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; SIQUEIRA BUENO, Marielys (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneiro Thompson Learning, 2003.

EDERSON, Tim. *Performing tourism, staging tourism*. Tourist Studies: Londres, 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FEIFER, Macmillan. *Going places*. London: Macmillan, 1985.

FERGUSON, James; GUPTA, Akhil. *Mais além da cultura: espaço, identidade e diferença*. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FREIRE, Doia; PEREIRA, Lígia Leite. *História oral, memória e turismo cultural*. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Maria Celina (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. P.121-130.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *A construção da favela carioca como destino turístico*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GOTMAN, Anne. A encenação da hospitalidade. In: BUENO RAMOS & GRINOVER, Lúcio. *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.

_____. O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*, v.6, n.2. São Paulo, dezembro de 2009, páginas 3-27.

GRABURN, Nelson H. H. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, Valene L. (ed.). *Hosts and guests : the anthropology of tourism*. Second edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. Cap. 1, p. 21-36.

_____. The anthropology of tourism. In: *Annals of tourism research* , v. 10, n. 1. Pensilvânia: 1983, páginas 9-33.

GRASSI, Marie-Claire. *Hóspede: uma figura da ambiguidade e do estranho*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2011.

_____. *Hospedaria: do albergue ao hotel*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2011.

_____. *Hospitalidade: transpor a soleira*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2011.

GRINOVER, Lúcio. *Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado*. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Editora Manole, 2002.

_____. *A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade*. *Revista Hospitalidade*, ano. 3, n. 2. São Paulo: 2006, páginas 29-50.

GUIMARÃES, Vera. Globalização e mobilidade: as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. In: *Contemporânea*, edição 18, v.9, n.2. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM), 2011, páginas 9-20.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A., 2004.

HANNAM, Kevin, SHELLER, Mimi, URRY, John. Editorial: mobilities, immobilities and moorings. *In: Mobilities*, v. 1, n. 1. London: março de 2006, páginas 1-22. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17450100500489189>> Acesso em 13/01/2013.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional*. In: MANA, v.3, n.1. Rio de Janeiro, abril de 1997, páginas 7-39.

KYOKO WADA, Elizabeth. *Reflexões de um aprendiz em hospitalidade*. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; SIQUEIRA BUENO, Marielys (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneiro Thompson Learning, 2003.

LANNA, Marcos. Note on Marcel Mauss's *essai sur le don*. In: *Revista Sociologia Política*, v.1, n.14. Curitiba: junho 2000, páginas 173-194.

LASHLEY, Conrad. *Para um entendimento teórico*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.

LEAL, Rosana Eduardo da Silva. A etnografia no estudo do Turismo sob a perspectiva antropológica. In: VII SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 20 e 21 de setembro de 2010. Universidade Anhembi-Morumbi: São Paulo, setembro de 2010, páginas 1-12.

LYNCH, Paul; MACWHANNELL, Dorren. *Hospitalidade doméstica e comercial*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade*. Baurueri: Manole, 2004

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no pedaço: cultura popular na cidade*. São Paulo: Edusp, 1984.

_____. *Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). Na metrópole - Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, EDUSP: 1996.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n. 49. São Paulo: junho de 2002, páginas 11-29.

MACCANNELL, Dean. *The tourist: a new theory of the leisure class*. Berkeley: University of California Press, 1999.

MAIO, Ivone dos Passos. Antropologia e Turismo – reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras. In: IV SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7 e 8 de Julho de 2006. Caxias do Sul, RS: 2006, páginas 1-12.

MARTINS, Paulo Henrique; NUNES, Brasilmar Ferreira (org). *A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

MARTINS, Carlos Benedito. A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das ciências sociais. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 26, nº77. São Paulo, outubro de 2011, páginas 231-241.

MASCARENHAS, Marcelo Augusto; FLECHA, Angela Cabral. Cama e Café: hospitalidade e capital social na preservação do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL – TERRITÓRIO, CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, junho de 2004. Universidade de Santa Cruz do Sul: Rio Grande do Sul, 2006, páginas 1-14.

MASSEY, Doreen. *Um sentido global de lugar*. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

_____. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edição 70, 2008.

MONTANDON, Alain. *Espelhos da hospitalidade*. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2011.

NASH, Dennison. *Tourism as a form of imperialism*. In: SMITH, Valene L. (ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Second edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. Cap. 2, p. 37-52.

_____. Tourism as an anthropological subject. In: *Current anthropology*, v. 22, n. 5. Chicago, outubro de 1981, p. 461-481.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos de identidade. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v.3, n.3. Associação Brasileira de História Oral, 2000, p.109-116.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Introdução ao Turismo*. Madrid, 2001.

PARK, R. E. *A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In, Velho (Org). O FENÔMENO URBANO. 4ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

PEIXOTO, Fábio. Identidade local do bairro de Santa Teresa: uma análise de uma “comunidade” na metrópole carioca. XIII ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, junho de 2008. Rio de Janeiro, 2008, páginas 1-9.

_____. Entre a memória e a história: uma comparação entre os processos de patrimonialização dos bairros de Santa Teresa (Rio de Janeiro) e Alfama (Lisboa). XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 19 A 23 de julho de 2010. Rio de Janeiro, 2010, páginas 1-17.

PIMENTEL, Ana. *Bed and Breakfast – Um projeto de desenvolvimento turístico sustentável no sul da Itália*. In: *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=6825&cat=&ws=0>. Acesso em: 13/04/2013.

_____. B. *Hospedagem domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: o espaço de encontro entre turistas e anfitriões*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arq_anexos/arqteses/anapimentel.pdf. Acesso em: 10/01/2013.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v.5, n.10, p.1-15, 1992.

PRADO, Ana. *Os sentidos da transformação: arte, cultura e espaço urbano em Santa Teresa - RJ*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: UFF, 2006.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. Vol V. São Paulo, Cia das Letras. 1992.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 5ª Ed, 2008.

ROIM, Talita Prado Barbosa; SANTOS, Rodrigo Amado dos. Cultura e Turismo: reflexões sobre possíveis relações socioculturais entre turistas e nativos. In: *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, ano IX, n.17. Garça: Editora FAEF, junho de 2012, páginas 15-23.

SELWYN, Tom. *Uma antropologia da hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade*. Baurueri: Manole, 2004.

SILVA, William Cléber Domingues *et al.* O sistema de hospedagem domiciliar no Rio de Janeiro: uma análise introdutória no bairro de Santa Teresa. In: *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, ano IX, n.17. Garça: Editora FAEF, junho de 2012, páginas 1-14.

SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, G. O. (org.). *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. In: MORAES FILHO (org). São Paulo, Ática, 1983.

_____. *O estrangeiro*. In: MORAES FILHO (org). São Paulo, Ática, 1983b.

_____. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In: *Mana*, v.11, n.2. Rio de Janeiro, out. 2005, páginas 577-591.

SIQUEIRA, Euler David. O turista, o estrangeiro e o viajante: notas para uma sociologia do turismo e da viagem. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007, páginas 1-15.

SIQUEIRA BUENO, Marielys; ROLFSEN SALLES, Maria do Rosário; BASTOS, Sênia. Hospitalidade: Trajetórias e Possibilidades. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, jul.2010. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/09/bsb.html. Acesso em: 20/06/2013.

TELFER, Elizabeth. *A filosofia da "hospitalidade"*. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. Em busca da hospitalidade. Barueri: Manole, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TURNER, Louis; ASH, John. *The golden hordes: international tourism and the pleasure periphery*. New York: St. Martin's Press, 1976.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.

VITULE, Maria Luisa. *Guia de Viagem - cultura e mundo contemporâneo*. São Paulo: Ed. Unimarco, 2003.

ZELIZER, Viviana A. Dualidades perigosas. In: *Mana [online]*. V.15, n.1, janeiro de 2009, páginas 237-256.

_____. *A negociação da intimidade*. Coleção Sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.